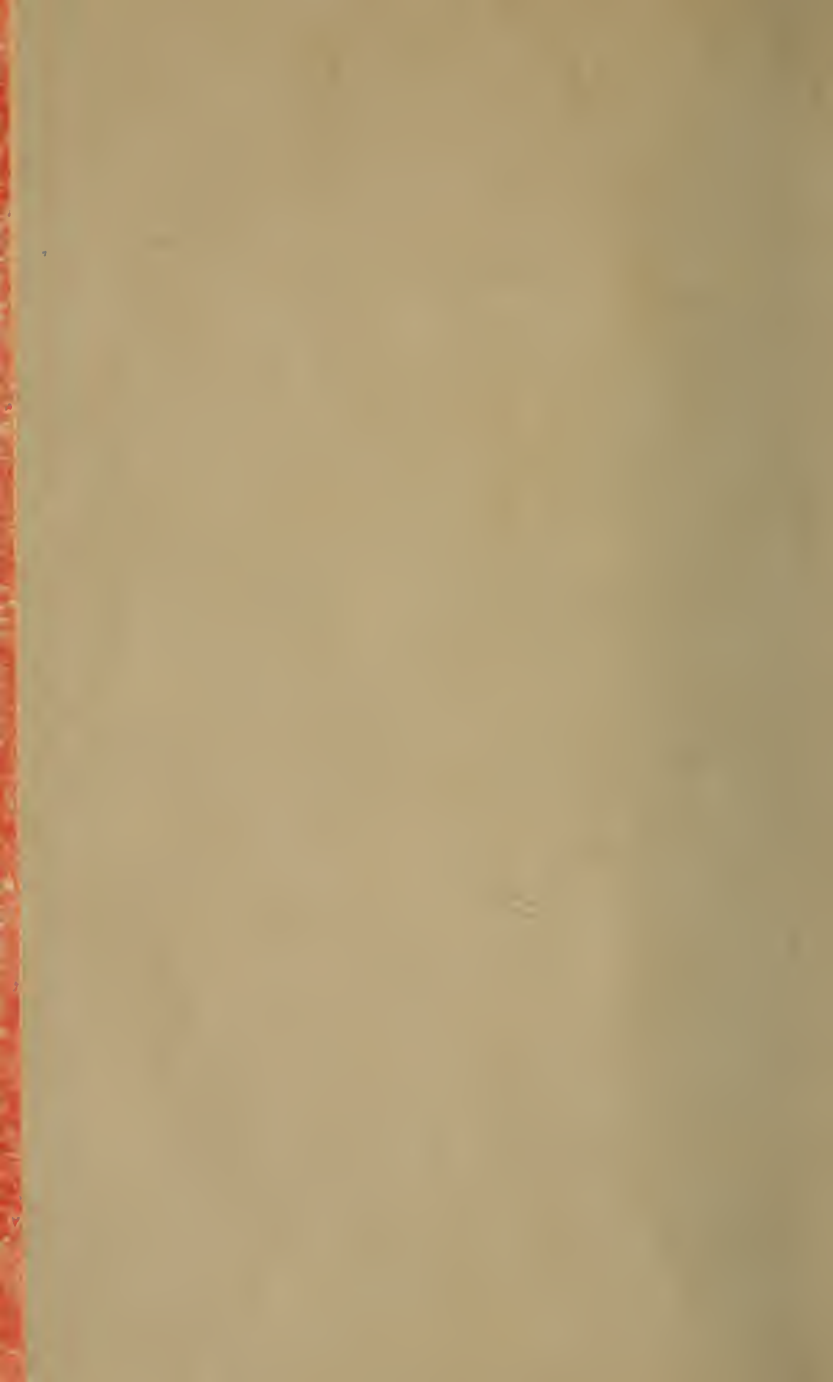


3 1761 07321132 8








O CONSUMMADO GERMANISTA

E

O MERCADO DAS LETRAS PORTUGUEZAS



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

O CONSUMMADO GERMANISTA

(Vulgo o snr. JOSÉ GOMES MONTEIRO)

E

O MERCADO DAS LETRAS PORTUGUEZAS

ANALYSADO .

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Stultus si tacuerit, pro sapiente reputabitur. . .

Wie sich Verdienst und Glück verketten,
Das fällt den Thoren niemals ein.
Wenn sie den Stein der Weisheit hätten,
Der Weise mangelte dem Stein.

(Goethe, FAUST. 2 Th.)

Mangel an Charakter der einzelnen forschenden und schreibenden Individuen, ist die Quelle alles Uebels unserer neuesten Literatur.

(Goethe. Eckermann, GESPRÄCHE.
Vol. 1, pag. 154.)



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

1873



PT
33
665V3

Se o nescio se callasse... podia passar por
sábio, mas fallando...

Como o merito e a felicidade se casam,
É cousa que aos nescios nunca lembra.
Se tivessem a pedra da sapiencia,
Faltar-lhes-hia o sabio!

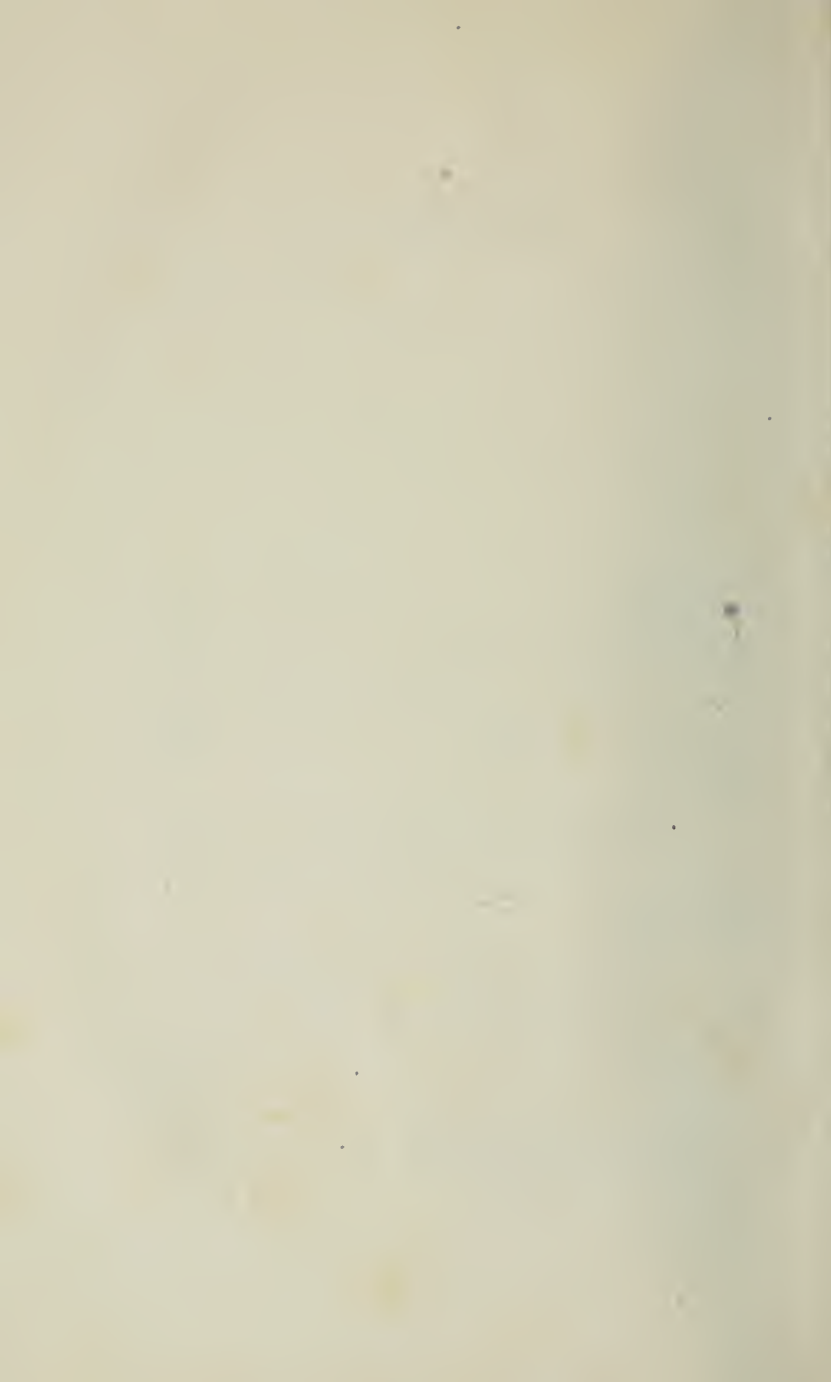
(Goethe, FAUST, 2.^a parte)

A falta de character dos differentes individuos,
que escrevem e que investigam, é a origem de to-
dos os males da nossa novissima litteratura.

(Goethe, *Conversações com Eckermann*,
vol. I, pag. 154.)

INDEX

Ao leitor.....	ix-xiv
I. A nossa posição.....	1-17
II. Castilho julgado em 1829.....	19-27
III. « O consummado germanista », como litterato e como homem.....	29-56
IV. As fontes de consulta.....	57-74
V. A Allemanha e os Allemães.....	75-86
VI. Goethe:	
a) Goethe e as leis da historia litteraria.....	87-92
b) Goethe avaliado no seu character, como ho- mem.....	93-107
	} 87-107
VII. As relações entre Goethe e Schiller.....	109-118
VIII. A Tragedia:	
a) Primeira e segunda parte.....	119-140
b) Preludio no theatro — Prologo no céu... ..	140-149
	} 119-149
IX. Os personagens da Tragedia: Mephistopheles — Faust — Margarida.....	151-160
X. Bagatellas.....	161-178
XI. Conclusões ultimas.....	180-185
Notas.....	187-192
Appendice sobre a lenda faustiana.....	193-209
Ao publico (documentos).....	I-VIII



AO LEITOR

O publico é uma grande massa, um mar, em cujo seio ha monstros e bellezas — animaes repugnantes, e outros d'um organismo tão admiravel, tão subtil e fino, que facilmente consolam o olhar no meio de tanto aborto.

Entre a massa do publico temos amigos e inimigos, estes em maior numero, não porque lhe hajamos dito alguma verdade que elle não mereça, mas porque trabalhamos e lhe lembramos *ipso facto* a sua preguiça, porque lhe antepomos um ideal, que elle não quer ter, porque ideal sem *sacrificio*, ninguem o alcança, e o maior numero quer *gozar*, gosar a todo o preço, nem admitte que ninguem lhe venha fazer reflexões á sua vida airada; assim se esquecem do dito de Goethe: «*Geniessen macht gemein*» — *O gozar envilece*. A antipathia é pois natural; não depõe contra a pessoa, está nos factos e nas leis psychologicas, embora se lancem na balauça algumas verdades amargas que lhe havemos dito — e que conti-

nuaremos a dizer. Os nossos adversarios appellam para os sentimentos mais baixos d'essa massa — o publico —; appellam para os seus appetites mais banaes e mais grosseiros; tem pois o applauso dos histriões, que nós não podemos ter. Essa litteratura official dá-lhes dramas, novellas, romances, brochuras e outras miudezas da litteratura, traduzidas, facturadas, rapsodiadas ou plagiadas, de Arsène Houssaye, Ponson du Terrail, Paul e Henri de Kock, Dumas filho, P. Féval, *et similia*, (1) isto é as produções e as ideias da *langue verte*.

Por tal preço, por tal papel de Judas, não queremos a popularidade, e assim como elles tem do seu lado a massa, temos é contentamo-nos nós com a sympathia de alguns poucos amigos e de mais alguns adeptos, que não conhecemos, mas que compram aquillo que escrevemos. (2) É para esse estreitissimo circulo que trabalhamos e damos estas linhas, este livro e os outros já escriptos, e se não o havemos declarado, não é por não estar isso já expresso por nós indirectamente em outros trabalhos, mas por não se ter offerecido um motivo.

Os nossos adversarios admirar-se-hão da boa fé e da clareza com que avaliamos a nossa posição — esta mesma franqueza os revoltará; temos muita pena que assim seja, mas repetimos: papel de Judas, não o queremos, vender a nossa consciencia e traficar com os baixos instinctos da massa, a troco de uma segunda, terceira, de-

(1) Os pares d'estes senhores em Portugal são Camillo, P. Chagas, Santos Nazareth, e outros habitantes da Liliput litteraria.

(2) De *O Faust*, etc., venderam-se uns 100 exemplares, a fóra uns 30 vendidos na França e Allemanha e alguns poucos para o Brazil.

cima ou vigésima edição (1) — isso é glória que recusamos.

Além d'isso, levamos a indulgencia mais longe ainda — reconhecemos que essa maioria, ainda que quizesse, não podia entender-nos, e que os eleitos d'ella pouco acima ficam do seu nivel e da sua percepção intellectual.

Ha ainda um elemento que nos é adverso: o jornalismo em geral, salvo um ou dous periodicos, porque a maioria é dirigida por esses mesmos chefes litterarios da massa, que especulam duplamente. Desde o primeiro ensaio recusamos mandar os nossos trabalhos a jornaes portuguezes, quando esta especie é tão abjecta (salvo pouquissimas excepções), que um litterato de Lisboa, do proprio centro do **Elogio-mutuo**, socio da Academia Real das Sciencias (?) e amigo de Castilho, os classificou ainda ha mezes, sic:

«O proprio jornalismo politico (2) parece deixar já entrever as sombras do occaso. É antes uma mercancia que uma missão augusta.» E mais acima:

«Finalmente, nunca se mostrou, como hoje se nota, uma deficiencia mais completa, no seio da litteratura usual e da critica activa, de escriptores conceituosos, instruidos, independentes e laboriosos.» (3)

(1) O *Univers illustré*, de 10 de Dezembro de 1872, annunciava a 39.^a edição de *l'Homme-femme*, de Dumas filho; ainda que descontemos metade, não deixa o facto de ser vergonhoso para a França, que parece não haver «nada esquecido, nem nada aprendido», segundo o exemplo dos Bourbons; em Portugal teve o folheto, trad. por S. Nazareth, duas grandes edições!

(2) Que é ao mesmo tempo litterario (nota do auctor). Notaremos ainda, que as redacções costumam mandar vender os livros offertados com abatimento, e por vil preço.

(3) J. M. Andrade Ferreira. *Litteratura, Musica e Bellas-Artes*. Lisboa, 1872, vol. II, pag. 51.

Continuaremos a apontar as chagas, conforme forem irrompendo da gangrena geral, e como o nosso campo é o litterario, porque a politica ha muito que está entre nós prostituida, continuaremos a apontar para a nossa ruina.

«A falta de character — diz Goethe — dos differentes individuos, que investigam e que escrevem, é a origem de todos os males da nossa novissima litteratura.» (1) Isto dizia-se já em 1825, e nós estamos no anno de 1873.

«Então vi eu que para a maioria a sciencia só lhe serve emquanto é um ganha-pão, e que até divinizam o erro, quando d'ahi tiram a subsistencia.» (2)

A esse bando de *condottieri* litterarios, que infectam o nosso mercado, diremos ainda com Goethe:

«Muitos são assáz espirituosos e tem conhecimentos, mas tem tambem a vaidade, e a troco da admiração da massa ignorante — não conhecem o que é o pudor, nem ha nada que lhes seja sagrado.» (3)

A rapidez com que foi delineada esta resposta, escripta em 12 dias, explica-se facilmente, e não é milagre que seja difficil realisar, uma vez que se tenha conhecimento do que se trata e uma clara ideia dos pontos de vista da critica. Não temos a louca pretensão de dizer novidades sobre um assumpto discutido por tantos homens de profunda sciencia. Goethe diz algures n'uma passagem das suas obras: que tudo o que nós

(1) Eckermann. *Gespräche mit Goethe*. Leipzig, 1868. 3.^a ed. vol. 1, pag. 154.

(2) *Op. cit.*, vol. 1, pag. 155.

(3) *Op. cit.*, vol. 1, pag. 156.

pensamos já foi pensado, mas o que podemos reivindicar, é o processo porque *de novo* pensamos e estudamos os assumptos já tratados. Eis a modesta parte que nos cabe no que vae escripto; a melhor opinião que nós formamos sobre as condições da existencia alheia e da nossa propria, á proporção que vamos estudando, é já uma recompensa bem valiosa, e que por vir do fôro intimo da nossa consciencia ninguem nol-a póde disputar. Davamos bem triste attestado de nós, se fossemos procurar o premio de nossos esforços á meza d'outro juiz, e se por isso nos offendessemos com as palhaçadas dos adversarios que tripudiam diante do publico com asserções que são ao mesmo tempo a propria sentença dos accusadores impudentes. Affirmamos aqui o que ainda mais vezes repetiremos: esta resposta é um incidente n'uma discussão, que está naturalmente na nossa esphera de trabalho; é uma exposição de ideias que se aqui não tivesse tão bom ensejo para apparecer á luz, sahiria em outro lugar. Voltamos serenamente aos nossos trabalhos sobre a *Archeologia artistica* (1) para darmos a nova edição critica do *Catalogo da Livraria d'El-Rey D. João IV*.

(1) Vae entrar no prélo o fasciculo III:

Os Artistas do Catalogo da Livraria de Musica d'El-Rey D. João IV. Seculos xv-xvii. Precedido d'um ensaio historico-critico ácerca do mesmo Catalogo in-4.º gr. de cerca de 120 pag. Para se avaliar a importancia capital d'este Catalogo, diremos só que extractamos d'elle mais de 1:000 nomes de artistas, dos quaes cerca de 440 não se encontram citados em obra alguma, desde Brossard (1703) até Fétis (1866) e H. Mendel (1873, em via de publicação). O fasciculo iv, enjo manuscripto está prompto, entrará pouco depois para indemnisar os assignantes da demora forçada a que o difficil estudo do Catalogo nos obrigou, para pôr o fasciculo III á altura do assumpto.

que, como sabemos pelo nosso sabio amigo Mr. Ferdinand Denis, é esperada com impaciencia em Paris.

Isto que escrevemos são documentos modestos, mas talvez um dia uteis para a nossa futura historia moral e litteraria, porque um povo que tolera que o colloquem como um histrião e um miseravel no palco da publicidade — está perdido, ou prestes d'isso:

«Representou-se ha tempos, n'um dos theatros de Lisboa, uma Revista do anno. Entrava n'ella uma anã escarnecida, ludibriada. **A anã representava Portugal.** A platéa ria a bandeiras despregadas, e applaudia na proporção em que ria. Este facto do abatimento proprio rido e applaudido não é só uma pagina significativa de historia, é um facto que merece a mais sisuda reflexão.» (1)

Não soubemos o que dizer, quando ha dias lêmos isto, nem sabemos classificar qual dos sentimentos em nós prevaleceu. Com horror lemos esta sentença, lavrada em publico pelo proprio interessado: «Portugal escarnecido por portuguezes.» Tudo o que já referimos pois, (2) de Gervinus (3) e de Scherr, (4) ácerca da nossa miseria intellectual e moral, ainda era pouco — e mesmo nada á vista d'isto.

Porto, 5 de maio de 1873.

(1) D. Antonio da Costa. *Tres Mundos*. Lisboa, 1873, pagina 346.

(2) Estas palavras foram escriptas depois de terminado o manuscrito.

(3) Vide o capitulo 1: *A nossa posição*.

(4) Vide o mesmo capitulo.

CAPITULO I

A nossa posição

Nunca tivemos receio de affirmar publicamente o nosso modo de vêr nas cousas de Portugal, com risco de perdermos os applausos da maioria e mesmo d'aquelles que se julgam os privilegiados no meio d'essa maioria.

O nosso credo affirmamol-o já em 1870 de uma maneira decidida, e das nossas affirmações moraes e scientificas, não retractamos uma virgula. Os nossos principios estão n'esses dois campos, de pé como então, e uma vez que o snr. Gomes Monteiro estabeleceu entre um paiz e o filho d'esse paiz, deveres, seja-nos licito dizer como nós os entendemos.

Nascemos em Portugal; a existencia physica prende-nos aqui, mas essa é fragil e póde durar apenas a existencia regular de uma vida; a existencia intellectual e moral devemol-a á Allemanha; é inutil pois avaliar de que lado pesa a balança. De Portugal não temos até

aos 10-11 annos (1) outra recordação, senão a repugnancia inextinguivel, e que ainda dura, de dois ou tres collegios onde nos haviam mettido (2), collegios, que apesar de passarem então pelos primeiros do Porto, só podemos classificar pela memoria, de fôcos de immundicie, physica, moral e intellectual (3). Em 1865 voltavamos da Allemanha para ir cursar a Universidade, que nos pareceu só em ponto grande, o que os collegios haviam sido para nós até 1859, em ponto pequeno (4).

Eis o que conhecemos da esphera intellectual da nossa terra; o resultado foi um retraimento nos estudos que haviamos começado na Allemanha, isolamento tanto mais fatal, em vista do profundo nojo que nos inspirava a sociedade em que haviamos entrado, sociedade sem principios, sem seriedade, sem ideal, immersa no pñrenesi dos gosos mais infimos—digna filha de despotas e frades—*par nobile fratrum*.

A sentença que haviamos proferido no nosso intimo, não a formulamos sem dôr—embora não o acreditem aquelles que em nada crêem, e que dão todavia ex-

(1) Saímos em 1859 para Hamburgo.

(2) Somos orphão desde os 4 annos.

(3) Ainda hoje estão no mesmo nivel, como se pôde vêr pelos edificantes *communicados* dos jornaes, com que os Directores entre si, Mestres e Directores se mimoseiam, disputando-se a concorrencia do negocio; os especuladores mudaram de nome, mas o trafico continua.

(4) Uma das primeiras surpresas que nos estava reservada, foi vêrmos entrar, pouco depois da nossa chegada uns tres lentes, um apoz outro, pela porta dentro, pedindo-nos a traducção de umas passagens de um jornal allemão: depois soubemos que o unico individuo que sabia a lingua allemã em termos, em Coimbra, era um professor allemão, alli residente.

pressão ao seu *entranhado amor da patria* em palavras ôcas.

Nós preferimos o trabalho ininterrupto a favor da gloria d'essa terra, e para nos convenceremos de que o Portugal que viamos, não era o Portugal de outr'ora, procuramos a custo de um constante trabalho e de constantes sacrificios, debaixo da mascara moderna, as antigas e nobres feições da nossa individualidade nacional. Conseguimos lavar algumas máculas, e esse trabalho improbo, em que o resultado corresponde tão pouco ao esforço, continuamol-o ainda.

Não nos accusa a consciencia, unico juiz que conhecemos, de havermos falseado o principio adoptado. Se desmascaramos miserias, foi porque entendemos que a gangrena não se cura encobrindo-a com emplastros, porque digam, affirmem, escrevam, declamem, phantasiem o que quizerem — a nossa decadencia é palpavel e profunda, se analysarmos a nossa existencia com as duas unicas medidas possiveis, e sob os dois aspectos que fazem viver ou morrer uma nação — *a existencia moral e intellectual* (1).

Mintam embora ao publico, torçam e falseiem a verdade — ella triumphará, aqui como em toda a parte. É por isso, que entre todos os que na Europa nos conhecem e julgam, somos nós os unicos que mentimos á nossa consciencia. O que a Europa pensa de nós, não o desmentem palavras ôcas, mas acções decididas e an-

(1) Podem-nos argumentar com a nossa existencia economica, aliás triste, mas em que se tem observado ultimamente algumas melhoras apparentes, mas a esses espiritos ingenuos lembremos a França; os seus milhares de milhões não a salvaram.

tes de nós havermos chegado ás amargas conclusões que apontamos, já a sentença havia sido lavrada, por quem sabia e podia: «Em nenhum dos povos meridionaes se desenhão as máculas peculiares do typo romano-catholico, de uma maneira mais viva, do que nos portuguezes.» (1) Isto escrevia-se em 1858; vejamos uma outra auctoridade respeitavel em 1872: «Portugal mostra no meio da sua deploravel ruina, até onde despotas e frades—*par nobile fratrum* podem conduzir um paiz que a natureza inundou em abundância com os seus dons mais ricos; se os hespanhoes salvaram no meio dos desastres da sua decadencia politica uma somma de qualidades nacionaes e pessoaes, que promettem um futuro, succede com os visinhos o contrario; a bestialisação clerical, (sic: *kirchliche Verthierung*) a decadencia e abjecção moral e social dos portuguezes é tão grande, que a esperanza em um futuro melhor, mal se deixa entrever. Leia-se com cuidado a historia moderna de Portugal, ouça-se com attenção o que dizem os viajantes e imparciaes investiga-

(1) «Bei Keinem der südlichen Völker treten die eigenthümlichen Schattenseiten des romanisch = katholischen Typus greller hervor als bei den Portugiesen». (*Geschichte des neunzehnten Jahrhunderts*, vol. III, pag. 418.)

Depois do grande historiador haver dito, que as riquezas do Oriente haviam sido ainda mais fataes para Portugal, do que as do Occidente para Hespanha, por causa da nossa maior indolencia, e depois de mencionar os effeitos da usurpação e da inquisição, diz a seguinte tremenda verdade: «A tomada do Brazil aos hollandezes depois da restauração, pôde considerar-se como uma nova desgraça; as riquezas inexhauriveis de ouro e pedras preciosas facilitaram ao portuguez, inmerso em indolencia intellectual, moral e industrial, a continuação da mesma vida airada (*Schlaraffleben*) n'um grau ainda mais intenso.» (*Geschichte*, vol. III, pag. 419).

dores e observadores da preguiça, cobardia (1) e da corteza rasteira e servil dos portuguezes, e então conhecer-se-ha que as expressões de desprezo, com que por exemplo Byron falla d'elles, sôam duramente, mas ainda assim menos duramente do que elles o merecem, e que o poeta inglez tem pleno direito de fallar dos portuguezes como de *poor, paltry slaves*, (2) que se sufocam em immundicie physica e moral. Um povo condemnado a ouvir semelhantes accusações, aliás fundadas, mal se pôde dizer que tenha um futuro.»

Segue emfim uma affirmação psychologica, cuja verdade Theophilo Braga (3) demonstrou de uma maneira tão evidente, como profundamente triste: Portugal symbolisado no *Fidalgo pobre* nos autos de Gil Vicente; no fidalgo pobre, miseravel na sua decadencia material, mas incomparavelmente mais miseravel na sua baixa moral.

«Nada lhe ficou — segue o Professor (4) Scherr — além de uma mania incrível de ostentação, de um effeito puramente comico; e é levado por este sentimento, que um d'elles affirmou gravemente a um viajante alle-

(1) O auctor refere-se á moral: á incapacidade de vencer-mos em nós os nossos defeitos, a peor metade emfim o animal, que em todos existe.

(2) Poor, paltry slaves! yet born, midst noblest scenes—
Why, Nature, waste thy wonders on such men?

Child Harold's pilgrimage. Canto I, estancia XVIII. (*The works of Lord Byron*, ed. Tauchnitz, 1866, vol. II.) As estancias relativas a Portugal são de XIV — XXXIII.

(3) *Historia do theatro portuguez*, vol. I, Gil Vicente e sua escola, na sua *Historia da litteratura Portugueza*. Porto, 1870.

(4) O auctor é professor de Historia no Polytechnikum de Zürich (Suissa).

mão: «um portuguez bem fincado basta para pôr milhares de individuos em debandada»; esta tendencia até se revela officialmente de um modo assáz grotesco, dando a um navio de guerra da mais pequena especie o nome altisonante de «O terror do mundo.» (1)

Ouvimos já de longe a celeuma que estas citações irão levantar, berreiro de palavriado patriótico, a que já respondemos — cão que ladra não morde —; ouvimos-os já gritando, como o snr. G. M., movido pelo «amor patriótico das suas entranhas», crucifiae o «filho desnaturado»; mas acalmem as iras que lhes excitou as citações de Gervinus e de Scherr, dous escriptores hereticos.— e ouçam um escriptor portuguez, um escriptor official e um escriptor catholico, tres qualidades n'uma só pessoa. Trata-se de um assumpto capital, de uma questão reconhecida como a que é na verdade — de vida e de morte — para uma nação; trata-se da instrucção publica em Portugal:

«Detenha-se a penna, e succeda-lhe mais significativo o triste quadro dos factos.

«Portugal, depois de ter conquistado a liberdade ha trinta e cinco annos, deitou de si duas gerações successivas. A primeira é hoje adulta já e quasi analphabeta. Foram sonhos de poeta os votos do marquez de Palmella, de Rodrigo da Fouseca Magalhães, de Passos Manoel. Vamos ver a segunda geração, cuja infancia temos n'este momento diante de nós.

«O numero total das escolas de instrucção prima-

(1) *Allgemeine Geschichte der Literatur*. Stuttgart, 1872, 4.^{ta} ed. Vol. 1, pag. 416.

ria, no fim do anno de 1868, era de 3:732; sendo 2:313 do estado e 1:419 livres.

«Existindo no reino 700:000 creanças de sete a quinze annos de idade, e não devendo o numero de creanças por escola exceder a 50, segue-se que o estado devia ter para a instrucção primaria 14:000 escolas, e tem apenas 2:300. Contando tambem com as livres, é um total de 3:700 escolas em vez de 14:000.

«Comparemos o nosso estado com o das nações cultas.

«Em Hespanha ha 1 escola para 600 habitantes, em França, Baviera, Italia, Hollanda e Inglaterra, 1 para 500 a 400. Na Suissa, 1 para 300. Nos Estados-Unidos, 1 para 160. Na Prussia, 1 para 150. Em Portugal, 1 escola para 1:100 habitantes.

«Temos só 2:300 escolas officiaes, e deviamos ter 7:000 para estarmos na proporção em que se acham as de Hespanha, 8:000 em relação á França, á Belgica, á Baviera, de 9 a 12:000 escolas para correspondermos proporcionalmente á Inglaterra, á Hollanda, á Suecia, á Suissa e á Prussia, 21:000 para correspondermos aos Estados-Unidos, e, tornamos a dizel-o, não possuímos senão 2:300 escolas!» (1)

Note-se mais o seguinte:

«Ao conhecimento das escolas siga-se o conhecimento dos alumnos.

«O numero total dos alumnos matriculados nas escolas officiaes e particulares do ensino primario (no anno de 1867) foi de 132:201.

«A primeira consideração lamentavel é que, haven-

(1) D. Antonio da Costa. *A instrucção nacional*. Lisboa, 1870, pag. 111-113.

do no reino 757:000 creanças de sete a quinze annos de idade, se acham fóra das escolas mais de 600:000, sem fallar das de cinco e seis annos. Se attendermos tambem a estas, são 800:000 creanças privadas da instrução.» (1)

Agora a confirmação do peor, da nossa preguiça e anemia :

«Comparando agora o alumno portuguez com o dos outros povos, vemos que o numero total dos alumnos (officiaes e livres) é de 1 alumno para 32 habitantes. Em Italia, é de 1 para 15. Em Hespanha, de 1 para 14. Em França, de 1 para 8. Em Inglaterra, Hollanda e Belgica, de 1 para 7. Na Prussia, de 1 para 6. Na Suissa, na Baviera e na Suecia, de 1 para 5. Nos Estados-Unidos, de 1 para 4 e para 3. Entre nós, repetimos, é de 1 para 32.

«Esta tristeza do apoucado numero dos nossos alumnos é ainda aggravada com dois factos geraes: a irregularidade da frequencia escolar e a carencia do aproveitamento.

«Commissarios dos estudos, governadores civis, professores, são todos uma só voz a clamar contra a irregularissima frequencia d'esses mesmos diminutos alumnos que se inscrevem nas escolas. O triste quadro da frequencia relativa ao districto de Evora, já o notamos anteriormente. Os que desejarem ver quadro identico no districto de Lisboa podem consultar o relatorio impresso da visita ás escolas pelo illustre commissario dos estudos, o snr. Ghira.

(1) *Op. cit.*, pag. 113-114; o auctor disse atraz 700:000 e não 757:000.

«O professor de Vallongo relata isto: «Tenho admoestado directamente os chefes de familia, e indirectamente por via da commissão parochial e do parcho (1), a fim de promoverem a maior frequencia dos alumnos; forneço a muitos d'estes papel, tinta, pennas e livros, e no meio d'estes sacrificios a frequencia continua muito irregular. *Ha alumnos que em todo o anno não chegam a frequentar um mez.*» Pelos labios d'este professor fallam todos os outros professores.

«Da frequencia irregularissima deriva-se logicamente a chaga não menor do pouco aproveitamento. Para os professores bons é um martyrio. Procuram elles attenuar o mal, promovendo annualmente a sua festa escolar, e premiando os alumnos distinctos, mas o mal superabunda.

«A primeira inspecção ás escolas do reino, em 1864, deu a conhecer que só se apurava como prompto 1 alumno entre 50 matriculados.

«A segunda inspecção geral, em 1867, mostrou que em historia, chorographia e grammatica apenas se habilita um numero insignificantissimo, e que mesmo na leitura, escripta, contas e educação moral, apenas a *quinta parte* dos alumnos de todo o reino merecia a qualificação de boa, e *quatro quintas partes* a de mediocre ou de simples sufficiencia, o que devéras corresponde a não mais que mediocre, se attendermos á propensão do bondoso character portuguez para julgar com benevolencia. (2)

(1) Que interesse pode ter este fiscal na questão da instrução popular?! (nota do auctor.)

(2) A indulgencia para com as fráquezas alheias nasce do

«A frequencia irregular, e o pouco aproveitamento aggravam, portanto, a lastima do pequeno numero dos matriculados.» (1)

A este capitulo do livro de D. Antonio da Costa, de que extrahimos estas passagens, chama o auctor, com razão, *sudario*.

Viu-se o estado do alumno, agora o da alumna :

«A chaga é profunda.

«Acabamos de ver que a proporção portugueza de 1 escola para 1:000 habitantes, comparada com a da Europa, é uma desgraça. Pois bem; a proporção especial nas escolas do sexo feminino não é de 1 escola para 1:000 habitantes, é de 1 para 6:000!

«Vimos que era outra desgraça a proporção de 1 alumno para 32 habitantes. Pois bem; a proporção no sexo feminino é de 1 alumna para 80 habitantes!

«Existem no reino 550:000 meninas de tres a quinze annos de idade que se deviam matricular nas escolas. Pois bem; d'estas só 27:000 frequentam as escolas officiaes e particulares; e sendo 4:000 as freguezias, só 350 possuem escolas officiaes.» (2)

Esta era a miseria de 1870, vejamos o que repete o mesmo auctor em 1871 :

«Que nos diz o actual momento? Que estrada temos desbravado? Em que proporção se aecha augmentada a saude das gerações novas? Até que ponto está illustra-

convencimento da *propria fraqueza*, e essa bondade não é outra cousa. Deixemo-nos de bonitas palavras e chamemos a criança pelo seu nome. (Nota do auctor.)

(1) *Op. cit.*, pag. 115-117.

(2) D. Antonio da Costa. *A instrucção nacional*, pag. 125 e 126.

do este povo? Quanto se tem aperfeiçoado o trabalho popular?

«Para se pronunciar a suprema sentença, que progressos temos de lançar na concha da direita?

«O numero das escolas subindo, em trinta annos, de 1:000 a 2:300; o numero dos alumnos, de 34:000 a 132:000; um orçamento duplicado; uma escola normal do sexo feminino funcionando e cinco do sexo masculino em perspectiva (1); o augmento de 10\$000 réis (2) no ordenado dos professores normalistas; um tentame de escola central primaria; a acção local dando signaes de vida, por meio de um certo numero de cursos nocturnos e de despezas escolares; a iniciativa dos particulares apresentando-se como tentativa benemerita. Quem, enfeixando estes esforços, lhes regateará louvores?

«Para lançar na concha da esquerda, o que vimos?

«Vimos a organização da nossa intrucção primaria, por excepção unica no mundo, basear-se na centralisação do estado, figurando a localidade, e a iniciativa particular como tentativas proveitosas, mas não como elementos nacionaes da educação publica. Vimos que a nossa escola deixa fóra do seu ambito a educação physica, a educação politica e a educação professional (3); que a inspecção é nulla, que o ensino obrigatorio está decretado em vão, que a escola infantil e o segundo grau são letra morta. Vimos que a verdadeira escola do se-

(1) *Em perspectiva!* (nota do auct.)

(2) O temporario tem hoje 110:000 reis e o vitalicio 120:000 (nota do auctor, tirada de D. Ant. da Costa, *A instr. nac.*, p. 196.

(3) Causa-nos o maior espanto que não nos falle da educação moral que está a cargo dos parochos! Mais adiante indagaremos a razão d'esta omissão.

culo XIX é desconhecida entre nós pela carencia do methodo geral e pela falta de livros proprios que são o instrumento do methodo; que as bibliothecas populares estão ainda por nascer. O magisterio sem habilitações, quasi sem vencimento, e absolutamente sem carreira. Como resultado de tudo isto vimos que o numero das escolas, o dos alumnos e principalmente o das alumnas, a dotação do ensino, o aproveitamento geral, filho da diminuta frequencia escolar, nos appareciam como um sudario.

«Assim, o grande problema da instrucção nacional, não é a noite que era ha trinta annos, mas não passa ainda de uma aurora nebulosa. Na presença d'esta idéa predominante da instrucção nacional, suspendemo-nos com a alma cheia de tristeza.» (1)

Esta sentença, apesar de ser menos energica do que as antecedentes, é mais eloquente — por ser baseada em cifras e factos tirados de documentos officiaes (2) por um ex-conselheiro e ministro da corôa.

Faremos a estas citações um reparo capital, a que alludimos na pagina anterior (nota 3). D. Antonio da Costa, apesar de pertencer ás regiões officiaes do poder e da litteratura, onde só por excepção sopram as correntes da verdade, teve a coragem de dizer as amargas no-

(1) D. Antonio da Costa. *Historia da instrucção popular em Portugal*. Lisboa, 1871. pag. 217-219.

(2) São elles:

a.) Censo official da população.

b.) Os trabalhos resultantes da inspecção geral ás escolas do reino no anno de 1867.

c.) O quadro das escholas existentes em 1845, publicado successivamente no *Diario de Lisboa*, e os documentos officiaes da direcção geral de instrucção publica.

d.) D. Antonio da Costa, *A instrucção nacional*. Lisboa, 1870, pag. 113.

vidades, que atraz notamos, no coração do reino, na propria capital, onde estão os réos do seu processo. Mas para que n'essa mesma exposição não faltasse o sophisma que se respira na atmospherá catholica em que vive o seu auctor—vêmol-o andar á volta do circulo vicioso sem lhe achar o centro. O auctor falla «da omissão deploravel da educação physica, da educação politica (!) e da educação professional» nas nossas escholas. Onde fica a *moral*, pois sem ella o que valem as outras? O auctor illudiu aqui a questão principal, não quiz apontar a chaga, que é de todas a mais virulenta. O mesmo espirito catholico, o mesmo *parti pris* o levou a passar em branco, como de nenhuma importancia no desenvolvimento da civilisação, o periodo da *Reforma* no seu segundo e ultimo livro sobre a *Historia da instrucção popular em Portugal* (1).

E não se diga que o assumpto não pedia essa menção, pois está provado que as ideias da *Reforma*, ainda que não se reflectissem tão vivamente em Portugal como em Hespanha (2), onde chegaram a lançar profundas raizes, tiveram aqui echos (3).

Fizemos esta pequena digressão apenas para demonstrar, que mesmo aquelles escriptores que preten-

(1) *Historia da instrucção popular*, desde a fundação da monarchia até aos nossos dias. Lisboa, 1871, in-8.º de 320 pag.

(2) Vide H. Dalton. *Die evangelische Bewegung in Spanien*. Wiesbaden, 1872, e a critica d'este volume no *Litterarisches Centralblatt*, 1873, n.º 16 pag. 485.

Em Hespanha citava-se a palavra característica: «Quien dice mal de Erasmo, ó es fraile, ó es asno.» (Dalton., *op. cit.*, pag. 9.)

(3) Citaremos apenas Gil Vicente, André e Garcia de Rezende, Damião de Goes, etc.

dem remediar o mal, não fazem mais do que transigir com elle, em lugar de o destruir pela raiz.

Voltemos ao nosso assumpto e ao exame do nosso triste estado.

A exposição d'este quadro de miserias ain-la póde ser proficua, se nos deixarmos convencer pelos factos, e se em lugar de mentirmos á nossa consciencia, embandando-a em falsos sonhos patrioticos, que mais cedo ou mais tarde nos hão-de ser fataes — nos resolvermos a um trabalho de renovação moral e intellectual na fonte unica, o cumprimento dos nossos deveres. A renovação deve ser radical, como dissemos, aliás é inutil.

Agora que provamos o nosso estado de decadencia de uma maneira incontestavel, devemos observar ao snr. G. M., que para ter o direito de nos chamar «filho desnaturado» era mister que conhecesse as relações que nos prendem á Allemanha e a Portugal, e saber a qual dos dous paizes cabe a melhor parte da nossa existencia. Honramo-nos que o snr. G. M. nos chamasse «meio allemão e um quasi nada portuguez» (pag. 161), porque não perdemos na troca. Que a nossa linguagem seja *barbara* (pag. 23) e não se amolde ao pseudo classicismo do Visconde de Castilho, (1) é para nós um signal da nossa individualidade — de que não podemos augmentar os eunuchos da seita, já miseravel. Que o nosso *germanismo* se reflicta na nossa linguagem (2) e que o

(1) Que todavia é uma *olla podrida*, uma caldeirada como a da *Hexenküche* (cosinha da feiticeira), uma mescla de gallicismos, archaismos, hespanholismos, termos chulos, etc., etc. V. *O Faust*, *Tabellas synopticas*, N.º 1 e 2.

(2) A. Coelho já o notára muito antes do snr. G. M. (*Bibliogr. Critica*, pag. 46, 1.º anno); nós mesmo o reconhecemos pelas provas que elle nos deu depois.

processo do nosso trabalho intellectual não seja resultado da sciencia (?) portugueza, não admira, pois vivemos n'uma atmospherá totalmente differente. A escolha da nossa leitura, que é a final a origem de todos os males, o primeiro passo e o mais monstruoso da nossa rebel-dia, é um direito que reivindicamos como sagrado, a menos que o snr. G. M. e o Visconde de Castilho, como catholicos convictos (?), nos queiram applicar o raciocinio inquisitorial. Nós respondemos-lhe com Goethe:

«Que nós nos eduquemos, essa é a condição principal; de *onde* nos educamos, seria uma questão superflua, se não houvesse o perigo de nos deseducarmos por falsos modêlos.» (1)

Ora nós preferimos Luthero ao P.^e Antonio Vieira e a Bernardes, e a toda a longa lista de theologos e comediantes da rhetorica; temos o mau gosto de preferir os philosophos e moralistas allemães a Rousseau (2) e a Voltaire — uma vez que os portuguezes os não tem; achamos os principios da Arte, e a Arte mesmo, hoje respeitada e cultivada na Allemanha como em parte alguma; achamos a sciencia allemã dando as leis ao mundo e sustentando o seu logar imminente á custa de tra-

(1) M. Carriere. *Erläuterungen zu Goethe's Faust*. 2.^a Parte. Leipzig, 1869. vol. II, pag. 269.

(2) Gervinus caracteriza de uma maneira especial a influencia de Rousseau: «Os escriptos politicos de Rousseau excederam nos seus effeitos, e annullaram na sua influencia, a renovação moral e intellectual da vida, que elle tinha em vista.» E d'ahi tiramos uma conclusão logica com outras palavras do mesmo auctor: «A França tomou por alvo a libertação politica, emquanto que a Allemanha se esforçou especialmente pela sua libertação espirital.» *Geschichte des neunzehnten Jahrhunderts*. Leipzig, 1866, vol. VIII, pag. 99.

balhos incessantes, não descançando nunca — olhamos, emfim, para a sua litteratura, e vemos a sua riqueza prodigiosa; o seu desenvolvimento unico, o seu idéal, os seus elevados principios, sustentados não só com a penna, mas pelo exemplo pessoal, pelo character — e olhamos para a nossa litteratura, rica em volumes, mas pobrissima de ideias e de resultados, e descobrimos — um immenso deserto com poucos *oasis*.

Lançando então os olhos para esses que o snr. G. M. nos aponta no seculo presente, vêmos moralistas sem moral, publicistas sem consciencia, falsificadores de versos, sem ideal, nem convicções; oradores politicos e academicos, vendendo a palavra e o pudor, burguezes e philisteus, enfeitando-se com titulos e veneras, como as gralhas com as pennas do pavão, e passeando a arvore genealogica atravez do labyrintho lamacento das alcovas; trocando a procedencia por ventura honrada, mas modesta de seus antepassados, com o pergaminho da bastardia — isto tudo, compondo uma turba multi-forme que, varia todos os dias a peor de todas as fargas, a da seriedade e da consciencia.

O leitor pôde admirar-se como nós chegamos tão cêdo a conclusões tão tristes, e entrado em Portugal, só encontramos uma comedia do principio ao fim — comquanto o snr. G. M., que chegou 30 annos mais cêdo, encontrou aqui o seu paraíso e passou sem pesar e sem saudades da luz para as trévas. Isso são mysterios que o snr. G. M. lhe poderá explicar melhor do que eu, e teve para isso talvez motivos que não nos competo avaliar aqui. O nosso adversario teve a felicidade de voltar ao terreno proprio e ao ambiente que mais lhe con-

vinha, e manifestou o seu patriotismo como patrão de uma casa de livros, editando á custa d'ella, as produções dos seus compadres, collegas e amigos, a que o ligam laços singulares de amisade, e povoando o mercado com a mais completa collecção de curiosidades que já-mais tem sahido da boceta da Pandora litteraria.

Assim manifesta o snr. G. M., immerso ha mais de 40 annos n'um *sacrosanto far niente*, dormindo sobre os louros (1) conquistados n'esta cocheira litteraria de Augias, onde o chrismaram de *consummado germanista*, por haver feita uma prodigiosa descoberta de que em seguida fallaremos (2).

Apesar do snr. G. M. ser socio da Academia Real das Sciencias (?) (3) e amigo dos seus excellentes amigos — não trocamos o que somos pelo que todos os seus collegas do **Elogio mutuo** valem, e continuaremos a ser *meio allemão e um quasi nada de portuguez*.

Eis a nossa posição.

(1) Que são :

Echos da Lyra teutonica. Porto, 1849.

Carta sobre a situação da ilha de Venus (dos amores).
Porto, 1849.

(2) Vid. o capitulo III. *O consummado germanista, como litterato e como homem*.

(3) Já não podemos fallar d'este estabelecimento de alta especulação litteraria, sem lhe pôr o necessario ponto de interrogação (sic?), que significa a esperançosa expectativa no seu brilhante futuro.

CAPITULO II

Castilho julgado em 1829

Pela ultima vez nos occupamos de Castilho com relação ao *Faust*. Temos o Visconde por morto, litterariamente, morto sob os epigrammas que elle forjou a si proprio na sua versão, e que são o seu epitaphio; que esse epitaphio já estava escripto em 1829 pela voz imparcial da critica estrangeira, isso é que poucos saberão, mas antes de o provarmos, diremos umas palavras sobre a maneira como consideramos o litterato de Lisboa, desde que o conhecemos, e por esta exposição avaliar-se-ha o tom do nosso exame á versão do *Fausto*.

Disseram os amigos do Visconde que a nossa analyse fôra violenta; não o foi tanto, como o merecia o attentado; o nosso *Prologo*, (1) que não é mais do que um *protesto*, serviu a um jornalista para por elle fazer juizo

(1) O *Faust*, pag. VII-XII.

das 600 paginas restantes! Ladrrou á porta, sem entrar. Sirva o caso de exemplo, e adiante.

O resto do volume tinha uma feição militante, mas ainda assim modesta, porque tudo o que dissemos, ainda que fosse centuplicado, não valia os insultos obscenos (1) de Castilho contra Goethe, fazendo d'elle um *D. João de obra grossa*, chamando á sublime *segunda parte* da tragedia um **aborto** (2), dizendo que contém apenas «extravagancias, absurdos, repugnantes ao bom senso» (3), etc., etc.

Um homem que diz estas cousas á luz do seculo XIX — deshonra-se e perde todo o direito á indulgencia, mórmente quando esse homem, na balança da critica internacional, não tem nome, não vale nada, apesar de todos os seus cartapacios impressos, escriptos e por escrever. Castilho, como escriptor, não passa com o seu nome além do Minho, ou quando muito do Bidassoa (4); esta sua ultima proeza só passará á Allemanha, para receber lá a confirmação da sua sentença de morte, pronunciada pela opinião da critica, que felizmente ainda alli está n'um nivel, acima de todos os empenhos e amissades mentirosas.

Estamos convencidos, que se as suas traducções de Molière fossem lidas nas associações, (5) a que o Vis-

(1) O frenesi de gosar sensualmente, o orgulho sem limites, etc. *Fausto*, notas, pag. 406, passim.

(2) *Op. cit.*, Advertencia, pag. xvi.

(3) Castilho. *Op. cit.*, notas, pag. 406.

(4) Riacho que marca a fronteira entre Hespanha e França.

(5) A Academia das Sciencias e Bellas-Lettras de Rouen, dos Ardentes de Viterbo, etc., associações quasi incognitas. V. *Dicc. Bibliogr.* de I. da Silva, vol. 1. pag. 130. e *Supplemento*, vol. 1, pag. 132.

conde de Castilho pertence como socio, e lidas diante de gente, que entendesse bem as duas linguas, e julgasse imparcialmente — estamos convencidos, que a critica franceza repelliria essas versões vestidas com a linguagem das feiras e dos theatros de *marionettes* dos seculos XVI e XVII.

O snr. G. M., antes de avaliar os meritos litterarios da traducção do *Fausto*, porque não fallou das glórias que o Visconde tem colhido da *nacionalisação* de Molière? Porque não fez tambem declamações por nós termos affirmado, em vista das passagens mal traduzidas do livro de M.^{me} de Staël, que Castilho sabe mal o francez (1). Era um excellente campo para dar largas ás suas apostrophes sentimentalistas. A este respeito diremos que vá o snr. G. M. bater a outra porta, em que encontre alguém sufficientemente ingenuo para considerar o Visconde como uma especie de Abrahão, de Patriarcha invulneravel e sagrado. Não sabiamos d' esta infallibilidade, não julgavamos que a classificação da especie, por *barro damasceno* (2), resava d' esta excepção, mas áparte a graça, diremos de uma vez para sempre, repetindo: que quem escreveu a sangue-frio, com 73 annos, as obscenidades da sua *Advertencia* e das suas *Notas* contra Goethe, está, como se diz em allemão: *vogelfrei*, isto é, fóra da lei, que é n' este caso a lei litteraria.

O nosso respeito, só o reservamos para quem é digno de semelhante sentimento, para quem sustenta prin-

(1) Embora tenha muita presumpção de o fallar bem *inter amicos*, como depois soubemos!

(2) *Os criticos*, pag. 69. Vide, para mais clara explicação, o Capitulo III. *O consummado germanista*, etc.

cipios elevados, não só com a palavra, mas com a acção incansavel, abnegadora, e que prefere o sacrificio á vil especulação :

Nur rastlos bethätigt sich der Mann !

«Só em acção incessante se affirma o homem !»

E aqui tocamos na chaga, que fez de Castilho, moralmente fallando, um invalido, desde os seus primeiros passos litterarios. Desde que em 1870 lêmos o estudo, ou antes o processo, que T. Braga applicou a Castilho — riscamos para sempre esse nome.

A feição que o Visconde de Castilho tem tomado na nossa litteratura desde o seu segundo passo litterario, é a feição eminentemente *especuladora*. O poema a D. João VI, composto de «tres pilhas de 663 versos, 766 e mais 653, com outros 50 versos, ao todo 2132 versos» (1) rendeu a bagatella de 4000 cruzados de renda annual e vitalicia (2), isto é, 1 e $\frac{467}{533}$ de cruzados por cada verso. Mau calculo! D'ahi em diante continuou o negocio em larga escala; poemas, cartas, odes pequenas, grandes e maximas a *tutti quanti*, tudo rendeu mais ou menos, até que na edição dos *Fastos de Ovidio* (3), feita á custa da Academia (4) formou para a factura das monumentaes

(1) *Estudos da idade media*. Porto, 1870, pag. 271.

(2) *Op. cit.*, pag. 276.

(3) *Os Fastos de Publio Ovidio Nasão*, com traducção em verso portuguez, seguidos de *copiosas* notas por quasi todos os escriptores portuguezes contemporaneos. Lisboa (por ordem) Typ. da Acad. R. das Sciencias, 1862. 4.º in-8.º max. 3 vol. de cxli — 612 pag., 666 pag., e 630 pag., ao todo 2049 pag.!! Um verdadeiro monumento! Offerece-se agora por vil preço nos alfarrabistas da capital!

(4) O Visconde teve sempre a habilidade de achar editores d'esta ordem.

notas uma companhia de mais de 100 accionistas, que são outros tantos escriptores, grandes, regulares, medianos, pequenos e minimos e alguns microscopicos.

Esta monumental especulação teve além d'isso a vantagem dupla de organizar definitivamente em torno de Castilho a numerosa companhia do **Elogio-mutuo**, que tão bellos resultados tem dado ao paiz.

Os minimos, pequenos, regulares, grandes e maximos, lisonjeados pela distincção do papa litterario, que lhes havia aberto de graça, o paraizo, declararam-n'ò infallivel, e fizeram d'elle uma encarnação triplice de Brahma — Vishnu — Siva.

D'ahi em diante publicou mais livros impressos á custa alheia, concorrendo para isso particularmente a *Academia das Sciencias* (?), que tem sido o Banco litterario-commercial d'este poeta portuguez, e que além de authorisar, por ordem especial, a impressão das profanações a Molière, o nomeou, caso raro, *Socio emerito*, com uma gorda gratificação.

Eis o character litterario do Visconde de Castilho, e como nós não entendemos um dualismo que (1) faz do individuo que escreve e do individuo moral perante a sociedade — duas entidades distinctas, das quaes uma póde ser desprezivel e a outra respeitavel, julgamos o homem á altura do litterato.

Só uma sociedade, pôdre até á medulla dos ossos, póde arvorar em lei o principio infame, sic:

(1) Este dualismo acha a nossa gente muito natural, e ouve ou lê um trecho de alta moral de um escriptor conhecido como um canalha (sic) e não se revolta, porque o escriptor é uma cousa, e o homem — é outra. Fallamos por o ter ouvido muita vez!

Olha para o que eu digo e não para o que eu faço (1).

Por isso nos parecem a feição intellectual, a feição moral e a feição politica da nossa sociedade, egualmente despresiveis.

A nossa litteratura tem sido um officio indigno, um meio de especulação, como o catholicismo o pôz em pratica com a ajuda do despotismo. Cahi u este, mas não cahi u o peor; libertados politicamente, não o fomos moral e intellectualmente, e pelo accessorio esqueceram o principal; d'ahi a nossa ruina em perspectiva.

D'ahi tambem a nossa repugnancia, o nosso nojo por qualquer dos tres vampiros.

O Visconde de Castilho tem sido o chefe d'esta raça, e por isso o maximo culpado. Repetimos pela ultima vez: fomos indulgentes e crêmos que a posteridade será muito mais severa.

O que nos causa admiração, é que um litterato, julgado incapaz das faculdades mais indispensaveis, para ser poeta e pensador, na época da sua maior gloria, quando tudo cantava *hossanna* ás *Cartas de Echo e Narciso* (1821), á *Primavera* (1822), ao *Amor e melancolia* (1828), etc., causa-nos admiração, como a sentença imparcial da critica estrangeira não foi ouvida, e o seixo continuou a passar por diamante.

W. M. Kinsey, um dos escriptores estrangeiros, que mais e melhor escreveu sobre Portugal (2), diz na

(1) Principio que o nosso povo cita, tirado da bôcca dos padres para desculpam a sua vida desregrada.

(2) *Portugal illustrated; in a series of letters*. London, 1829. Trenttel and Würtz, 2.^a ed. in-8.^o, max. xxxvi—564. O volume é adornado de cerca de 45 gravuras, vignettas, etc., e alguns trechos musicaes (*Modinhas*).

sua extensa *Review of the literary history of Portugal*, (pag. 525-564) o seguinte:

«Entre os poetas hoje vivos em Portugal notaremos Castilho, que, apesar de cego desde a meninice, (1) se tem todavia incessantemente applicado ás bellas-lettras e ao cultivo das Musas.

«As suas *Heroides*, no estylo de Ovidio, é uma das suas obras mais notaveis. Dá provas de notavel talento em alguns outros trechos poeticos, *que todavia não são em geral considerados como bons; de facto, é muito pobre de originalidade, e o seu modo de colorir* (isto é: o sentimento) *não é conforme á verdade da natureza; as suas phrases, postoque habilmente torneadas, são talvez monotonas, e é apenas á harmonia dos seus versos que deve a sua fama como poeta.»* (2)

Isto traduzido em outras palavras dá o seguinte retrato de Castilho:

(1) Kinsey diz: *cradle*, que póde ser tambem berço, mas Castilho cegou só com 6 annos.

(2) Among the living poets of Portugal may be remarked Castilho, who, though blind from his cradle, has nevertheless incessantly applied himself to the belles-lettres and the cultivation of the Muses. His *Heroides*, in the style of Ovid, is one among the most remarkable of his works. He displays considerable talent in some other pieces of poetry, which, however, are not generally regarded as good; in fact he is very deficient in originality, and his mode of colouring is not after the truth of nature; his lines, though they are happily turned, perhaps, are monotonous, and it is only to the harmony of his verses that he is indebted for his poetical fame.

T. Braga já se havia (*Estudos da idade media*, pag. 319) referido a Kinsey, mas só o conhecia por Castilho se defender do critico inglez; o excellente livro é infelizmente assáz raro já, e não o havendo encontrado em Paris, senão em casa do nosso sabio amigo F. Denis, tivemos de o mandar vir de Inglaterra.

- 1.º *poeta*, mas sem imaginação.
- 2.º *poeta*, mas sem o sentimento da natureza.
- 3.º *poeta*, mas com estylo artificial.

Conclusão total:

Poeta fingido.

Dissemos acima, que nos admiravamos, como um juizo imparcial, por ser de um critico estrangeiro que esteve largo tempo em Portugal, e não era nem por Gregos nem por Troyanos — juizo, além d'isso apoiado na maioria da opinião — pôde passar em branco.

Pensando bem, não ha motivo para espantos; o caso explica-se; os escriptores que haveriam podido influenciar sobre a opinião e dirigil-a, Garrett e Herculano, eram individualidades quasi tão artificiaes como Castilho; os fructos ahi estão, que os julguem a sangue frio. Castilho estava á altura da época, tanto valia o publico como o poeta, — entenderam-se. Depois o nivel intellectual foi sempre decahindo, e Castilho acompanhou-o.

Hoje o espirito publico desceu de todo, substituiu-se completamente, e Castilho desceu até ao nivel geral e deu-nos o *Medico á força*, transformado em «Manel da aldeia», e o *Faust* mascarado em classico (1) á Bernardes, e o *Mephisto* disfarçado em *taberneiro* (2).

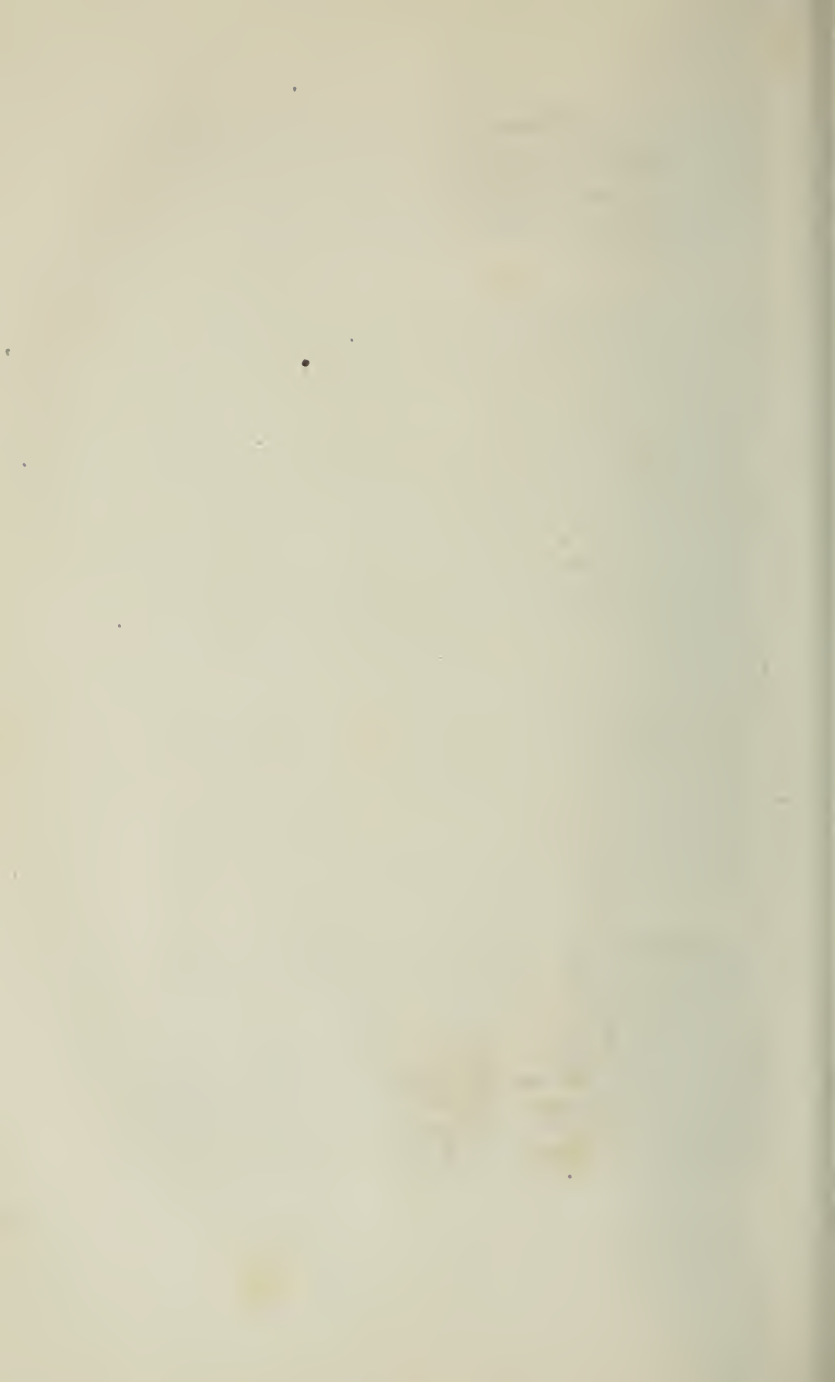
O *poeta* e o *empresario* (publico) continuarão pois a

(1) Anthero de Quental, *Primeiro de Janeiro* de 4 de Julho de 1872. Este critico é tanto menos suspeito, que se diz discipulo de Castilho, emquanto á linguagem portugueza. V. o nosso folheto: *O Faust de Castilho julgado pelo Elogio-mutuo* prestes a sahir á luz.

(2) *Idem*, *ibid.*

entender-se. Nós diremos: que a divinisação de Castilho, é para Portugal um facto tão profundamente característico, como a *idealisação* do *demi-monde* por Dumas filho, o é para a França de Napoleão III (1).

(1) En effet, le 2 décembre, arriva et la pièce (*Dame aux Camélias*, pu être jouée. Ce genre nouveau, qui consiste à donner à la prostitution le droit de bourgeoisie sur la scène, fut inauguré en France par le coup d'État.» Mais abaixo: Puis il dédie sa pièce à M. de Morny. Sans le guet-apens qui mena la France, du coup d'État à Sedan, la scène française n'aurait pas eu la *Dame aux Camélias*, ni l'auteur ses dettes payées. Ch. Potvin. *De la corruption littéraire en France: Étude de littérature comparée sur les lois morales de l'art*. Bruxelles. C. Muquardt, 1873, in-8.^o, 2.^e ed., pag. 384.



CAPITULO III

«O consummado germanista,» como litterato e
como homem

Quando em meado de Setembro de 1872, appareceu a nossa analyse á versão de Castilho, e o publico ficou avisado (1) da profanação, provada de uma maneira completa n'um volume de mais de 600 pag., que exgotava os argumentos — soubemos, e depois disse-se vagamente, que ia apparecer uma resposta, em que nós não acreditamos, sobretudo por um motivo, que é: a preguiça da nossa gente, que sem interesse superior por nada, nem por amigos nem por inimigos — é incapaz para a simples leitura, quanto mais para o exame de uma obra, que baseada em argumentos sérios e em es-

(1) Já anteriormente havia sahido a breve, mas fulminante critica de A. Coelho (*Bibliographia critica*, n.º 1, pag. 3-10).

tudos, só podia ser refutada com as mesmas armas. Depois d'esse boato appareceu nos jornaes da capital que o Visconde de Castilho, desgostoso pelos repetidos ataques á sua infallibilidade, sobretudo desde 1870 para cá—ia largar o sceptro e fazer o papel de Cincinato, ó que era tanto mais para lastimar, que o eminente poeta nos ia «revelar o imortal Shakespeare» (1), (sic). Em seguida fallou-se, em signal de desforço, da resolução de um *consummado germanista*, que estava preparando ao Visconde de Castilho uma desforra brilhante, uma apothese—que deu em exequias.

O *consummado germanista* era para nós até alli um mytho; fallava-se d'elle é verdade, mas como se falla tambem da grande cobra maritima com azas, que ninguem ainda viu e que devora navios inteiros, segundo o dizer de navegantes; assim se dizia que o *consummado germanista* nos ia devorar a todos.

Este novo Saturno, que se preparava a engulir os filhos alheios: era o snr. José Gomes Monteiro.

O snr. Gomes Monteiro havia-se distinguido desde a sua chegada a Portugal, [depois de 1835 (2)] apenas como chefe commercial de uma loja de livros (Viuva Moré) e bom amigo dos seus amigos, editando as obras dos membros do **Elogio-mutuo** por conta da casa. Como litterato publicára um livro *Eccos da Lyra teutonica*, de que abaixo fallaremos, que lhe grangeou o titulo de *consummado germanista*, e um folheto intitulado:

(1) Provavelmente com a traducção do *Sonho de uma noite de verão*, de que déra uma bonita amostra no *Fausto* (pag. 411 e 412. Notas). Cá a ficamos esperando.

(2) Se é que esta data é certa, segundo I. da Silva (*Diccionario bibliographico*, vol. iv, pag. 363).

Carta sobre a ilha dos Amores, que passava por mui erudito; havia-se fallado em 1865 (1) de uns trabalhos seus, notabilissimos, sobre o *Amadis de Gaula*, estudo que se dizia profundo, completo e revelador de extraordinarias descobertas; de uma edição da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, com uma biographia do poeta, repleta de novidades; de um estudo profundo sobre Sá de Miranda, e mais outros trabalhos que tinham por alvo, nem mais nem mēnos, do que uma *Historia da litteratura nacional*; alguns d'estes trabalhos estavam para entrar no prélo, e um d'elles chegou até a ser annunciado,— . . . mas nada sahiu. Mais uma infinita repetição do *Mons parturiens*; gemeu, gemeu, gemeu . . . até 1873, isto é, durante oito annos, e já havia gemido antes dos annunciados, durante 38 annos (2)!

O snr. G. M. desde então para cá foi sempre zeloso dos interesses da casa que dirige e dos de seus amigos, e quando a nossa critica sahiu, era natural a furia que resulta, em primeiro logar, de uma especulação lograda, furia tanto maior, quanto havia sido notavel a despeza com a nitida impressão do *Fausto* de Castilho. A raiva do snr. G. M. subiu porém até ao delirio, quando lhe chegou ao ouvidos que o Visconde, ferido pelos argumentos e repetidos ataques dos adversarios, ia abdicar ao throno e ao sceptro — perdendo-se ainda outra especulação mercantil: a versão do *Sonho de uma noite de verão*, em que o Visconde nos ia «revelar o genio do immortal Shakespeare (3).»

(1) C. C. Branco. *Esboços de apreciações litterarias*. Porto, 1865, pag. 218. (Artigo J. Gomes Monteiro, pag. 211-220.)

(2) Desde a chegada do snr. G. M., depois de 1835.

(3) Sic., segundo os jornaes da capital.

Dois golpes mortaes, além de um pequenino ao seu amor proprio, porque havendo o seu collega Camillo apregoado o snr. G. M., como um corrector «desvelado» e «attento» (1) da versão de Castilho, ficára o seu amigo com uma parte da responsabilidade das innumeras inepeias da traducção, responsabilidade tanto maior que recáe, não só sobre a pessoa do snr. G. M., mas sobre o titulo de *consummado germanista!*

Como os amigos são ás vezes imprudentes e indiscretos!

Ha ainda um motivo secreto da *rabbia* do snr. G. M. — e foi: a necessidade de um estudo bom ou mau, a que o obrigava o nosso trabalho. Mais adiante o explicaremos, por se ter de procurar nas condições da sua resposta, condições que só adiante se analysarão.

Ahi temos pois os verdadeiros motivos (2) da resposta do snr. G. M., porque a sua amizade para com o Visconde de Castilho parece-se com a amizade de certos criminosos, ligados por uma acção má — que era n'este caso a pseudo-traducção do *Faust* de Goethe.

A natureza das amizades do snr. G. M., conhecer-se-ha no fim d'este capitulo; não o censuramos de a não ter a ninguem, a época vae de progresso entre nós; o snr. G. M., é chefe de uma loja de livros, precisa de andar com todos, é ecclectico, é prudente enfim.

O snr. G. M. defende os seus clientes, os interesses da sua *boutique* apenas desponta a aurora, tal como o Figaro de Rossini:

(1) *Commercio do Porto*, de 4 de junho de 1872.

(2) Em seguida indicaremos os caracteres *litterarios* e *morales* d'ella.

« Largo al factotum
della città.
Presto a bottega,
chè l'alba é già. »

e gaba-se do successo :

« Tutti mi chiédono
tutti mi vógliono
donne, ragazzi,
vecehj, fanciulle
quà la parrucea...
presto la barba...
quà la sanguigna...
Figaro... Figaro...
son qua, son qua. »

Deixemos o snr. G. M. como especulador da litteratura nacional, e vejamos a vibora ferida pelo amor proprio: o auctor dos *Eccos da Lyra teutonica* e da *Carta sobre a ilha dos Amores* (1).

Não nos temos a occupar, senão da primeira producção, como a que se refere a assumptos da litteratura allemã.

Esta obrasinha é uma collecção de poesias allemãs vertidas em vulgar.

Não havíamos até ha poucas semanas lido cousa alguma d'estes *Eccos*, porque nos pareceu, desde que tivemos o gosto de fallar ao snr. Gomes Monteiro, que era incapaz de sentir poesia, e muito menos poesia allemã; que entendesse Freiligrath, Chamisso, Hauf, era talvez possivel; Rückert, Uhland, Lessing, muito menos provavel, e então Platen, Voss, Schiller, Goethe — impossivel.

(1) O episodio dos *Lusiadas*.

Quizemos porém fazer justiça ao traductor; pegamos no livro, e démos logo nas primeiras linhas do prologo, com a seguinte incomparavel novidade:

«A litteratura alleman, actualmente uma das mais brilhantes da Europa, foi comtudo a derradeira a formar-se. No decurso do xvi seculo já todas as linguas neo-latinas e ainda a ingleza, que fórma o élo de transição entre estes idiomas e os d'origem teutonica, contavam obras primas em poesia ou eloquencia; quando a lingua germanica apenas podia apresentar, como monumentos de sua cultura, a traducção da Biblia por Luthero e as farças e autos d'um sapateiro de Nurenberg (1)».

O snr. G. M. affirmava pois em 1848, após os trabalhos de Koberstein (2) (1827), Gervinus (3) (1835), Vilmar (4) (1845), Guden (5) (1831), Pischon (6) (1838-1851), Wackernagel (7) (1840, 1841, 1843, etc.), H. Kurz (8) (1840-1842 e 1845), G. Schwab (9) (1842),

(1) Leia-se Nürnberg, cidade da Baviera (16:000 hab.), que foi com Augsburg e Regensburg o centro do movimento da Renascença na Allemanha.

(2) *Grundriss der Geschichte der deutschen Nationalliteratur*. Leipzig, 1827 (4.ª ed. 1847-1866).

(3) *Geschichte der poetischen Nationalliteratur der Deutschen*, (1853; já ha 4.ª ed.). *Handbuch*, já 4.ª ed. em 1849.

(4) *Vorlesungen über die Geschichte der deutschen Nationalliteratur*, 1845.

(5) *Chronologische Tabellen zur Geschichte der deutschen Sprache und Nationalliteratur*. 1831. 3 Theile.

(6) *Denkmäler der deutschen Sprache von den frühesten Zeiten bis jetzt*. 6 Theile. 1838-1851.

(7) *Deutsches Lesebuch*. 3 Th. 1840-1861.

(8) *Handbuch der poetischen Nationalliteratur der Deutschen*, von Haller bis auf die neueste Zeit. 3 Th. 1840-1842 (litterat. moderna).

(9) *Die deutsche Prosa*. 2 Th. 1842; *5 Bücher deutscher Lieder und Gedichte* (litterat. moderna).

Gödecke (1) (1813–1843, 1844,) etc., — affirmava aquella monumental proposição, que vem negar a existencia de Quatro periodos (2) capitaes da litteratura allemã, e o começo do *quinto periodo*, até á appareição de Hans Sachs!!!

De maneira que toda a poesia christã de 800–1100 todo o *terceiro periodo* da poesia cavalheiresca e popular (1100–1300), toda a poesia aulica (1180–1300) de Heinrich von Veldeck, Hartmann von der Aue, Wolfram von Eschenbach, Gottfried von Strassburg, e tantos outros — não existiam ainda em 1848 para o snr. G. M.; toda a epopêa popular no tempo das cruzadas, os *Niebelungenlied*, *Gudrunlied*, toda a época dos *Minnesänger* (Troubadours) (1150–1300), todo o *quarto periodo* de dous seculos (1300–1500), e uma parte do *quinto* (1500–1624) até Hans Sachs (1496–1576) — tuda isto era um mytho para o snr. Gomes Monteiro..... em 1848!!!

E se nos lembrarmos, que desde então, ficou por esta inexcidivel façanha, só propria de um D. Quixote litterario, crismado de *consummado germanista* (pois desde 1848 até hoje, 1873, nada mais escreveu sobre a Allemanha), então ser-nos-ha licito lembrar que só a impudencia de uma litteratura, que é a mais baixa que conta a historia, que só a falta do ultimo resto de sentimento e de dignidade, que deve ter um corpo como a

(1) *Elf Bücher deutscher Dichtung*. Von Seb. Brandt (1500) bis auf die Gegenwart. 2 Th. 1849.

(2) Vide as divisões de Koberstein (*Grundriss der deutschen National-Literatur*. Leipzig, 1866, 4.^a ed. completamente re-fundida), de Werner Hahu (*Geschichte der poetischen Literatur der Deutschen*, Berlin, 1873, 6.^a ed. pag. v-viii) de Helbig (*Grundriss der Geschichte der poetischen Literatur der Deutschen*, Leipzig, 1862, 6.^a ed. pag. 1-13) etc. etc

Academia Real das Sciencias — só esta maxima das misérias pode explicar, como a conferencia e o voto official pôde outorgar o titulo de *consummado germanista* ao snr. G. M., e nomeal-o em premio da sua ignorancia, *Socio correspondente da Academia Real das Sciencias*.

Se esta corporação quasi nada tem feito ha trinta annos para cá, e interrompe o seu *sacrosanto far niente* para publicar, perdendo aos olhos do publico a ultima apparencia de vergonha, — as profanações de Castilhó ás obras de Molière (1) e dar á luz outras farçadas no mesmo estylo — se essa *Academia* não respeita o seu passado, que ainda tem nomes que a ninguem é licito conspurear (2), então abdique perante a Europa, dissolva-se.

O snr. G. M. era muito, muitissimo ignorante em 1848, confessar-nos-hão; quererão dizer que de então para cá aprendeu o *a-b-c* da litteratura allemã; bem, vel-o-hemos no decurso d'este livro. Que o nosso adversario não escreveria hoje, 1873, aquellas palavras, é possível, mas que a sua ignorancia, remendada mal e á pressa, em 9 mezes de trabalho de menino de eschola, o fez cahir de novo do seu pedestal de *consummado germanista*, é de uma evidencia elementar em face da sua resposta e d'esta nossa refutação.

Quererão talvez saber, á vista do exposto, a nossa opinião a respeito dos *Eccos*? A traducção é em geral

(1) *Tartufo* (primeira tentativa, Lisboa, 1870, por ordem da Acad. R. das Sciencias); *As sabichonas* 2.^a tent. (que não temos á vista); *O medico á força* (3.^a tent., Lisboa, 1869 (!) idem); *O avarento*, Lisboa, 1871 (idem).

(2) Lembramo-nos de Brotero, José Anastacio da Cunha, João Pedro Ribeiro, C. do Amaral e outros.

fiel, emquanto ás palavras, o que não admira, porque essas acham-se em qualquer Diccionario — agora, se as ideias, o espirito dos poetas, o modo de sentir de cada um, a sua philosophia enfim, foi comprehendida, d'isso julgue o leitor.

Quem nada sabia da litteratura allemã em 1848, como poderia entender a *Glocke* (1), os poemas: *Ritter Togenburg*, de Schiller, e outros de differentes auctores; demais, fundando-se muitos d'entre elles em lendas e contos que tem a sua origem litteraria (2) nos periodos, cuja existencia o snr. G. M. negou!

Deixemos porém este assumpto em que o snr. G. M. ficou enterrado; o prefacio da *Lyra teutonica* será o seu epitaphio para 1848, como o seu volume dos *Criticos* o é para 1873; talvez o snr. G. M. ponha a corôa á obra e publique um terceiro que os exceda.

Agora os caracteres geraes da sua resposta:

Primeiro, vejamos o estado de espirito do snr. G. M. pelo lado litterario, em seguida veremos os symptomas moraes d'esse mesmo estado.

O *consummado germanista* já ha 24 annos, isto é desde 1849 (3) que não pegava na penna; estava reduzido ao estado de invalido na litteratura; o tempo havia passado com rapidez vertiginosa, destruindo reputações, erigindo outras, amontoando livros, sem cessar; o *con-*

(1) A admiravel ode de Schiller: *O Sino*, um poema todo philosophico, tão complexo nas suas allegorias genuinamente allemãs.

(2) *Ritter Togenburg* é uma lenda da edade média, que se funda na sorte de dous Condes de Togenburg, irmãos, dos quaes um foi assassinado pelo outro.

(3) Data de publicação dos *Eccos da Lyra* (1848), e da *Carta sobre a Ilha dos Amores*.

sumado germanista, sentiu, quando acordou em Setembro de 1873, por causa da nossa critica, instinctivamente todo o pêso do movimento de 24 annos, e vergou-se, dobrou-se, retorceu-se intellectualmente para fazer entrar o enferrujado machinismo do seu intellecto em nova marcha. Acordou como uma toupeira de um profundo lethargo, e cegou-o a luz do dia; viu a architectura da sua cova ameaçada, quiz resistir; metteu hombros á empresa, mas o mesmo esforço que o devia fazer levantar, se tivesse forças, o fez cahir mais miseravelmente, porque as não tinha.

Foi estudar a lição a casa, revolveu os calhamaços poeirosos, deu-lhes tratos pouco amaveis, não sem graves imprecações contra os causadores de taes massadas, e apoz *nove longos mezes* (1) de madura meditação sahio triumphantemente á luz do dia, bradando que tinha achado o anel de Salomão. Como tomar conta do movimento scientifico de um intervallo de um quarto de seculo, quando se está decrepito, physica e intellectualmente? Se nos custa a nós seguil-o, apesar de uma concentração de todas as forças, e todos os que tem boa fé dirão o mesmo. O snr. G. M., que havia aprendido em Hamburgo o allemão *ad usum negotiorum* trouxera de lá alguns livros velhos, que dormiam a somno solto ha 24 annos nas estantes da sua rica (2) livraria; eram algumas edições de classicos allemães do principio d'este seculo, da casa Cotta de Stuttgart, hoje completamente prejudicadas, desde que o privilegio (3) d'esta firma acabou; al-

(1) As primeiras criticas a Castilho sahiran em meado de Julho de 1872, e a resposta do snr. G. M. em fins de abril de 1873.

(2) Segundo dizem.

(3) Fallamos do privilegio da edição dos classicos allemães, que terminou ha poucos annos.

guns livros de critica litteraria no ponto de vista de 1810 e 1840, por homens que mesmo então eram secundarios (Laube e outros) (1), etc. Mas até o que elles diziam estava esquecido; o *consummado germanista* não fizera caso dos livros, nem elles do seu dono, e por isso o comprometteram, abrindo-lhe os thesouros da sciencia... de ha 60 annos (M.^{me} de Staël, 1810), e de ha 32 (Laube, 1839-1840) (2) — que o snr. G. M. tomou ingenuamente á lettra. Não admira pois que o *consummado germanista*, acostumado ha 24 annos a manusear só o *Diario*, a *Rasão*, o *Copiador* e outros livros do commercio, applicasse ás ideias litterarias o mesmo raciocinio do que ás cifras.

Não extranhamos a novidade do processo; pelo contrario, explicamol-o perfeitamente, achando-o mesmo o unico logico e natural no seu estado de espirito.

Mas eis que o proprio snr. G. M. nos vem, com uma ingenuidade digna de melhor sorte, dizer a veridica historia da sua sciencia de *consummado germanista*:

«Lêmos o *Segundo Fausto* poucos annos depois da sua publicação (3). Fatigou-nos a sua leitura. O defeito estava decerto da nossa parte (4).»

Agora o seu saber na lingua allemã:

«O conhecimento que então tinhamos da litteratura e lingua alleman não seria, como ainda agora não será talvez, sufficiente para penetrar a fundo n'um texto que se nos tornava cada vez mais difficil, á medida que os

(1) Vide o capitulo iv: *As fontes de consulta*.

(2) Vide o capitulo iv, já citado.

(3) Em 1833 como posthuma. (Nota do auctor.)

(4) *Os criticos*, pag. 84.

personagens do drama se iam afastando do mundo real e se remontavam a perder de vista para regiões phantasticas (1).»

Emfim o melhor de tudo :

«Annos depois (2) lêmos e confrontamos com o original diversas traducções, e temos **ultimamente** manuscado alguns commentadores. As primeiras fizeram-nos conhecer melhor o texto, mas nem as traducções nem os commentarios chegaram a produzir em nosso espirito a convicção por que almejávamos (3).»

O **ultimamente** é impagavel!

Ninguem calumniá, falla o proprio interessado e confirma de uma maneira evidente o que acima dissemos ácerca do processo de incubação da sua resposta.

Que ingenuidade aos 66 annos!

A mesma sciencia *rocóco*, a que o snr. G. M. recorreu, ainda podia ter o prestimo de dar ao seu livro o merito da unidade; mas eis que a inspiração o leva por desgraça *ultimamente* a Düntzer, e eil-o, ora aceitando o que este commentador diz (4), ora discordando das suas opiniões, desde o momento em que o escriptor allemão se approxima da nossa exposição e se affasta das palavras do Visconde, ou das interpretações que o snr. G. M. tira ás vezes d'estas *à fortiori*, pelos cabellos.

E aqui tocamos no systema, ou melhor falta de systema, que serviu ao snr. G. M. de norma na sua resposta.

(1) *Os criticos*, pag. 84.

(2) Calculando 5 annos, por muito favor, logo em 1838.

(3) *Op. cit.*, *ibid.*

(4) *Op. cit.*, *passim*. O unico, cuja sciencia é aproveitavel, entre os que o snr. G. M. cita.

Vejamos :

A tactica não é nova; o snr. G. M. não defende o Visconde de Castilho à *outrance*; foi mais impudente ainda; pretende tripudiar em publico com a verdade, fazendo-lhes algumas concessões, como se ella se prestasse a isso!

Nota máculas (1), defeitos (2), na pseudo-traducção do Visconde, diz que elle «ignora de certo milhares de cousas» (3), dá-nos razão em algumas notas — se tudo n'este mundo é imperfeito! Mas para que nas passagens capitaes (4) possa d'algum modo defender as ineptias de Castilho, estabelece um systema de aproximações successivas entre o sentido falso das palavras do Visconde e o verdadeiro das de Düntzer, o que dá em resultado um ponto de contacto entre a ideia refundida

(1) *Os criticos*, pag. 7.

(2) *Os criticos*, pag. 190, final.

(3) *Op. cit.*, pag. 49, para dizer que ignoramos cem mil!

(4) Como na designação de *aborto*, applicada á 2.^a parte da Tragedia, no *estorva*, applicado a Mephisto, na *Lilitha da Costa* e no *Adão de Barros*, no *És meu* final, no *frenesi de gosar sensualmente*, applicado a Goethe, na impossível (scena da tempestade na caverna, na scena da *eça* e dos *tocheiros* (scena da igreja), no *És nada* (visão do espirito), nas immundicies *inventadas* por Castilho (*Fausto*, pag. 164):

a.) « O pastar das pulgas nas damas ».

b.) « O recusar-lhe a mamminha » (pag. 165).

c.) « Os passaros maganos accessos co'o verão. » (pag. 267).

d.) O « pascendo rosas no seio » (de Margarida, pag. 279).

e.) O « fechada (a porta do quarto de Margarida) em falso — e então... (acrescentado!!) » pag. 294).

f.) « Eu só de pôr na ideia o regabofe que em Valburga vou ter co'o femiaço » (pag. 312).

g.) « Mocedo á tripa forra » (pag. 347,) etc., etc., etc., etc.

Convidamos o snr. G. M. a mostrar-nos uma palavra de tudo isto em Goethe! Vide ainda mais uns 78 termos de taberna, colligidos nas *Tabellas synopticas*. *O Faust*, etc.

de Castilho, e aquella que o allemão indica. Estas metamorphoses sophisticas podiam fazer honra a um principiante de logica, e não duvido que o proprio Mephisto lhes acharia graça, se o *discipulo* lhe sahisse com tal cousa no *collegium logicum* — mas querer fazer d'estas artes magicas em publico, já nem malicia é, mas estulticia, que rima, e se casa melhor do que vulgarmente se imagina.

Esta aproximação das opiniões de Düntzer e das do Visconde tem todavia um inconveniente com que o snr. G. M. não atinou; estas referencias continuadas entre o espirito de Düntzer e o do Visconde, induzem-nos a uma suspeita assaz fundada, e que é: as estulticias das notas pertencerem ao proprio snr. G. M. e não ao Visconde, competindo-lhe ao menos uma grande parte na gloria. O Visconde não conhece Düntzer, não sabe o allemão, a obra não foi ainda traduzida, Castilho não faz uma *unica* referencia a ella, em toda a sua pseudo-traducção — como é pois que nas notas de Castilho se encontram vagos indicios de origem allemã e mais propriamente dos commentarios de Düntzer (1)? Lembremo-nos que um collega do snr. G. M. falla bem claramente do modo como se está «vislumbrando na edição o attento desvelo do meu erudito amigo o snr. José Gomes Monteiro (2)?»

Limitar-se-ia o mister do snr. G. M. a simples revisor de provas? Não o sabemos positivamente, (porque

(1) P. ex. a passagem relativa ao nome Urian, *Os criticos*, pag. 168 e 169; a ideia dos *tres prologos*, da *divisão das scenas*, etc. etc.

(2) *Commercio do Porto* de 4 de julho de 1872; folhetim do seu collega Camillo.

não costumamos devassar mysterios de imprensa), mas não é crível que o *consummado germanista* não fosse oraculo em mais alguma cousa; argumentamos só sobre a base que nos fornece o que atraz deixamos dito, e muito jocoso seria, se se verificasse que o mestre Pangloss havia sido enterrado pelo discipulo Candide, e que o Visconde soltára o canto do cysne pela melodia do snr. G. M.

Os termos: *Parece-nos... Quanto a nós... Creemos*, etc., applicados, quando se trata de refutar auctoridades, como as que allegamos, e que são homens de reconhecida sciencia, nada significam senão a opinião individual do snr. G. M., que nada vem ao caso. Para se refutar uma opinião, segue-se outro processo; oppõe-se-lhe a de uma auctoridade superior que demonstre estar o ponto de vista do auctor que se refuta, antiquado, ser falso ou ser apenas parcialmente verdadeiro.

Esses modos de vêr do snr. G. M., apesar de ser um *consummado germanista*, serão muito bons, mas nem tudo o que luz é ouro.

A mesma facilidade e elasticidade, que o snr. G. M. se arroga, applica-a elle a Castilho; nos pontos onde não é possível estabelecer uma paridade tal ou qual entre o pensamento do Visconde e o pensamento de Goethe, ou da critica allemã, attenua, affirmando que o «modo de vêr» de Castilho não discorda *essencialmente*, (1) que se *aproxima*, que diz *quasi o mesmo*, etc.

Passemos ao exame do estado psychologico do *consummado germanista*.

(1) *Os criticos*, pag. 111, passim.

Um symptoma mui singular d'elle, é um azedume que enche as paginas de fel, não lançado contra nós, isso era natural, mas espalhado em todas as palavras, em tudo o que toea. Castilho havia dito ingenuamente que *não acreditava bem nas excellencias, nas vantagens, no prestimo real e effectivo da tragedia* (1); o *Faust* era uma concepção clara de mais para o «lumesito do fogareiro» do Visconde. Depois, na *Advertencia* ácerca das «Aureas nupcias» declara, sempre ingenuamente, «que nenhuma outra parte do livro lhe queimou tanto o sangue como esta» (2); e assim por diante.

O mesmo mal-estar, o mesmo descontentamento, o mesmo *cauchemar*, se apossa do snr. G. M. Acha-se primeiro em *dúvidas* (3) ácerca da *Segunda parte*, depois qualifica de *conceituosa* (4) a classificação de aborto (5) e de absurda (6), dada a esta parte por Castilho; acha Goethe *egoista, phreneticamente sensual*, como o seu collega, o Visconde, e para abafar o remorso por ter fallado de tal fórma, apesar da sua *profunda veneração* (7) por Goethe, desculpa-se gentilmente, por si e por Cas-

(1) Eis a passagem correspondente da *Advert.*: «a minha crença nas excellencias, nas vantagens, no prestimo real e effectivo da tragedia *Fausto*, não era nem é ainda hoje tão exaltada, tão ardentemente devota como a de meu irmão. Diferença essa fundamental (*e typica, diremos nós*), que a miúdo nos fazia perder em alterações escusadas o tempo que melhor se lográra em apressar a tarefa começada.» *Fausto*, *Advertencia*, pag. xiii.

(2) *Advert. ás Aureas nupcias, Fausto*, pag. 364.

(3) *Os criticos*, pag. 84; as ideias do snr. G. M. ácerca d'esta parte da tragedia são analysadas no cap. viii-a.) e b.)

(4) *Op. cit.*, pag. 91.

(5) *Fausto*, *Advertencia*, pag. xvi.

(6) *Op. cit.*, *Notas*, pag. 406.

(7) *Os criticos*, pag. 66.

tilho, alludindo ao «barro damasceno» (1) de que todos nós somos feitos — e ao nenhum valor «d'essas pequenas fragilidades» (2) . . . ia-lhe quasi escapando: *aventures galantes* à D. João de obra grossa.

O seu azedume falla ainda das bulhas de Goethe com Herder, Jacobi, Merck, Wieland (!) e até com o veneravel Klopstock . . . , «que foram victimas (!) da orgulhosa soberberia com que por vezes lhes fazia intoleravel a sua soberba personalidade (3).» Depois insiste: «O egoismo de Goethe era proverbial em toda a Allemanha (4).» Antes refere o sr. G. M., já com intimo regosijo, o celebre *detesto-o*, que attribue a Schiller, adulterando e mutilando a passagem de Eckermann (5), e insiste segunda vez no mesmo *detesto-o* (6); falla ainda a proposito de Goethe, e das suas innocentes relações amorosas: em *mysterios d'alcova* (!) (7), e nota, com um regosijo mais proprio d'um satyro que entrevê as nymphas no banho, «a *fascinante nudez* das Musas (8) e os prazeres illicitos dos *poetas que nunca foram celebrados por suas virtudes*. O sr. G. M. defende as obscenidades (9) do Visconde de

(3) *Os criticos*, pag. 69.

(2) *Op. cit.*, pag. 69. Allude ás inclinações de Goethe.

(1) *Op. cit.*, pag. 72.

(4) *Op. cit.*, pag. 72.

(5) Vide o Capitulo VII. *As relações entre Goethe e Schiller*.

(6) *Op. cit.*, pag. 71, nota, principio e fim.

(7) *Op. cit.*, pag. 74.

(8) *Op. cit.*, pag. 73. « Os poetas nunca foram celebrados por suas virtudes asceticas. Os Pacomios e Hilarões achar-se-iam tão constrangidos no Parnaso entre as Musas vestidas de uma *fascinante nudez*, como os poetas nas asperezas da Thebaida. »

(9) Vide a ennumerção das mais flagrantes, atraz, pag. 41, nota 4.

Castilho e nota as acusações que lhe foram feitas (1) n'este sentido, mas sem dizer que o traductor portuguez as introduziu na sua versão, *sem necessidade*, (2) quando não estão no original, e por mero gosto da indecencia e da baixeza. Depois, para melhor o defender, faz reparo da forma como traduzimos e imprimimos *à toutes lettres* (3) o *Lied* que Margarida, n'um estado inconsciente canta na prisão.

O snr. G. M. tem o falso pudor d'aquelles—que já não o tem, aliás não fazia reparo n'uma palavra que Goethe traz em completo e que perde toda a sua significação usual, já pelas circumstancias do estado de quem a recita, já por ser a expressão energica, mas ingenua de uma canção popular, que não obedece aos preceitos hypocritas de uma sala (4) nem de damas que, dotadas sem duvida com muito pouca vergonha, recuam hoje de espanto á vista d'estas e d'outras palavras, quando as suas avós, mais pudicas, mais virtuosas e menos hypocritas, ouviam sem perigo as relações do *Decamerone* de Boccacio e dos *Cancioneiros* em França, Hespanha e mesmo em Portugal (5). A impudicia não está nas palavras, mas sim nos olhos e nos labios de quem as soletra; a estatua grega da Venus de Milo, por ser nua, não é

(1) A. Coelho. *Bibliographia critica*, pag. 8. *O Faust*, pag. 443 e 444, passim.

(2) Que era o nosso verdadeiro argumento, e que o snr. G. M. mutilou com a sua assáz provada *má fé*.

(3) *O Faust*, pag. 391, nota 148, pag. 509 e 510.

(4) Já havíamos previsto a objecção do snr. G. M. *O Faust*, pag. 444.

(5) Lembramos a liberdade ingenua d'algumas poesias do *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende e dos *Autos* de Gil Vicente. lidos e representados na côrte.

menos pudica do que a propria *Pudicicia*, togada d'alto a baixo, que se admira a seu lado nos museus e gabinetes do Louvre, Dresden, Berlin e outras cidades da Europa. Se o snr. G. M. e as suas leitoras não podem entrar n'uma galeria sem que sintam

« como Cupido n'elles acorda e estonteia » (1)

não é culpa dos quadros ou das estatuas, é culpa dos seus olhos, que não veem mais, ou só veem isso.

Se pois o mesmo snr. G. M., e as mesmas leitoras se revoltam á vista do que escrevemos, a culpa não é da letra, mas da careta.

Leiam antes a canção popular do *Faust* do que ouçam as obscenidades de Offenbach, Lecoq e outros, que attrahem a alta sociedade, de Lisboa e a alta e baixa burguezia do Porto, a espeluncas de baixissima esphera, embora se chamem Theatro da Trindade e se achem adornados de sedas e de velludos. (2)

A razão porque o snr. G. M. insiste no *egoismo* e na *sensualidade frenetica* de Goethe, não é só para defender Castilho e nos contradizer; ha n'isso um sympto-

(1) « Wie sich Cupido regt und hin — und widerspringt. » (Goethe, *Faust*, Hexenküche.)

(2) Se em S. Carlos, no templo em que já se ouviu o *Orfeo* de Gluck (é verdade, em 1801!) brilhou o proprio *can-can* dançado delirantemente na presença de SS. MM., que riam a bandeiras despregadas, como haviam rido na Trindade, á vista das graças um pouco fortes d'El-Rei Bobêche :

« Hontem tinha uma corôa
Hoje não tenho nem meia. »

Diremos ao leitor estrangeiro, que ha aqui um gracioso *calembourg*, porque a *meia (corôa)* é uma moeda de 500 reis.

ma menos aparente e mais profundamente psychologico: é o estado *mal content*, o estado da inveja miseravel, que não sabe, nem pode admirar um homem verdadeiramente grande, e trata logo de lhe procurar o calcanhar de Achilles; é o odio do vulgo perante certas individualidades superiores, que a alma bem formada aceita e admira até com regosijo, vendo n'ellas a divindade da propria natureza humana, emquanto o reprobó só se lembra do seu ferrete. Por isso dizia o celebre Carlyle a Lewes, a proposito do indigno livro de Menzel (1) sobre Goethe:

«Sim, é o grito de desespero de todos os idiotas, por verem que o Titão não era da especie d'elles; por conhecerem que era um genio divino, sem sombra sequer de um idiota (2).»

O snr. G. M. obedeceu nas suas criticas ao character pessoal e litterario de Goethe a este mesmo sentimento, que é a prova mais eloquente do seu estado moral. Não lhe invejamos essa triste situação de um espirito enfermo.

A *Revista contemporanea* (3) havia já dado o retrato physico do *consummado germanista*; era preciso fazer a pintura do retrato do sabio e homem de letras. Se agora tentassemos caracterisar ainda mais o homem, nos seus mysterios psychologicos, pelo processo de Lavater, tinhamos de recorrer a meios, que entram n'um systema de argumentação pessoal, cujos fructos duvidosos deixamos aos nossos adversarios.

(1) Vide Scherr. *Allgem. Gesch. der Lit.*, vol. II, pag. 286.

(2) G. H. Lewes. *Goethe's Leben*, vol. I, pag. 502.

(3) Vol. V., (1865) pag. 229.

O seu logar na confraria do **Elogio-mutuo** é o de mero negociante, de gerente dos interesses da sociedade.

O *consummado germanista* tem feito á testa da casa Moré um papel á moda do *Finot* de Balzac (1), e não admira que este immortal romancista pintasse em França um typo que se acha tambem em Portugal; o genio é cosmopolita e este caso ainda-o confirma; Pinheiro Chagas offerece-nos mais um motivo para esta approximação entre o seu collega e o typo de Balzac, pois o escriptor que o snr. G. M. intitula «o mais sympathico, o mais talentoso, o mais erudito, o mais brilhante dos escriptores portuguezes da novissima geração (2)», esse genio, pois não pode ser outra cousa, teve a ingenuidade de escrever já em lettra redonda: *que entrou na litteratura pelo estylo de um Lucien de Rubempré (3)*.

Quem se julga a si proprio d'esta maneira já não carece de elogios, mesmo, de um *consummado germanista*.

Onde o snr. G. M. toca no comico sublime é no seguinte. Depois de haver fallado do posto de honra que Camillo occupa na vanguarda da especulação litteraria e no trafico das lettras; depois de haver referido os cem triumphos dos cem romances, ou antes do romance stereotypado cem vezes sobre o typo mais que duvidoso do brasileiro, a creatura mais devassa (4) d'esta terra de Deos;

(1) *Illusions perdues*, vol. 1.

(2) *Os criticos*, pag. 14.

(3) O triste heroe do 1.º volume do já citado romance de Balzac. *Illusions perdues*.

(4) O que temos ouvido a brasileiros por repetidas vezes ácerca do estado moral e por consequencia intellectual do Brazil, excede tudo quanto se pode imaginar, *tudo!* Basta lembrar que no Rio de Janeiro ha umas 20 sociedades carnavalescas (sic) com termo medio 500 socios cada uma (ha-as de 800); cada so-

depois de haver fallado nas artes magicas d'este Ponson du Terrail de terceira especie, depois de haver evocado do quasi esquecimento em que jazem: Garrett (1), hoje desmascarado, Herculano decrepito, (segundo elle mesmo confessa) Rebello da Silva o *celebre* historiador do seculo XVIII (!), Mendes leal, uma antigualha que só apparece nos leilões dos burguezes de ha 40 annos; depois de haver apregoado á laia da *Trödelhexe*, ou *bruxa*

cio paga 5\$000 reis fracos, mensaes, ou 60\$000 annuaes, o que tiplicado por 500, dá — 30:000\$000 reis e esta somma por 20 (numero de sociedades) é igual a 600:000\$000 reis fracos ou 300:000\$000 fortes, distribuidos annualmente por 10:000 mancebos, approximadamente.

A applicação d'esta somma é destinada ás saturnaes do carnaval, onde apenas se veem meretrizes e os vadios que formam a mocidade esperançosa do Brazil e da colonia portugueza.

(1) Mui notavel é o que nos diz um intimo amigo do sr. G. M. acerca das relações d'este com Garrett:

«Sabes tu o que eu queria roubar á gaveta de José Gomes Monteiro? As cartas de Almeida Garrett, as confidencias d'aquelle immenso genio, que se expandiam na alma e intelligencia de José Gomes Monteiro. Estas seriam as paginas de ouro da biographia de ambos. Uma sei eu que existe em que Almeida Garrett, em perigo de vida, ou previsão de morte proxima, encarrega o seu amigo de defender-lhe a honra e a fama assim que a pedra sepulchral lhe vedar o direito da defeza. Que sublime legado! que legitima e jubilosa vaidade para o coração honrado e generoso de José Gomes Monteiro!» (*Esboços de apreciações litterarias*, pag. 219.

Sim, senhor, basta isto para nos pintar o janota de 55 annos, que, para brilhar como um *vieux vert* aos olhos das *petites maîtresses* de ha 30 annos, não teve vergonha de pintar as suas barbas com elixires, dando com a sua vida airada a confirmação de que o *genio immenso* precisa da *bohème* para a sua inspiração. Garrett tinha tanto o presentimento da severa sentença que a posteridade havia de proferir sobre elle (v. as moderadas verdades que lhe diz Romero Ortiz: *La litteratura portugueza en el siglo XIX*, Madrid, 1870, pag. 220 e 221) que encarregou o sr. G. M. de o defender; e que defensor!!

belfurinha (1) estas raridades litterarias, exclama tomado de subita allucinação :

« . . . se essas tocantes homenagens não servem senão para desafiar com redobrada sanha os selvagens improprios da ignorancia, então curvemo-nos a esta invasão de nova especie, que nos dizem vir ainda do fundo da floresta Hercinia, e volvamos contristados á barbarie (2).»

Folguem ainda um pouco senhores !

Podem ter mais alguns annos, não de descanso de certo, mas de caricata hegemonia litteraria sobre a massa ; poderão continuar a servir por mais algum tempo de guia á corrente suja e gordorenta que deixa nos mesmos que vão n'ella as nodoas characteristics, o ferrete das más acções — mas, ou todos os casos identicos (mil vezes negados, é verdade, mas mil vezes confirmados) são mentira, ou nós seguiremos logicamente o nosso caminho e daremos mais uma confirmação á regra. Mil, um milhão de vezes se negou a verdade, e um milhão de vezes se lhes provou a mentira.

Continuem pois, e entretanto console o snr. G. M., os seus amigos e continue apregoando, como a *bruxa belfurinha* :

« Não passem, freguezes, sem vêr a fazenda de trinta mil castas, que trago hoje á venda. Não são galanduchas, que nunca alguém visse. Não vem coisa alguma, que já não servisse uma vez ao menos de perder a alguém. Quem vem ? quem enfeira ? freguezes, quem vem ?... » (3)

(1) Castilho, *Fausto*, pag. 350. Scena da noite de Valburga.

(2) *Os criticos*, pag. 8.

(3) Castilho, *Fausto*, pag. 350. Noite de Valburga.

E com isto damos a lebre por corrida, para recapitularmos os motivos e os caracteres da resposta do snr. G. M.

Os motivos da resposta resumem-se em dous: um occulto, outro claro.

Este: é o despeito, ou melhor a *rabbia* de uma especulação lograda e da perda de uma segunda, *em perspectiva*. Aquelle: é a tendencia natural de querer salvar o Visconde das inepecias em que se enterrou, para não se afogar pessoalmente por as ter ajudado a fabricar.

Agora os caracteres da obra. São elles, sob o ponto de vista litterario:

1.º *A feição rocóco, o character archeologico* da sua sciencia, sciencia de livros do principio d'este seculo, obras completamente nullas ou de nenhum valor, como veremos.

2.º O seu estado de innocencia em litteratura, antes de 1848, e de invalido, depois de 1849.

3.º O seu systema sophistico na exposição das ideias, sejam suas ou alheias, por meio de mutilações, omissões, falsas citações — enfim a falta de probidade litteraria.

4.º A falta de criterio litterario nas minimas cousas, a sua falta de methodo, a sua ignorancia absoluta dos principios mais elementares da philosophia da litteratura; enfim a sua ignorancia dos processos modernos da critica.

Sob o ponto de vista psychologico notaremos os seguintes symptomas:

1.º Um mal-estar, uma inveja, uma má fé, que tem a sua origem na desgraçada situação moral do auctor.

2.º Uma tendencia baixa, *sensual*, propria da velhice

ociosa e malevola, que nunca soube o que é o pudor e o trabalho honrado.

D'estes caracteres litterarios e symptomas psychologicos combinados, nascem naturalmente muitas cousas: uma ignôrança geral em tudo o que diz respeito á Allemanha e aos allemães (1), em tudo quanto se refere a Goethe e á sua importancia litteraria (2), ás suas relações com Schiller (3) e ao espirito do *Faust*. (4)

Tocamos apenas de leve n'estes pontos, que serão averiguados a miudo no decurso d'estas paginas, que podemos qualificar de *refutação completa*, sem que o snr. G. M. nos possa provar depois que faltamos á verdade, como o provaremos com relação a elle (5). N'este livro preferimos adoptar um systema differente do que serviu para a nossa analyse á traducção do Visconde; preferimos tomar em globo as accusações do snr. G. M.; pintar, marcar com alguns traços (6) profundos e capitaes, as tendencias, a argumentação, o systema de critica — emfim o espirito do livro do snr. G. M. Mas nem por isso descüramos o processo analytico, porque á proporção que marchamos, fomos colhendo os argumentos, um a um, e desfolhando essas flôres de rhetorica á medida que lhe examinavamos o calix. Podemos ainda dizer que a feição d'este livro é mais expositiva e doctri-

(1) Vide o capitulo iv: *As fontes de consulta*, e o capitulo v: *A Allemanha e os Allemães*.

(2) Vide o capitulo vi: *Goethe e as leis da historia litteraria*.

(3) Vide o capitulo vii: *As relações entre Schiller e Goethe*.

(4) Vide o capitulo viii. *A Tragedia*; a.) 1.^a e 2.^a parte; b.) *Preludio no theatro — Prologo no céo*.

(5) Vide o capitulo x: *Bagatellas*.

(6) A que correspondem os differentes capitulos.

narria, e menos militante, do que a que caracteriza o livro contra Castilho (1); as accusações do snr. G. M., importam-nos menos do que informar o publico de muitos factos que elle ignora, e ligando-os, determinar a sua philosophia e introduzir o leitor no espirito d'essa admiravel litteratura allemã, que entre nós é um mundo desconhecido (2).

A resposta do snr. G. M. é para nós um mero incidente que nos serve para expormos em publico um certo numero de cousas, já ditas lá fóra, é verdade, mas não sabidas aqui. Agora algumas palavras em particular ao snr. José Gomes Monteiro:

Livre-se de nunca mais nos tornar a fazer insinuações falsas, como a que se refere á *cegueira physica* do Visconde de Castilho, que o snr. G. M. inventou — faltando á verdade, que é o termo mais moderado que achamos. Livre-se de ostentar sentimentos que não tem, como a sua desinteressada amisade por Castilho, quando temos á nossa disposição documentos que provam, que se alguem *insultou* um dia a *cegueira physica* de Castilho: foi o proprio snr. José Gomes Monteiro. O seu patriotismo pode ser tambem alumiado com uma lanterna magica que mostrará que nem sempre foi o mesmo, sobretudo no estrangeiro.

Saiba o snr. G. M., que os archivos dos tribunaes, que as bibliothecas estão abertas a todos, que os jornaes novos, velhos e velhissimos se acham em uns e outros

(1) Sobre as razões: Vide o capitulo 11: *Castilho julgado em 1829*.

(2) Que pese a Anthero de Quental e outros, que imaginam enganar o publico, citando os livros pelo seu titulo... ou *moto*. Vide *O Faust*, pag. 461-473.

—que uma carta para Hamburgo gasta apenas oito dias, se tanto, e que a sua biographia como se lê em I. da Silva (1) e na *Revista contemporanea* (2), está incompleta, e que as datas e os factos, que a ella se referem, podem ser illustrados e rectificadros por uma selecta collecção de extractos de jornaes allemães e francezes, que escaparam ainda aos destroços da communa e ao grande incendio de Hamburgo (1842).

Como estas palavras são particularmente ao snr. Gomes Monteiro, bastam para elle nos entender, e ficar sciente de que á primeira voz, desmascaramos o passado e publicamos *à toutes lettres* documentos, que hão-de ensinar ao publico a distinguir o joio do trigo. Sabemos até onde nos arriscamos com esta declaração, mas temos tambem a certeza que o snr. José Gomes Monteiro não gostará de nos ouvir no Tribunal.

Sirva-lhe pois isto de lição e emenda, que do coração lhe desejamos. As suas relações de amisade com Camillo, Castilho e outros, conhecemol-as de sobejo, e sabemos muito bem quaes os laços de mysterioso interesse que o prendem a esses senhores; as relações entre Camillo e Castilho illustram-as os romances *Coração, Cabeça e Estomago, O que fazem mulheres*, etc. etc.; as entre Camillo e o snr. Gomes Monteiro, o romance: *Retrato de Ricardina*, etc., etc. Virá um dia, talvez não longe, e que a justiça dos factos e a logica dos successos podem apressar, em que apparecerão em relevo á luz do dia as relações e os mysterios da nossa litteratura, a sua historial *moral*, e então verá a Europa,

(1) *Dicc. Bibl.*, vol. iv, pag. 363-364.

(2) Vol. v, 5.º anno, pag. 230-240.

que a gangrena exterior não é tão repugnante como a interior.

A verdade é grande, ella triumphará, ainda que a queiram transvestir com mil trapos.

Muito enganados andam os velhos impenitentes da nossa bohemia litteraria, se imaginam que os mancebos irreverentes ignoram as suas proezas; ainda ha um anno soubemos em Paris, por documentos, coisas de Garrett, que o pintam de um modo bem singular.

Cautela pois, não chamem muito pelo *advocatus diaboli*, aliás podem-lhe ouvir o *Sündenregister*, o sermão de penitencia.

O snr. Gomes Monteiro que o entenda; da nossa parte só lhe podemos citar, como a expressão do nosso apreço o verso allemão, que não traduzimos — *proh pudor*:

« Du bist am Ende — was du bist.
 Setz dir Perrücken auf von Millionen Locken,
 Setz deinen Fuss auf ellenhohe Socken,
 Du bleibst doch immer, was du bist. »

(Goethe — *Faust*)

CAPITULO IV

As fontes de consulta (1)

1. 1810. M.^{me} de Staël. *De l'Allemagne*.
2. 1812. W. Schlegel. *Ueber dramatische Kunst und Literatur*.
3. 1840. H. Laube. *Geschichte der deutschen Literatur*.
(foi publicada de 1839-1840.)
4. 1840. H. Blaze. *Essai sur Goethe* (na sua trad.).
5. 1856. H. Heine. *De l'Allemagne*.
6. 1857. H. Düntzer. *Goethe's Faust erläutert* (2.^a ed.).
7. 1861. Idem. *Würdigung des Goethschen Faust*.
8. 1862. M.^{me} de Carlowitz. *Correspondance entre Goethe et Schiller* (com a introd. de Saint-René Taillandier).
9. 1863. J. P. Eckermann. *Conversations de Goethe, recueillies par . . . traduites par Emile Délerot*. (introd. de Sainte-Beuve.)
10. 1870. Heinrich. *Histoire de la littérature allemande*.
11. 1872. A. Bossert. *Goethe, ses précurseurs, etc.*

(1) Estas são as obras que o snr. G. M. consultou directamente para o estudo do *Faust*; o resto é citado em segunda e terceira mão, *apud* diferentes auctores, principalmente Düntzer.

Esta simples exposição chronologica é sufficiente-mente eloquente para demonstrar em que altura scientifica estão os conhecimentos do snr. G. M., e dispensaria qualquer commentario, se em logar de um leitor portuguez, tivessemos um leitor allemão diante de nós; assim, temos de descer á analyse, um por um.

O valor do livro de M.^{me} de Staël já o determinamos (1), analysando algumas passagens characteristics da sua critica ao *Faust* (2), todavia essas poucas passagens que escolhemos são capitaes e provam que M.^{me} de Staël era incapaz de entender o *Faust*, mesmo na fórma em que elle era então conhecido. Repetimos de novo (3): «reconhecemos o merito da escriptora em outros assumptos» e fôra injusto desconhecer os serviços que prestou o seu livro, onde ha bom, mau e pessimo, mas convem, e n'isto somos justos, que se saiba o que é que M.^{me} de Staël podia avaliar na Allemanha do seu tempo e aquillo que estava fóra da sua esphera de analyse. Restringimo-nos aqui com relação ao *Faust*.

A concepção da tragedia é tão extraordinaria, que ainda hoje, apesar de tantos commentadores, ha divergencias notaveis; no tempo em que M.^{me} de Staël esteve em Weimar (Dezembro de 1803) estavam impressos (em 1790) apenas alguns fragmentos do *Faust*, cuja primeira parte foi só concluida em 1806 e publicada dous annos depois. Como havia M.^{me} de Staël avaliar o *Faust* por uns fragmentos, embora admiraveis, mas que não lhe podiam dar uma ideia, nem do plano geral

(1) *O Faust de Goethe*, etc., pag. 52-56.

(2) *De l'Allemagne*, pag. 284-309 (ed. Garnier).

(3) *O Faust de Goethe*, pag. 56.

da obra, nem da concepção philosophica; está hoje so-
bejamente demonstrado que a comprehensão, mesmo da
primeira parte do *Faust*, depende (1) absolutamente da
comprehensão da *Segunda parte*, que, embora pese ao
Visconde de Castilho e ao snr. G. M., se entende hoje
perfeitamente, quando se está á altura da sciencia; os
enigmas da *Segunda parte* do *Faust* estão hoje resol-
vidos emquanto ás ideias essenciaes da tragedia.

Ora essa *Segunda parte*, cujo conhecimento é indis-
pensavel, foi só-publicada como posthuma (1833), e por
isso pôde dizer-se que só d'essa data em diante se come-
çou a avaliar a tragedia segundo as bases racionaes; isto
é, pela critica comparada das duas partes, auxiliada pela
interpretação symbolica e philosophica.

Demais, o que era M.^{me} de Staël em 1803, quando
visitou a Allemanha? Veja-se a correspondencia entre
Schiller e Goethe (2), e para que, servindo-nos dos nos-
sos argumentos, não sejamos accusados de parcialidade,
citamos o juizo que o proprio Goethe e Schiller forma-
vam da escriptora franceza. Ouçamos Schiller (3):

«M.^{me} de Staël parecer-vos-ha tal e qual como a ha-
veis imaginado já *a priori*; tudo n'ella é d'uma mesma
massa, sem o menor falso indicio pathologico; isto faz
com que se esteja bem com ella, e haja vontade de se lhe

(1) Fr. Kreyssig, *Vorlesungen über Goethe's Faust*. Ber-
lin, 1866.

(2) *Briefwechsel zwischen Schiller und Goethe in den Jahren
1794 bis 1805*. Stuttgart, Cotta, 1870, 3.^a ed. Vejam-se no vol. I,
as cartas. N.^{os} 110-115 e 118, 132 e 133, 250-253, 255-257, 260,
262, 263. No vol. II. N.^{os} 489, 490; 925, 927, 928, 929, 933,
935, 937-940, 944, 946, 947, 951, 952, 953 e 958.

(3) *Briefwechsel z. Schiller und Goethe*, 1870, 3.^a ed., vol.
II, pag. 408 e 409

dizer e ouvir tudo, apesar da *immensa distancia das naturezas e do modo de pensar*. A cultura franceza do seu espirito apresenta-a pura, e n'uma luz extremamente interessante. *Em tudo o que chamamos philosophia*, e por isso em todos os pontos extremos e mais elevados, não ha como entender-se com ella, apesar de todos os dizeres; porém o seu temperamento e modo de sentir é melhor do que a sua metaphysica, e a sua bella razão eleva-se até uma possibilidade genial. Ella quer explicar tudo, comprehender tudo, medir tudo, não admite nada de obscuro, impenetravel, e onde não póde chegar com o seu facho, tambem considera que nada alli existe. É essa a razão por que tem um mêdo horroroso á philosophia idealista (*Idealphilosophie*), que, segundo o seu modo de vêr, conduz ao mysticismo e á superstição — e isto mesmo constitue o ar mephitico em que ella succumbe. Sentimento poetico, *ou senso para aquillo que nós chamamos Poesia*, é cousa que ella não tem; em obras d'esta ordem comprehende e apropria-se só o que ellas tem de apaixonado, rhetorico e geral; não apreciará decerto uma cousa falsa, sem valor, mas nem sempre conhecerá o que seja verdadeiro. Podereis vêr, por estas poucas palavras, que a clareza, a coragem e vivacidade espirituosa da sua natureza, só podem influenciar de uma maneira benefica; o que lhe acho de incommodativo é a excessiva volubilidade da lingua, que nos obriga a transformarmos totalmente em um órgão auditivo, para poder seguir o fio do discurso. Como eu, apesar da minha pouca facilidade no francez, me sustento soffrivelmente, podereis vós, graças a melhor exercicio, communicar mais facilmente com ella.»

De proposito nos abstivemos de mutilar a passagem relativa a M.^{me} de Staël, que damos completa, para que se não supponha um *parti pris*; e para que o retrato da escriptora seja completo, veja-se o seguinte, que diz Goethe:

«A noticia das cartas de Rousseau transtorna na verdade o jogo á dama, que temos presente. Uma pessoa vê-se no espelho (diamantino-adamantino) a si próprio, e previne-se contra a monomania caricata do mulherio francez» (1).

Isto explica-se. Goethe havia lido, pouco antes de conhecer M.^{me} de Staël, uma correspondencia entre Rousseau e duas senhoras, que, a pretexto de uma supposta veneração, o haviam disfrutado, e depois de se haverem sufficientemente divertido com elle, publicaram-lhe as cartas. Goethe fallou com M.^{me} de Staël a respeito d'esta maliciosa acção, e ouviu, com espanto, que a sua hospede tencionava applicar em Weimar o mesmo processo. Foi isto o bastante para o auctor do *Faust* se envolver n'uma reserva quasi absoluta, resistindo a todas as amabilidades da franceza, que não achou em Goethe a mesma expansão que em Schiller, que teve a paciencia de a ouvir. Em Schiller havia, segundo o dito de Goethe a Zelter (2), «uma tendencia de Chris-

(1) *Briefw. z. Schiller u. Goethe*, 3.^a ed., (1870) vol. II, p. 414.

(2) Um dos mais notaveis compositores da Allemanha no genero do *Lied* (canção para vozes só); amigo intimo de Goethe, e com quem sustentou uma activa correspondencia, publicada por Riemer. (*Briefwechsel zwischen Goethe und Zelter*. Berlin, 1833-1836, 6 vol. in-8.º) Zelter exerceu uma grande influencia sobre o ensino musical na Prussia, onde viveu a maior parte do tempo, e formou notaveis discipulos, dos quaes o mais celebre foi Felix Mendelssohn Bartholdy.

to, uma natureza cheia d'um espirito divino, que espalhava, assim como o sementeiro do Evangelho, a semente da verdade, sem cuidar se era para os passaros, se para a terra fertil (1).»

Goethe passou provavelmente aos olhos de M.^{me} de Staël por um *egoista*, quando era apenas prudente, mas fugiu ás massadas que lhe preparava a franceza, e foi mais feliz do que Schiller, que depois de a ver fóra de Weimar, não pôde deixar de exclamar:

«Tambem depois da sahida da nossa amiga sinto-me, como se tivesse passado por uma longa doença.»

M.^{me} de Staël havia commettido um erro, que escapa a muitos hospedes, havia ficado em Weimar mais de tres semanas, isto é: *demais*, e quando os dois amigos não tinham mãos a medir com trabalhos importantissimos.

A impressão que M.^{me} de Staël produziu em Weimar, retrata-se do mesmo modo, até em escriptores estrangeiros, que se achavam então na capital do ducado (2). A escriptora, depois de ter batido em vão á porta de Voss (3), e quasi em vão á de Goethe, que não lhe abriu senão as portas da *sua casa*, teve de se contentar com os *dii minorum gentium*. Entre estes, figurava um joven inglez, muito estimado em Weimar pela sua intelligencia e sympathicas qualidades, que lhe haviam aberto allí todas as portas e todos os *corações*. M.^{me} de

(1) E. Palleske, *Schiller's Leben und Werke*. Berlin, 1860, 3.^a ed., vol. II, pag. 509.

(2) Transformado em Grão-Ducado só em 1815, depois do congresso de Vienna.

(3) 1751-1826. Poeta e philologo distincto; celebre pelas suas traducções do grego (Homero) o latim (Virgilio, Ovidio, etc.).

Staël participava d'essa amabilidade, e Crabb Robinson (1), que é de quem se trata, teve a paciencia de lhe explicar Schelling, com mais felicidade, do que Schiller o fizera para Kant. O inglez e a franceza eram em breve amigos, mas isso não impediu que Robinson lhe declarasse com uma admiravel franqueza: «Madame, vós não entendestes Goethe, e nunca o entenderéis!»

M.^{me} de Staël tinha ainda bastante dignidade para admirar esta franqueza viril, sem se agastar; Robinson da sua parte sustentava a sua seriedade, mesmo em face das velleidades de mulher de M.^{me} de Staël (2).

Eis a maneira como se devem entender as relações entre M.^{me} de Staël e os dois poetas, que se podem estudar por completo na correspondencia original, cujos resultados aqui condensamos e expômos, segundo a narração de varios escriptores.

Isto bastará para reduzir os dizeres da litterata a respeito do *Faust* (que é o ponto em questão) a nada, e provar que o snr. G. M., assim como o Visconde de Castilho, lançando mão de tal fonte, foram commentar a tragedia e a litteratura allemã á luz do anno de 1803.

(1) Em 1869 appareceram em Londres, em 3 vol., gr. in-4.^o, as suas *Memorias e cartas*, que são muito importantes para a historia da litteratura allemã no fim do seculo xviii. Robinson teve a felicidade de conviver com quasi todas as celebridades da época. Em 1871 appareceu um resumo da obra, com o titulo: *Ein Engländer über deutsches Geistesleben im ersten Drittel dieses Jahrhunderts*. publ. por K. Eitner. Weimar, 1871. Vide a analyse em *Blätter für literar. Unterhaltung*, 1873, n.^{os} 9 e 10.

(2) Quando esta, antes de partir para Berlim, mostrava á meza aos seus convidados as suas toilettes e tudo admirava, menos Robinson, respondeu este, interrogado, com toda a seriedade: «Madame, vós pedis demais — não posso admirar a um tempo a vossa pessoa e a vossa toilette de baile.»

O que W. Schlegel escreveu e publicou em 1812 (*Ueber dramatische Kunst und Literatur*) está hoje, assim como os *Aufsätze* de seu irmão F. Schlegel, *bastante antiquado* (1) (sic), e o snr. G. M., que é um *consummado germanista*, devia sabel-o em 1873. Essa tendencia em querer negar talento e faculdades dramaticas a Goethe e a Schiller, em que Lewes insiste (2), foi reduzida por Palleske (3) ás devidas proporções, tirando aos argumentos do escriptor inglez as bases, que este fôra procurar em Devrient (4), não é mister desenvolver aqui a exposição de Palleske, mas restringindo-nos ao *Faust*, refutamos, com uma simples classificação, esses argumentos desfavoraveis.

A tragedia é, como diz admiravelmente Carriere (5)

(1) Scherr. *Allgem. Geschichte der Literatur*, 1872, 4.^a ed., vol. II, pag. 258.

(2) *Goethe's Leben*, vol. II, pag. 306-336.

(3) *Schiller's Leben*, vol. II, pag. 465-506.

(4) Philipp Eduard Devrient pertence a uma antiga familia hollandeza (De Vriend) que emigrou para a Prussia no seculo XVIII. Os seus membros tem, desde então, brillhado como cantores distinctos e actores de primeira ordem nos principaes theatros da Allemanha. Citaremos Ludwig Devrient, (1798-1832) celebre actor no genero: *Characterrollen*; Karl August. D., sobrinho do antecedente, actor tambem, e marido da celebre cantora W. Schöder Devrient; Philipp Eduard, irmão do anterior, e auctor da notavel obra a que nos referimos: *Geschichte der deutschen Schauspielkunst*. Leipzig, 1841-1861, 4 vol. Ha enfim Gustav Emil D., tambem irmão dos dois antecedentes; foi primeiro cantor, e depois actor. quando perdeu a voz por causa de uma constipação. Ouvimos este celebre artista, que acaba de fallecer ha pouco (7 de Agosto de 1872), em varios theatros da Allemanha. Vide a seu respeito no: *Unsere Zeit*, 8.^o anno (1872) pag. 369-382 um *Essay* de R. Gottschall. Segundo este, parece que a familia é de origem franceza, o emigrou depois da suspensão do edito de Nantes (1685), para a Prussia, como huguenottes.

(5) *Erläuterungen zu Goethe's Faust*, vol. I, pag. x.

eine Gedankendichtung (1), de uma forma nova absolutamente original, e que escapa por isso a todas as classificações, e a todas as tesouradas mesquinhas e ridiculas que lhe queiram dar, para o entalar em Scenas, Quadros, etc. etc.

Á afirmação de Devrient:

«O dualismo vetustissimo dos generos, irrompeu de novo; o drama doctrinario (*gelehrt*) oppôz-se de novo ao drama popular (*volksthümlich*), e a poesia conquistou de novo a supremacia sobre a arte dramatica (2): a esta afirmação responde Palleske com uma phrase decisiva:

«O *doctrinario*, é entre nós quasi tão popular, como o *popular* (3).»

É difficil que n'um paiz, em que não se dá este caso, se entenda o *Faust*; a culpa não é de Goethe, mas sim da condição inferior dos outros povos, com relação ao nivel moral e intellectual da Allemanha.

E com isto nos despedimos da passagem archeologica do snr. G. M. (4), ácerca dos defeitos dramaticos do *Faust*.

Á obra de Laube (*Geschichte der deutschen Literatur*) (5), não fazemos longos commentarios, porque é um livro que não tem valor algum hoje; qualquer compendio elementar de critica litteraria lhe haveria ensinado

(1) Litteralmente: *poema de pensamentos*. V. o cap. viii.

(2) Palleske. *Schiller's Leben*, vol II, pag. 468.

(3) Das Gelehrte ist bei uns fast eben so volksthümlich als das Volksthümliche. *Op. cit.*, vol. II, pag. 467.

(4) *Os criticos*, pag. 113-121.

(5) Notaremos ao snr. G. M. que *Literatur* se escreve em allemão, em geral, com um *t*, e não com dois, como se vê a pag. 89, 115, 117, etc.

isto (1); não são só as ideias que desacreditam um livro, mas sim as fontes que o auctor indica, e citar Laube (1840) quando ha as obras de Gervinus, Koberstein, J. W. Schäffer, Wilmar, Wackernagel. Kurz, Goedecke, Roquette, e tantos outros, é um triste testemunho da parte de um *consummado germanista!*

Saiba o snr. G. M., se ainda é susceptível de aprender, que a importancia de Laube está no romance politico e socialista, e no drama historico; como historiadór litterario é uma reliquia.

H. Blaze (no *Essai*, que precede a sua traducção) forjou uma theoria do egoismo de Goethe, que faz mais honra á sua phantasia engenhosa, do que á verdade psychologica do caracter essencialmente humano de Goethe; a sua theoria explica-se pela data (1840) em que foi phantasiada, e é um signal typico da preguiça e da incuria franceza, que H. Blaze venha, na *duodecima edição* (1869) da sua obra, repetir stereotypicamente o que podia talvez passar ha 29 annos, mas que já depois de Lewes (1855) e das suas admiraveis paginas (2), era uma falsidade — e repetido hoje, em 1873 — é uma impudencia (3); o snr. G. M. devia sentir com

(1) K. G. Helbig. *Grundriss der Gesch. der poet. Literatur der Deutschen* 6.^a ed. 1861.

Este auctor cita como fontes de consulta mais de 30 obras sobre a litteratura allemã, desde 1822 e 1827 até 1862, mas nem sequer menciona Laube.

(2) *Goethe's Leben*, capitulo VIII. *Der wahre Menschenfreund*: o verdadeiro philantropo, vol. 1, pag. 481-503.

(3) Vide o que dizemos adiante a respeito do caracter de Goethe. Capitulos VI e VII.

os seus 66 annos o sangue subir-lhe ás faces, lembrando-se da sua hypocrita *veneração* por Goethe (1).

O snr. G. M. não podia conjecturar, que se não nos aproveitamos do extenso *Essai* de H. Blaze (pag. 3-151) é porque algumas razões tivemos para isso? Esse *Essai* é uma analyse phantastica, uma pura ficção, que não revela nem mais nem menos imaginação do que muitas phantasias, que se tem escripto sobre Goethe.

Demais o snr. G. M. não olhou para a data: Janeiro 1840, collocada no fim? Não lhe passou pela ideia que alguma cousa se haveria escripto ha 33 annos para cá, que pudesse servir de melhor guia para a caracteristica de Goethe?

As classificações de « eminentes criticos » que dá a H. Blaze, Saint René-Taillandier (!) e outros, é responsabilidade exclusivamente sua; todavia, essas qualificações são mais um indicio do seu estado de espirito, como a qualificação de *grande* poeta dada a Heine (2).

Emquanto ao livro d'este (*De l'Allemagne*) diremos apenas duas palavras; citar a sua obra, como a de uma auctoridade *moral e litteraria* (porque aliás nada significa), é uma miseria facil de explicar; uma das cousas que mais nos admirou, quando chegamos a Portugal, foi o enthusiasmo que soava na bôcca da mocidade de Coimbra ácerca d'este pseudo-genio, que equiparavam a Goethe, com grande espanto nosso! Para estes academicos havia a Allemanha do seculo XVIII e XIX pro-

(1) *Os criticos*, pag. 66.

(2) Aprenda o snr. G. M. a sentença definitiva que a Allemanha formulou ha muito sobre este vagabundo da *bohème* das letras. Veja Gervinus.

duzido só duas notabilidades: Heine e Goethe, união que nos pareceu assaz monstruosa — e característica.

Heine, e a influencia das suas obras, está ha muito julgada, e essa adoração pestifera a um homem, cuja sentença está de ha muito lavrada na Allemanha, basta para provar até onde nos havemos desviado do trilho da verdade e da moralidade litteraria. Ouçamos duas sentenças, qual d'ellas mais imparcial, e fique-se sabendo de uma vez para sempre quem é esse poeta:

«A Heine podemos apenas conceder o enthusiasmo do gracejo, isto é: Heine haveria talvez supportado antes alguma cousa má, e até a peor de todas as cousas, do que calar uma lembrança espirituosa que lhe estivesse fazendo cocegas na lingua. Que Heine era um *maltrapilho*, moralmente fallando (*ein moralischer Lump*) não offerece duvida, ajuizando pelas suas proprias confissões; demais está averiguado que recebia uma annuidade dos «fundos secretos» de Louis Philippe, isto é, de uma fonte que só beneficiava os Mouchards (*sic*), espiões, apostatas e traidores. Abstrahindo d'este férrete inextinguivel, é tambem certo, que Heine nunca pôde, por causa da falta de senso moral, crear uma obra de arte, como haveria direito a esperar do seu talento genial. O melhor que se tem dito de Heine, é a sentença d'elle proprio: — Eu sou *Sauerkraut* (1) preparado com ambrosia (2).»

Mais severa é ainda a sentença de Gervinus (3).

(1) Couve fermentada, *choucroute* (!).

(2) Scherr. *Allg. Gesch. der Lit.* vol. II, p. 290, nota 2, fim.

(3) *Die romantische Dichtung und ihre inneren Veränderungen* (*ein Gesch. des neunz. Jahrh.* vol. VII, pag. 180-187).

Comparando as duas naturezas de Byron (1) e de Heine, escreve:

«Lord Byron chegou, depois dos desvios da sua juventude, a uma conclusão ácerca da vida e do seu proposito, que achou por esforço proprio e sustentou com firmeza; porém a alma sem caracter de Heine, que elle mesmo, em vista da sua elasticidade, que o levava até ao infinito, para depois se encolher imperceptivelmente — chamava de *Caoutchouc*, não tinha nenhum ponto seguro de apoio, em cousa alguma, nem na religião, nem na posição social, nem no estado, nem na fé, nem na descrença, nem no realismo, nem no idealismo; nada lhe era sagrado; não tomava nenhum estudo a serio, nem mesmo o conhecimento de si proprio (2).» Basta d'esta repugnante, mas verdadeira pintura; quem se interessar pelo resto, que é ainda peor, leia-o em Gervinus. Que a mocidade de Coimbra de 1865 (3) andasse enganada no seu delirio por Heine — é triste, mas ainda se explica no nosso estado moral e psychologico; mas que um *consummado germanista* se sirva de semelhante auctoridade (4), é indício da mais crassa ignorancia; e cital-a então com relação á segunda parte do *Faust* (5), que Heine, pela sua decadencia moral e intellectual nun-

(1) Como entre nós vogam tambem a respeito do poeta inglez as ideias mais falsas, lembramos a breve, mas admiravel, caracteristica de Gervinus. (*Op. cit.*, vol. VIII, pag. 136-180.)

(2) *Op. cit.*, vol. VIII, pag. 183.

(3) E continúa no mesmo estado, cultivando o genero que Goethe caracterizou com o titulo de *Lazarethpoesie*: poesia de lazareto. (Eckermann, *Gespr.* vol. I, pag. 262.)

(4) *Os criticos*, pag. 79.

(5) *Os criticos*, pag. 91.

ca poderia haver comprehendido, cital-a com este fim, é falta de pudor.

Passamos agora pelas duas obras de Düntzer, de que fallaremos em ultimo lugar.

A correspondencia entre Goethe e Schiller, traduzida por M.^{me} de Carlowitz, é uma fonte suspeita, como o são em geral as traducções francezas; a introducção de Saint-René Taillandier sobre Goethe, que precede o primeiro volume (são dois), é uma fraquissima compilação, como não podia esperar-se de outro modo do academico francez (1); em qualquer dos dois casos revela o *consummado germanista* uma pobreza franciscana, porque nem sequer se soccorreu ao original allemão, nem se-

(1) Ainda ha pouco dava o *Göttingische gelehrte Anzeigen* (unter der Aufsicht der Königl. Gesellschaft der Wissenschaften. 1873, pag. 55-64), um dos primeiros, senão o primeiro jornal de critica scientifica da Allemanha, uma analyse de uma das ultimas obras d'este litterato, em que se demonstrava o seu systema de compilação.

Refere-se ao seguinte trabalho: *La Serbie. Kara George et Milosch* par Saint-René Taillandier, professeur à la faculté des lettres de Paris, secrétaire général du Ministère de l'instruction publique et des cultes. Paris, 1872.

O auctor d'esta analyse (J. G. Kohl) demonstra como este trabalho é, por assim dizer, quasi uma mera traducção da notavel obra do historiador allemão Leopold Ranke: *Die Serbische Revolution*; esta obra serve de mina de exploração até 1842; d'esta data em diante serviu-se dos trabalhos, tambem allemães de Kanitz, Pirch, Possart, Kapper (apesar de *barbares!*) para uma compilação, que nem tem sequer o merito de uma exposição clara e de um estylo soffrivel, e que se mostra pelos extractos de passagens do livro francez. Notamos isto mais extensamente para que se saiba em que altura scientifica está o auctor, apesar de ser professor na *faculté des lettres de Paris*, e apesar de ser *secrétaire général du Ministère de l'instruction publique*. No prologo da obra não esquece o auctor de fazer as costumadas exclamações patrioticas, e de fallar nos *prussiens barbares*, e em mais puerilidades da mesma especie.

quer aproveitou as passagens relativas ao *Faust* que se acham n'essa mesma correspondencia (!!) ou por preguiça, ou por ignorancia; e finalmente, porque foi servir-se, para a *caracteristica* de um homem como Goethe, das tristes migalhas espalhadas em algumas magras paginas por um academico, dilettante em litteratura.

As *Conversations de Goethe* com Eckermann, traduzidas por Délerot e com uma introdução de Sainte-Beuvé, estão em melhores condições, porque a tradução está feita com cuidado. Mas de novo nos admiramos como o *consummado germanista* foi colher, em segunda mão, aquillo que está patente no original allemão, de mais attendendo a que a sua famosa resposta levou *nove mezes* a sahir á luz! Seria por o snr. G. M. ter mêdo á tradução das passagens do original?

O auctor Heinrich (*Histoire de la littérature allemande*) é um soffrível compilador, não passa d'isso; servir-se, pois, d'uma fonte tão pobre, quando as ha riquissimas, como vimos (1), servir-se d'um compilador, d'um francez — é singular phantasia n'um *consummado germanista*! O livro de A. Bossert (*Goethe, ses précurseurs*, etc.), é uma obra de fancaria, cuja futilidade já demonstrámos de sobejo em outro logar (2), e que apesar de publicada em 1872, está áquem de 1855 (3) e da biographia de Lewes. É pois o *pendant* de Laube, que o con-

(1) V. o capitulo III, pag. 34 e 35.

(2) *Bibliographia critica*, publicada por A. Coelho. pag. 84-91, 1.º anno.

(3) Na *Bibl. crit.* lê-se no artigo sobre o livro de Bossert «Já Lewes em 1845», etc. (pag. 88); rectifique-se: 1855. Lewes começou a escrever a sua obra em 1845, mas só a publicou dez annos depois.

summado germanista escolheu com notavel criterio litterario, não ha duvida! Restam emfim as duas obras de Düntzer (1), e honra seja feita ao snr. G. M., porque d'esta vez acertou, graças a circumstancias, que não é possivel certificar (2). Düntzer é sem duvida o commentador mais minucioso do *Faust*, mui perspicaz, mas nem sempre acertou; e depois de lhe haverem provado os enganos, teimou nas suas ideias, o que foi peor, e reverteu em descredito seu. Além d'isso, o seu primeiro trabalho é de 1857, e o segundo de 1861; ora ha 12 annos tem a critica marchado, e muito, e o ponto de vista que ella hoje adoptou, é mui differente d'aquelle que Düntzer escolheu; não se trata hoje d'uma explicação minuciosa, descendo a todos os incidentes das duas partes da tragedia; a critica viu que isso conduzia a uma *verwirrende Kleinigkeitskrämerei* (3), a uma interpretação ociosa de terminologias e minudencias, que em lugar de explicar as palavras de Goethe, as obscurece. Hoje, e este é o ponto de vista geralmente adoptado, não se trata d'essas ninharias, que á força de subtilidade esquecem o que o poeta escreveu; hoje tratam todos os commentadores, desde Kreyssig (1866) até Carriere (1869) (4) e Taylor (5) (1872), de fixar os traços principaes da ac-

(1) Ensinaremos ao snr. G. M. que este nome se escreve assim, e não *Dünzer*, como se vê repetido 47 vezes com notavel teimosia nas paginas do seu livro.

(2) A hypothese que allegamos a pag. 42 parece-nos aceitavel; ou houve o snr. G. M. as noticias que forneceu a Castilho, de obras que citam Düntzer em segunda ou terceira mão?

(3) Kreyssig. *Vorlesungen*, pag. 175.

(4) *Faust*, mit Einleitung und Erläuterungen. Leipzig, Brockhaus, 1869., 2 vol.

(5) *Faust*. A Tragedy. Leipzig, Brockhaus, 1872, com introdução, notas e appendices.

ção, e com elles a *ideia do poema*, sem desligar a *primeira* da *Segunda parte*, e tomando-as sempre juntas (1), como sendo duas metades inseparaveis d'um mesmo organismo (2). Não queremos dizer com isto que os trabalhos de Düntzer (1857 e 1861) ficam inutilizados, mas sim mostrar que o ponto de vista é hoje diverso, e que, embora se consultem com muito proveito os dous livros para a interpretação, é mister, mesmo debaixo do ponto de vista analytico de Düntzer, alterar muitas cousas que elle refere, e completar a sua exposição com o ponto de vista synthetico, que é hoje o systema que a sciencia critica tem applicado com mais proveito ao *Faust*. Segundo Carriere, os melhores commentarios são os de Hermann Weisse e H. Theodor Röttscher; o estudo philologico, emquanto á *Segunda parte* da tragedia, foi feito com erudição e talento por Ferdinand Deycks e W. Ernst Weber, «e convem não desconhecer, apesar da sua *prolixidade*, o perspicaz conhecimento de causa com que Heinrich Düntzer auxiliou a interpretação dos anteriores, applicando-a a toda a obra». É este o juizo de um commentador, que diverge em pontos essenciaes de Kreyssig, e por isso insuspeito na classificação que este faz dos «merceiros de ninharias: *Kleinigkeitskrämer*».

O snr. G. M., servindo-se exclusivamente de Düntzer, e desconhecendo completamente os resultados da sciencia critica, cahiu n'um exclusivismo que lhe foi fatal, como veremos, e demonstrou a sua ignorancia dos

(1) Isto só de per si prova que a tentativa de Castilho era já por este lado um impossivel.

(2) Kreyssig, *Vorlesungen*, Vorwort, pag. I-XIV.

resultados da sciencia, de ha 12 annos para cá, desde a data do segundo livro de Düntzer (1861).

Resumimos:

Das 11 fontes de consulta, de que o snr. G. M. se serviu, são as cinco primeiras (1810, M.^{me} de Staël — 1812, W. Schlegel — 1840, Laube — 1840, H. Blaze — 1856, Heine) de quasi nenhum valor, por serem archeologicas; a oitava (1862) e nona (1863) são fontes francezas, mais ou menos suspeitas, e as duas ultimas (1870 e 1872) são obras de fancaria e de compiladores egualmente francezes.

Temos emfim as duas obras de Düntzer (1857 e 1861) de um merito relativo, partindo do ponto de vista de ha 12 annos.

Eis a sciencia do *consummado germanista* (1).

(1) Não tomamos em conta o artigo da *Biogr. Univ.* sobre Goethe, feito por Saint-René Taillandier — porque, se o snr. G. M. não se pejou de ir colher noticias de Goethe n'um *Diccionario*, em logar de o fazer n'uma monographia, conhecemos nós todavia os limites até onde a critica pôde ir, sem se degradar.

CAPITULO V

A Allemanha e os Allemães

Examinados os elementos de trabalho de que dispoz o snr. G. M., vejamos a fórma por que os aproveitou para o exame multiplo da questão; primeiro, os seus pontos de vistas geraes; e em seguida, o exame dos assumptos e dos factos n'elles incluídos. Anteciparemos porém d'antemão a sentença, declarando que a ignorancia do snr. G. M. excedeu toda a nossa expectativa, quando o vimos lançar mão dos argumentos de M.^{me} de Staël (1803), e applaudir os absurdos que esta escriptora diz dos allemães com relação ás Bellas-Artes (1).

O snr. G. M. corrobora a opinião:

«Os allemães tem effectivamente grandes e arrojadadas concepções, profundos pensamentos, ideias origi-

(1) *De l'Allemagne* (ed. Garnier) pag. 391-401. Remette-mos para o nosso juizo a este respeito: *O Faust.*, pag. 34.

naes; mas quando se tracta de expôr os seus systemas philosophicos, as suas theorias scientificas, ou de dar ao pensamento poetico realidade exterior; as ideias, em vez de se submeterem á disciplina da arte, sáem *como em tropel das turvas profundezas do espirito* em que se geraram, e só imperfeitamente ficam dispostas n'aquelle alinhô, de que resulta uma lucida exposição didactica; ou mal assumem aquella regularidade organica de que nasce a perfeita harmonia da ideia com a fôrma. Esse talento da fôrma parece ter cabido mais especialmente em partilha ás raças occidentaes» (1).

Vê-se evidentemente por esta passagem que o snr. G. M. quiz harmonisar a suas ideias, quanto podesse ser, com as do Visconde de Castilho; assim como este entendeu que o *Faust*, a «cordilheira de poesia», havia rebentado *a subitas de profundezas desconhecidas*, assim acha o seu collega que as «ideias dos allemães» sahem como em tropel das *turvas profundezas do espirito*. O discipulo não podia discordar do mestre.

Este modo de ver, tão particular e uniforme dos dois amigos explica-se, porque nem um nem outro, apesar de andarem nas pernas de pau do **Elogio-mutuo**, avistam do alto, isso que se chamam leis da philosophia da litteratura; para elles estas ninharias não existem; tudo o que vêem são phenomenos e mais phenomenos, ou para dizer melhor: *milagres*. Wagner achando-se ao lado de *Faust* não vê senão um cão como outro qualquer; o symbolo, a affinidade intima, essa escapa-lhes; e estes dois,

(1) *Os criticos*, pag. 113-114.

apesar de serem dois, não vêm mais do que o *famulus... solus, tolus, unus*.

A passagem, que o snr. G. M. refere com relação ás palavras de Goethe, ácerca da differença entre fórma e ideia, em francezes e allemães, está *mutilada*, segundo o louvavel costume do nosso adversario, que só transcreve aquillo que lhe convém.

Eil-a por completo, traduzida do original:

«Os francezes, dizia Goethe, fazem muito bem em começar a traduzir os nossos escriptores; pois mesquinhos (1) na fórma e nos motivos, como elles o são, não lhes resta outro meio senão aproveitarem-se do que ha por fóra. Embora nos accussem de certos defeitos, emquanto á fórma (2), somos-lhes todavia superiores nas ideias.

«As peças de Kotzebue e Iffland são tão ricas de motivos, que terão ainda muito que colher n'ellas, até as haverem esgotado» (3). Na mesma pagina, mais abaixo, caracteriza Goethe os francezes, com relação ao character nacional de um modo, que é apenas a confirmação e contraprova da influencia da sua litteratura.

«Os francezes, continuou Goethe, tem intelligencia e espirito, mas carecem de seriedade, e não conhecem a veneração (4). O que lhes serve no momento, é o que lhes

(1) *denn beschränkt*, etc.

(2) *eine gewisse Formlosigkeit*.

(3) O que o snr. G. M. transcreve da traducção franceza dos *Gespräche* de Eckermann são só estas duas linhas:

«Podemos ser accusados de imperfeição de fórma, mas pelo que toca ao fundo, somos-lhes muito superiores.» *Os criticos*, pag. 114. — Não lhe convinha traduzir o resto!

(4) «Die Franzosen, fuhr Goethe fort, haben Verstand und Geist, aber kein Fundament und keine Pietät.»

convém. Por isso nos elogiam, sómente quando podem augmentar o seu partido com as nossas ideias, mas nunca o fazem por reconhecerem os nossos merecimentos» (1).

Para estabelecer o contraste, ouçamos como o mesmo Goethe pinta os allemães:

«O allemão exige uma certa seriedade, uma certa riqueza de (sentimento) interior, e é por isso que Schiller é tão altamente venerado.»

Depois, fallando do celebre Platen (2):

«Elle manifesta um engenho opulento, intelligencia, espirito (3) incisivo, e muita perfectibilidade artistica na fórma; todavia, isto só não basta, sobretudo (4) para nós, os allemães.»

Até aqui Goethe.

(1) Eekermann. *Gespräche mit Goethe*. Leipzig, 1868, 3.^a ed., vol. 1, pag. 116-117.

(2) August, Conde de Platen — Hallermünde (1795-1835). Primeiro, ligado á philosophia de Schelling e á eschola romantica, emancipou-se mais tarde d'ella, e feriu a sua perniciosa influencia com os mais profundos epigrammas. Seguiu depois a corrente das ideias classicas (Schiller) e chegou, no Soneto, na Ode, na Ballada e nos seus Epigrammas, a uma perfeição da fórma, em que mui poucos poetas allemães se podem comparar com elle, e que foi desde logo admirada. A posteridade começou a fazer-lhe mais justiça, e a respeitá-la, dentro da admiravel fórma, a prodigiosa riqueza dos seus elevados pensamentos.

(3) *Geist*. Esta palavra é mui difficil de traduzir, porque tem em allemão uma significação peculiar, que não corresponde ao sentido vulgar d'ella. Ouçamos como Goethe distingue entre o *Geist*, no sentido allemão, e o *esprit*, no sentido francez:

«O *esprit*, em francez, aproxima-se do que nós allemães chamamos *Witz*. O nosso *Geist*, traduziriam os francezes talvez por *esprit* e *âme*. N'isto se contém já a ideia da productividade, que o *esprit* francez não tem. N'este caso particular, porém, chamam-lhe: *génie*.» Eekermann. *Gespräche*, v. II, p. 218.

(4) Eekermann. *Gespräche*, vol. 1, pag. 99.

Isto constitue o maximo elogio ao caracter allemão, dentro dos limites da stricta justiça.

Demais, negar essa alliança intima entre a fôrma e a ideia, formando um todo harmonico, é ainda admissivel até ao apparecimento de Lessing, mas d'ahi em diante, tal proposição é absurda, porque era mister negar a existencia de tudo o que a Allemanha fez, desde Winckelmann até ao fim da existencia de Goethe, e depois.

Que exemplos pode toda a litteratura estrangeira apresentar como modelos comparaveis ás traducções de Shakespeare por Schlegel, de Homero por Voss; traducções que são quasi uma *Nachdichtung*, uma re-produção do original. Que talentos estrangeiros levaram a maestria da fôrma poetica além do que Platen e Rückert revelaram na sua lingua, não fallando nos prodigios unicos da segunda parte do *Faust*?

O snr. G. M. não faz mais do que repetir aqui um logar-cominum, que certos criticos francezes tiveram a pretensão de arvorar em principio; com a differença porém, de que o *tropel*, e as *turvas profundezas*, são episodios inventados pelo snr. G. M. Os escriptores francezes devem estar hoje convencidos, que sabiam, até 1870, tanto do verdadeiro estado intellectual, moral e politico da Allemanha, como do que se passa na lua; depois de haverem conhecido a distancia enorme de atrazo em que estão com relação a um paiz, que até alli tinham mimoseado com os gracejos mais pueris (1) — crêmos que chega-

(1) Fazemos aqui a C. Castello Branco a honra de o caracterisar com as suas proprias palavras; o nome do auctor não se imprimiria n'estas paginas, se não quizessemos mostrar ao leitor estrangeiro, como uma das eminencias da nossa Lilliput litteraria avaliava em 1865 a Allemanha e os allemães. Falla dos *Eccos da lyra teutonica*:

rão d'aqui a 10 ou 20 annos (1) a avaliar as condições reaes d'aquelle povo, e então poderão haver reconhecido, que essa distincção, entre a fôrma e a ideia, com que pretendem caracterisar—e com elles o discípulo snr. G. M.—duas tendencias differentes, passou em julgado, desde Lessing para cá. O snr. G. M. está, apesar de haver visitado a Allemanha (2), envolvido nos erros mais triviaes ácerca d'este paiz, o que é resultado de haver consultado as fontes impuras de escriptores ignorantes.

Ainda em 1869 se escrevia o seguinte:

« Nous nous occupons beaucoup d'elle, depuis quel- que temps, et de façon à supposer qu'elle ne nous est point étrangère. Du moins nous ne craignons pas de formuler des jugemens très arrêtés sur son avenir, nous n'hésitons pas à nous prononcer sur la justesse des espérances qu'elle peut nourrir et sur la gravité des déceptions qui peuvent l'attendre. Tout cela présuppose une science approfondie de son génie, une connaissance exacte de ses aspirations et de son peuple. Toutefois l'Al-

« Seja como fôr, devemos, conhecida a indole austera do traductor, jurar na fidelidade da copia. Enquanto á harmonia, crês tu que os allemães possam ter harmonia? Uns homens que fallam com espinhas de dois saveis atravessadas nos gorgomilos poderão rhyman melodicamente? Eu creio que a Allemanha faz muita somna de philosophia bronca por não poder fazer versos snaves. » (*Esboços de apreciações litterarias*, pag. 217.)

Notaremos ainda, que n'esta obra faz uns elogios hyperbolicos a G. M., quando o havia *descomposto* em estylo de taberna, em 1859, n'um artigo « Escriptores portuguezes » do *Mundo elegante*, que temos á vista.

(1) Porque agora é que *começam* (1) a occupar-se seriamente da Allemanha, como se vê pelas criticas das suas revistas scientificas.

(2) É verdade que esteve alli apenas como mero negociante de seccos e molhados.

lemagne véritable, celle dont je parlais tout à l'heure, n'est guère connue du plus grand nombre. D'ordinaire on se contente de la juger d'après des *livres surannés*, et des *plaisanteries traditionnelles*. Sans doute tout le monde a vu Bade, visité les bords du Rhin. Nous savons où l'on pêche les meilleures truites, où l'on dîne à la française. Je ne veux calomnier personne. Schiller n'est pas inconnu parmi nous, et le *Faust* de M. Gounod a beaucoup contribué à nous familiariser avec celui de Goethe (!). Pourtant notre savoir, à peu de chose près, s'arrête là. Quelques personnes, poussées par leur curiosité ou leurs affaires, ont vu Francfort ou Munich. Mais le témoignage de ces hardis explorateurs paraît moins propre à éclaircir la question qu'à l'embrouiller. Que penser d'une nation qui ne goûte point nos calembours (1) !»

Isto é confissão de um escriptor francez, que acha a França, com relação á Allemanha, ainda no ponto de vista de M.^{me} de Stäel (1803). O *consummado germanista* não está mais adiantado, e em 1873 vem-nos repetir os mesmos argumentos d'esta escriptora.

Para não deixar duvida alguma a este respeito, queira o leitor comparar a seguinte passagem, com a que referimos atraz do snr. G. M., ácerca do processo pelo qual os allemães expoem as suas ideias:

(1) C. Selden. *L'esprit moderne en Allemagne*. Paris, Didier, 1869, pag. 2-3.

Tres annos antes (1866) apparecia em Paris um livro indigno, que mostra hoje quanto foi util, mesmo á França a lição de 1870, e da *commune*; citamos apenas o titulo por curiosidade, pois o livro, que era uma especulação torpe, não passou da primeira edição: A. Desbarolles, *Le caractère allemand expliqué par la physiologie*. Paris, Lacroix, 1866, in-8.^o de 320 pag.

«Sans doute, il y a plus de nuances, plus de liens entre les pensées, dans ces périodes qui forment un tout, et rassemblent sous un même point de vue les divers rapports qui tiennent au même sujet; mais, si l'on se laissait aller à l'enchaînement naturel des différentes pensées entre elles, on finirait par vouloir les mettre toutes dans une même phrase. L'esprit humain a besoin de morceler pour comprendre; et l'on risque de prendre des lieux pour des vérités, quand les formes mêmes du langage sont obscures» (1).

Eis a fonte primitiva, o espelho em que M.^{me} de Staël pretendeu retratar a Allemanha de 1803, e onde a maioria dos escriptores francezes vão colher as suas ideias, e procurar as feições intellectuaes da Allemanha de 1873. Agora como este paiz, cujo modo de expressão intellectual é tão obscuro e barbaro, tem sido a patria da moderna philosophia desde Leibnitz, e principalmente desde Kant, por Fichte, Schelling, Hegel, Herbart, Schleiermacher, Schoppenhauer, etc., até E. von Hartmann (2) — como esse paiz analysou, na sua lingua, as combinações mais difficeis e mais delicadas das fauldades humanas e as reduziu a systemas de uma admiravel lucidez — isso não nos explicam os partidarios da fórmula contra a ideia. É verdade que os systemas philosophicos da Allemanha

(1) M.^{me} de Staël. *De l'Allemagne*, pag. 144 (ed. Garnier).

(2) *Philosophie des Unbewussten*. Berlin, 1872, 4.^a ed.

Esta obra marcou na Allemanha epocha, e provocou uma discussão, que vae tomando cada vez proporções mais extraordinarias. Temos presente a 4.^a ed. (1.^a em 1869), todavia cremos que já appareceu a 5.^a, tal é o enthusiasmo com que a massa do publico intelligente compra e lê uma obra de alta transcendencia.

Que utopistas, não é verdade, sr. G. M. ?

são uma cousa superflua, e por isso letra morta para o snr. G. M.; não passam para elle de um *tropel* de *ideias confusas*, sahidas das *profundezas do espirito*.

Apressamo-nos a voltar aos argumentos do *consumado germanista*.

Se a alliança, que referimos, não é um dote do espirito allemão (fallamos até Goethe), como é que foram exactamente esses allemães que levaram a *virtuosidade*, melhor, a perfectibilidade exterior, unida á maxima profundez do pensamento, ao extremo limite, na arte mais difficil, na arte musical? Parece-nos pretensão só propria de espiritos mesquinhos, que querem negar clareza e disposição harmonica a certas doutrinas e a certos escriptores de uma nação, partindo do miseravel ponto de vista: que aquillo, que desde logo se não manifesta claramente aos nossos olhos, não tem as condições estheticas requeridas. Accusemos antes a nossa preguiça, accusemos a nossa superficialidade, que deshabituada de um processo de estudo e de analyse á altura do assumpto, se compraz em attribuir a causas ficticias — effeitos — que, analysados com imparcialidade, são outras tantas accusações contra nós mesmo. Temos por necessaria uma certa perseverança, um systema de trabalho, que consiste em lêr e relêr, estudar e reestudar, o que a nossa limitada capacidade não abrange de um lance, e achamos, com algum trabalho, como premio, o sentido, o segredo da ideia que nos parecêra obscura; a luz então é tanto mais vivida, quanto maior foi a difficuldade em achar o thesouro; uma das causas mais essenciaes, e de certo a mais notavel, porque d'essas *profundezas do espirito* sahem as *ideias turvas*, de que tão ingenuamente

falla o snr. G. M., é o pouco conhecimento da lingua allemã da maior parte d'aquelles, que imaginam conhecê-la; porque, dotada de uma grammatica muito complexa, só se adquirem n'ella os fóros de plena liberdade de analyse, graças a um trabalho laborioso, que não é infelizmente aquillo em que se avantajam os povos românicos, cujas linguas faceis e transparentes, os habituam a vêr e conhecer, sem interpôr no meio a reflexão, e uma reflexão ás vezes aturada. Mas adquirido o conhecimento do organismo intimo da lingua allemã, segue-se o pensamento da sua litteratura e da sua sciencia com toda a liberdade, e uma grande admiração, a que nos força involuntariamente a riqueza de um mundo completamente novo. Então cessa esse labyrintho, e acha-se o fio n'essas admiraveis phrases, que ás vezes enchem uma pagina inteira com um desenho extremamente complexo, mas tambem extremamente claro.

Mui caracteristica para o assumpto, sobre o qual estamos discorrendo, é a seguinte passagem dos *Gespräche* com Eckermann. Este conversava com Goethe sobre sciencias naturaes, e principalmente sobre a imperfeição e defficiencia das linguas, que eram causa de se espalharem erros e opiniões, que não se podiam mais tarde destruir facilmente.

«A questão é simplesmente esta,—disse Goethe: Todas as linguas formaram-se em virtude de necessidades humanas quasi immediatas, de occupações humanas, e de sentimentos geraes e modos de vêr analogos. Ora, quando um homem superior adivinha ou descobre uma ideia ácerca da acção secreta e da marcha da natureza, torna-se a linguagem tradicional insufficiente pa-

ra traduzir o phenomeno tão fóra da percepção das cousas humanas. Seria mister que tivesse á sua disposição a linguagem dos espiritos, para dar a conhecer as suas percepções singulares; como porém isto não se dá, vê-se obrigado a lançar mão de expressões humanas para manifestar o seu modo de vêr (*Anschauung*) nas relações superiores da natureza, e eil-o envolvido quasi sempre em difficuldades, tendo de rebaixar o seu objecto, mutilal-o, ou mesmo destruil-o.

«Se dizeis isso, respondi eu (Eckermann), vós que encaraes o vosso proposito sempre com tanta precisão, como inimigo que sois de toda a palavra vã (*phrase*); vós, que sabeis achar para as vossas percepções superiores sempre a expressão mais apropriada, torna-se o caso particularmente notavel. Eu penso todavia que nós, allemães, podemos em geral dar-mo-nos por satisfeitos. A nossa lingua é extremamente rica, desenvolvida, e capaz de augmento progressivo, de sorte, que embora de vez em quando lancemos mão de um tropo, aproximamo-nos bastante do que queremos exprimir.

«*Os francezes estão porém a este respeito muito peor do que nós.* N'elles torna-se a expressão de uma percepção superior, nas relações da natureza, logo vulgar, e material, em virtude de um tropo geralmente emprestado á technica da linguagem, de sorte que se torna insufficiente para a expressão do modo de vêr superior.

«Quanto tendes razão — acudiu Goethe, notei-o já outro dia, a proposito da discussão entre Cuvier e Geoffroy de Saint-Hilaire (1). Geoffroy de Saint-Hilaire é

(1) Esta questão, que já referimos (*O Faust*, pag. 58-59; vid. tambem Eckermann. *Gespräche*, vol. II, pag. 234), versava

um homem, que tem uma percepção profunda do processo creador da natureza; todavia a sua *lingua franceza atraiçoa-o*, porque o obriga a lançar mão de termos tradicionaes. É isto dá-se n'elle, não só quando se trata de assumptos e relações occultas e espirituaes, mas tambem a proposito de assumptos e relações puramente corporeas. Quando quer significar as partes isoladas de um sêr organico, não tem para isso outra palavra, além de materiaes (*Materialien*), de sorte que vemos os ossos — que, como partes semelhantes, formam um todo organico — e o braço, ficarem collocados na escala da expressão em um mesmo degrau, juntamente com as pedras, traves e taboas de que se forma uma casa» (1).

Que aproveite a lição ao snr. G. M., e aos collegas.

Um *bouquet* emfim, o melhor, que reservamos para o fim — e que damos sem commentarios:

«Os allemães, que tanto devem á litteratura franceza, tem por varias vezes tido a franqueza de declarar, pela bocca de seus mais notaveis escriptores, que a *ultima consagração* de suas obras capitaes lhes vem de uma *boa traducção franceza*» (2).

sobre uma das questões mais importantes da biologia, ácerca da *Unidade da formação organica no reino animal*. Goethe havia já expendido antes d'esta questão (1830) as suas ideias ácerca da metamorphose no reino animal e vegetal, e havia exposto ideias, que ao principio, tidas por extravagantes por Camper e Blumenbach, foram accites, admiradas, e seguidas depois por Sömmering, Oken, D'Alton, Carus e outros. Quão grande não devia pois ser a alegria do ancião octogenario, quando, ouvindo da questão entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, soube que este illustre homem de sciencia se havia collocado do seu lado! (Vid. Eckermann. *Gespräche*, vol. 1, pag. 239, e vol. II, pag. 234, 235 e 243.)

(1) Eckermann. *Gespräche*, vol. III, pag. 242 e 243.

(2) *Os criticos*, pag. 22.

CAPITULO VI

Goethe

a) Goethe e as leis da historia litteraria

Este capitulo é curioso, e offerece-nos revelações capitaes de tal ordem, que nos custa a crer como o snr. G. M. teve a audacia de dizer taes miserias.

Ouçamos: o snr. G. M. implicou com o seguinte periodo da nossa obra: «Sem Klopstock e sobretudo sem Lessing, sem Herder e sem Wieland—Goethe era um impossivel» (1).

Este periodo, que pertence a uma breve exposição litteraria, é o corollario de um outro anterior (2):

«... pois a belleza da fórma, encobrindo ás vezes uma certa emphase na ideia, havia de dar, passando em

(1) *O Faust*, pag. 17.

(2) *O Faust*, pag. 2.

processo psychologico pelo espirito profundamente critico de Lessing, pela sciencia cosmopolita de Herder, pelo fogo entusiasta de Schiller, pela graça e elegancia de Wieland; diziamos havia de dar, por via d'este processo de aperfeiçoamento esthetico, um resultado total, que representasse collectivamente todos os esforços isolados para um ideal commum?

Isto fôra dito com relação á grotesca e falsa ideia do Visconde de Castilho, que achava o *Faust* «uma cordilheira de poesia rebentada a subitas de profundezas desconhecidas» (1).

Pareceu-nos que em vista d'esta ignorancia elementar de uma das leis da historia litteraria, a do encadeamento logico dos phenomenos intellectuaes e das producções litterarias, era mister mostrar ao leitor (2) a ligação do *Faust*, e a ligação de Goethe com a evolução das ideias, desde a Reforma (3). O snr. G. M. acha porém, que esta ligação entre Goethe e a litteratura alemã anterior é imaginaria, e então de todo absurda, se fallarmos na Reforma e em Hans Sachs «o sapateiro», como o snr. G. M. o denomina (4). Está pois em concordancia com o Visconde; embora, não lhe invejamos a companhia; o snr. G. M. repete o erro. vellhissimo que Goethe, Camões etc., são aparições lit-

(1) *Fausto*, advertencia, pag. vii.

(2) Repetimos: ao leitor, porque o Visconde de Castilho, para a critica, está morto.

(3) *O Faust*, pag. 11-17.

(4) Veja-se o longo aranzel de pag. 62-65.

Se o snr. G. M. pretende fazer espirito com a qualificação de *sapateiro*, com que designa o genial Hans Sachs por repetidas vezes, lastimamos o seu estado intellectual.

terarias sem precedentes, *phenomenos* inexplicaveis, e é de opinião «que estas aguias (1) do Olympo da poesia, pódem dizer-se, como os habitantes do solo privilegiado da Attica, *autochtonos*» (pag. 64).

Parece-lhe absurdo o que nós avançamos, e diz:

« Á força de laboriosos estudos genealogicos, descobriram-se os seus ascendentes humanos, sem os quaes Goethe era um *impossivel!* Parece-nos mesquinho este methodo archeologico para rebaixar a realza do genio» (ibid.).

Infelizmente não estamos a sós, na applicação d'este *methodo archeologico*; estamos ao lado de Gervinus, ao lado de Koberstein, ao lado de Carriere—ao lado do *proprio Goethe*; aprenda o snr. G. M. como estes mesmos escriptores estabelecem a ligação de Goethe, não só com os outros grandes escriptores do seculo XVIII, mas até com a Reforma e com Hans Sachs.

«De novo decahiu durante dois seculos a vida intellectual e politica da Allemanha, immersa nas aguas lóbregas da theologia; mas eis que os prenunciadores da litteratura allemã chamam de novo os espiritos a uma vida commum, até alli não conhecida, *reatando a tradição de Luthero*» (2).

Como fallamos ao snr. G. M. em leis da historia litteraria, não nos entendia; é mister pois, que lhe mostremos o factó como ás crianças, preto sobre branco.

Ouçamos agora a confirmação em outros auctores de primeira ordem:

(1) Uma imagem nova...

(2) Gervinus. *Wissenschaftspflege in Deutschland*, em *Geschichte des neunz. Jahrh.* vol. VIII, pag. 8.

Que diria o snr. G. M., se alguém, a proposito da *Reforma* e da sua influencia, se lembrasse de preceder a exposição com uma analyse do espirito da litteratura dos antigos?

Parecer-lhe-hia uma loucura?

Pois n'esse caso o louco era Goethe, que o disse mui claramente:

«... Pois não foi a um exame e a um estudo mais lato e mais puro da litteratura grega e romana, que devemos a libertação da barbarie monachal entre o xv e xvi seculo?» (1).

Entre Goethe e a Reforma, entre as ideias do poeta e as dos grandes reformadores, existem mais pontos de contacto do que o snr. G. M. suppõe — porque não suppõe *nenhuns*. Se o snr. G. M. tivesse estudado os *Gespräche* com Eckermann, em vez de abrir o livro aqui e alli na traducção franceza, havia de lá achar numerosas relações que prendem Goethe com a Reforma, e particularmente com Luthero, que elle altamente respeitava:

«Luthero foi um genio da mais notavel força; ha muito que elle exerce a sua influencia, e é impossivel calcular quando é que cessará de ser productivo nos seculos vindouros» (2).

Em outra passagem ainda Goethe accentua mais a influencia de Luthero:

«Nós nem sequer sabemos, continuou Goethe — tudo o que em geral devemos a Luthero e á *Reforma*.

(1) Apud Carriere. *Erläuterungen, Faust*, 2.ª parte, p. 269.

(2) Eckermann. *Gespräche*, vol. III, pag. 157. Carta de 11 de Março de 1828.

Libertamo-nos dos laços da bestialisação moral e intellectual, e foi-nos dado tornar, em virtude da nossa cultura progressiva, ás fontes primitivas e comprehender o christianismo na sua pureza.

«Temos agora de novo coragem, para estar com o pé firme, na terra de Deus, e para sentir a divindade da nossa condição humana.

«Progrida embora a cultura do mundo, estendam embora as sciencias naturaes o seu dominio, aprofundando-o e alargando-o; conquiste o espirito humano á vontade novos horizontes — contudo não ultrapassará a sublimidade e a cultura moral do christianismo, tal como brilha nos evangelhos» (1).

Isto, o credo da *Reforma*, modificado á luz do seculo XIX — escrevia Goethe ainda em 1832, com 83 annos, depois de haver terminado o *Faust* (Julho de 1831).

O snr. G. M. ri-se tambem da relação em que puzemos Goethe e Hans Sachs; este prende intimamente com a *Reforma*; logo, havendo-se rido o snr. G. M. da relação que achámos entre Goethe e aquelle movimento, era logico que se risse tambem da segunda relação.

É na verdade espantoso ver um poeta do começo e meado do seculo XVI em relações com um do meado e fim do seculo XVIII! Fel-o pasmar o intervallo. Mas o peor é que os commentadores fazem continuas referencias a Hans Sachs, a proposito de Goethe e do proprio *Faust*!

«O tom popular de Hans Sachs resuscita n'ellas», isto é, em algumas scenas do *Faust* (2).

(1) Eckermann. *Gespräche*, vol. III, pag. 252, a 11 de Março de 1832. Veja-se ainda sobre Luther, vol. III, pag. 33.

(2) Carriere. *Einleitung*, *Faust* 1.ª parte, pag. XI.

A proposito das palavras finaes de Mephisto no *Prologo no céo* (1), diz Carriere « Goethe tratou esta scena de um modo humano e popular, ligando o tom solemne e o jocoso, no espirito ingenuo dos antigos pintores e com a liberdade innocente de um Hans Sachs » (2).

Mais um testemunho a nosso favor: Koberstein, um critico e historiador litterario de primeira ordem, insiste tambem sobre a influencia visivel e o estudo que Goethe fez das obras de Hans Sachs:

« Tambem na versificação se nota uma grande variedade; ora os *metros de Hans Sachs*, ora estrophes rimadas em todas as medidas e comprimentos. . . » (3)

Isto tudo são attribuições de criticos, dirá o snr. G. M., mas então ouça o proprio Goethe. Fallando da historia do *Judeu errante*, que elle quiz aproveitar poeticamente, diz:

« Eu tinha-o (ao Juden) dotado com o *humor* de um artifice (o judeu era personificado n'um sapateiro) com o *humor e espirito de Hans Sachs*, e havia-o nobilitado com o amor a Christo » (4).

(1) « De tempos a tempos, » etc. V. *O Faust*, pag. 221.

(2) *Op. cit. Erläuterungen*, Faust, 1.^a parte, pag. 171.

(3) *Grundriss. d. Gesch. der deut. Nat. Lit.* Leipzig, 1866, vol. III, pag. 2181, nota, (a paginação é a seguir).

(4) *Dichtung und Wahrheit*, 3.^a parte, pag. 546 (*Goethe's Werke*, ed. Kurz, 1870, vol. IX).

É extremamente curiosa a maneira como Goethe explica a ideia d'este poema, que não foi escripto, mas cuja concepção checou a realisar-se no seu espirito.

b) Goethe avaliado no seu caracter, como homem

Examinemos agora a pintura que o snr. G. M. nos faz de Goethe (1), em seguida á apreciação do nosso *methodo archeologico* em historia litteraria. Os oraculos a que snr. G. M. se encosta são H. Blaze (!), Heine (!!) Bossert (!!!) e Eckermann; e este ultimo como foi aproveitado!

Já vimos o que valem estes escriptores (2), por isso tomaremos o que o snr. G. M. refere d'elles em globo; H. Blaze fornece ao nosso adversario a já fallada *phantasia do egoismo* de Goethe, á qual responderemos de uma vez para sempre. Tomamos só duas authoridades insuspeitas—Lewes, e o celebre Carlyle; estes dois inglezes esmagam esse logar commum, que por ser tantas vezes repetido, e mentido — é tanto mais infame:

Lewes, depois de haver referido (3) aquella celebre história das relações de Goethe com um desconhecido, a quem por seis longos annos soccorreu com a sexta parte do seu ordenado, e depois de passar em revista a sua correspondencia com aquella infeliz, escreve:

«Não invejo a philosophia d'aquelle que lêr estas cartas sem commoção. Segundo o meu modo de sentir, revellam ellas uma natureza dotada de um sentimento tão extremamente carinhoso, tão sensível ao interesse pela humanidade, tão prompta em alliviar a dôr, mes-

(1) *Os criticos*, pag. 66-81.

(2) Vide o capitulo IV. *As fontes de consulta*.

(3) *Goethe's Leben*, pag. 487-499.

mo á custa de sacrificios, como raras vezes se encontram entre amigos, e muito menos para com um estranho; depois de se lerem essas cartas sôam os epithetos de *frio* e *sem coração*, que tão frequentemente se applicam a Goethe, como heresias lançadas contra os sentimentos mais nobres da humanidade. Note-se bem que este Kraft (nome do favorecido) não offerecia interesse algum romantico para o sentimento; não tinha historia alguma a contar, d'aquellas que costumam commover profundamente o coração; não se havia aberto subscrição alguma para elle, não tinha *coterie* alguma a seu favor, que lagrimejasse a sua sorte. Sem amigos, desconhecido, em contradicção comsigo mesmo e com o mundo, descobre a sua miseria em segredo ao grande poeta, e tambem em segredo lhe aperta este a mão; limpa-lhe as lagrimas, e trata de prover ás suas necessidades; e não é isto um facto isolado, um movimento passageiro de compaixão, mas uma bondade posta em acção durante *seis annos*.

«Parece-me a mim, o quer que é de doloroso e commovedor, que um homem d'esta ordem fosse falsamente accusado de *frio* e *sem coração*, durante tantos annos, não só na sua patria, mas tambem entre nós, na Inglaterra. Um comportamento um pouco reservado e formal, uma certa falta de enthusiasmo politico, na idade avançada, e algumas *exclamações mal interpretadas* (1) — eis os factos que servem de base á singular opinião: que Goethe presidia, qual Jupiter olympico, em um

(1) Veremos com que espirito de critica o sur. G. M. se aproveitou de uma d'estas citações, que se acha em Eckermann.

throno, sobre a humanidade, e olhava para a vida, sem a sentir com o seu proximo; que o seu coração era morto para todò o sentimento nobre, e que toda a sua vida não fôra mais do que egoismo calculado. Agora, como uma tal creatura, sem coração, pôde tornar-se o maior poeta dos tempos modernos; como um diplomata, gelado e sem sangue nas veias, pôde estender diante dos nossos olhos toda a vida humana—isso é milagre que ainda a ninguem approuve explicar, até que Menzel (1) appareceu e avançou, com um atrevimento sem precedentes, a proposição, de que Goethe não era um genio, mas só um talento, e que todo o effeito das suas obras depende do seu estylo, de uma certa habilidade na fórmula de exposição! Menzel é um homem que a Inglaterra sentenciou tão absolutamente—a traducção da sua obra foi acolhida com uma indifferença tão radical, que talvez seja superfluo gastar uma linha com elle; entretanto, o tom atrevido da sua obra, e a apparencia de uma certa dignidade viril nas suas accusações, ajudaram a propagar o livro de uma maneira, que não é todavia o resultado do seu valor. Segundo a minha opinião, julgo-o completamente incapaz de avaliar um poeta; eu perguntaria do mesmo modo pela opinião do primeiro fidalgo da provincia ácerca do Parthenon, e este teria decerto algumas phrases energicas disponiveis, para mimosear o edificio com a expressão do seu desprezo; sómente o que a sua linguagem desbravada não poderia substituir, seria o sentimento, o gosto e os conhecimentos.

(1) Na obra: *Die deutsche Literatur*. Stuttgart, 1827, 2 vol.; 2.^e ed. 1836, 4 vol. (Nota do auctor).

«Do mesmo modo consideramos que a brutalidade (sic) de Menzel não pode preencher as lacunas da sua capacidade natural e da sua educação, lacunas que o tornam de uma vez para sempre incapaz para a intelligencia da arte (1).

«O enigma fica pois de pé, embora peze aos criticos: um grande poeta, a quem todos os sentimentos, que a poesia representa, são estranhos:— um espirito poderoso, sem alma— um homem, que escreve o *Werther*, *Egmont*, *Faust*, *Wilhelm Meister*, *Hermann und Dorothea*— e não conhece as alegrias e as dores d'este mundo! Poderá alguém querer defender a serio semelhantes ridicularias? Ainda é notavel, que todos aquelles que conheciam Goethe, lhe eram affeioados; creanças, mulheres, copistas, professores, poetas, principes — todos o amavam tanto, como merece sel-o uma creatura digna do amor. Até Herder, que se queixava amargamente de todo o mundo, fallava d'elle com uma amizade e estima, que fez pasmar Schiller: «*Goethe é nomeado por toda a gente (mesmo além de Herder) com uma especie de adoração, e é amado e admirado ainda mais como homem, do que como escriptor. Herder concede-lhe uma razão clara e universal, o modo de sentir mais verdadeiro e a maxima pureza de coração*».

«Isto mesmo se haveria colligido das suas obras, se a opinião anticipada ácerca da sua frieza e indifferença, não houvesse enganado a opinião.» «*Em nenhuma linha, diz, Carlyle, falla elle com dureza sobre homem algum, e quasi se póde dizer sobre cousa alguma.*

(1) «*Zum Verständniss der Kunst*». Lewes, vol 1, pag. 501.

Elle conhece o bom, e ama-o; elle conhece o mau e o repugnante, e condemna-o; mas ambas as cousas fal-as sem violencia. O seu amor é placido e creador; a sua sentença é antes indicada do que claramente expressa». Excepções, como aquella celebre palavra sobre Kotzebue (1) e Böttiger (2) «os canalhas mais radicaes que Deus creou», provam só que tambem podia ter o odio do homem honrado, como elle se encontra n'uma natureza forte.

«Mas assim succedem as cousas na vida; um boato, nascido talvez, ou da ignorancia, ou da leviandade, é espalhado pela malevolencia officiosa, e ganha credito contra todas as razões plausiveis. Certos nomes ha, a que se liga um preconceito favoravel ou desfavoravel, ao qual a gente se entrega, sem lhe indagar a origem. Talvez eu possa esperar, que a eloquencia dos factos, aqui indicados, consiga propagar pouco a pouco uma

(1) A. F. Kotzebue (1761-1819) distinguuiu-se como auctor de varias comedias, que revelam espirito fino, riqueza de imaginação, e talento scenico. Infelizmente a ideia moral das suas peças era da peor especie: uma alliança torpe de sentimentalismo e immoralidade. Por isso o puzeram, já em vida, no pelourinho; a posteridade sentenciou-o ainda mais severamente do que Platen:

«Er schmierte, wie man Stiefel schmiert, verzeiht die Trope,
Und übertraf an Fruchtbarkeit selbst Calderon und Lope.»

Borrou, como quem borra botas, desculpae o tropo
E excedeu em facundia Calderon, e até Lope.

(2) K. A. Böttiger (1760-1835), um dos criticos de Goethe, que a posteridade recompensou com o esquecimento. O que ainda hoje subsiste d'elle, são alguns estudos sobre *archeologia*.

opinião mais favoravel ácerca do character de Goethe» (1).

Eis o que temos a responder ao snr. G. M. ácerca do *egoismo* de Goethe, e fecharíamos já aqui este capitulo, se não tivessemos a notar ainda algumas curiosidades, p. ex.:

«Apezar de um tanto anachronicas na epoca brilhante em que floresceram os grandes luminares (2) da philosophia e da litteratura germanica, essas doutrinas obsoletas (as sciencias cabalisticas) tiveram um acerri-mo defensor e ardente renovador na pessoa de Hamann, espirito extravagante, mas dotado de grande intelligencia e de profundo saber» (pag. 68); em seguida:

«Quasi pelo mesmo tempo que este illuminado dava á luz as suas obras de sciencia hermetica». . . Que chama o snr. G. M. *sciencia hermetica*? Que significa o *illuminado*, com relação ao *Magus des Nordens*? Quer o snr. G. M. fazer passar Hamann por um espirito cabalístico, como os alchimistas do tempo de *Faust*? Não sabe o snr. G. M., que o cabalístico em Hamann está apenas na fórmula singular por que exprime as suas ideias, aliás admiraveis (3)—emquanto a sciencia dos outros

(1) Lewes, *Goethe's Leben*, vol. 1, pag. 499-503.

O admiravel capitulo: *Der wahre Menschenfreund* (o verdadeiro philantropo), abrange nada menos de 22 pag.; 481-503.

(2) Outra imagem nova.

(3) Publicou-se ha mezes um trabalho sobre este escriptor: Joh. Georg. Hamann's *Schriften und Briefe*. Zu leichterem Verständniß in Zusammenhange seines Lebens erl. und herausg. von Moritz Petri. 1.ª parte. Hannover, 1872, in-8.º de VIII—424 pag. O *Literarisches Centralblatt* (N.º 2, 1873, pag. 56 e 57), dava uma analyse mui severa d'este trabalho, negando a Petri capacidade para comprehender um espirito tão profundo.

era, em geral, apenas uma phraseologia de charlatães?

Por que se admira d'essas *tendencias um tanto anachronicas*, na epoca dos *luminares da philosophia*?

Não sabe o snr. G. M. que essas tendencias resuscitaram no principio da segunda metade do seculo XVIII, como um *resultado natural* do impulso extraordinario que tomaram então as sciencias naturaes e a philosophia?

O snr. G. M., na sua ignorancia d'esta connexão das ideias (1), póde dizer que phantasiámos de novo uma relação, que não existiu; mas ouça e aprenda:

«Assim como dois seculos antes a energia theologica e vivificadora do pensamento reformista havia posto as forças secretas do sentimento em fermentação perigosa, e havia pintado em relevo as sombras profundas da superstição fantastica, em frente da luz fulgurante do sol humanitario e benefico que havia despondado—assim agora se via o enthusiasmo da felicidade e do progresso d'este renascimento, envolvido n'uma dansa macabrea de phantasmagorias mágicas e alchymisticas, rodeado de todos os feitiços de eras passadas, e que haviam já sido alcunhados de ingenuos. O fabrico do ouro, as prophcias e evocações dos espiritos, a astrologia e toda a sorte de magia, que datava dos bellos tempos de *Faust* e *Paracelsus*, e que todavia não tinham desaparecido completamente da Allemanha; acordaram *de novo* a uma vida fantastica, no meio das victorias das sciencias naturaes e da philosophia » (2).

(1) Se são tudo *phenomenos* para elle!

(2) Kreyssig. *Vorlesungen*, pag. 31.

Agora daremos a explicação philosophica d'este phenomeno:

«Repetiu-se o impulso retrogado (que nunca falta n'estes momentos) de uma renovação intellectual e sentimental, sobre a imaginação dos contemporaneos mais fracos e mais impressionaveis, que *gosavam* dos beneficios, sem comtudo se sentirem inclinados ou capazes para o *trabalho commum*. Sabemos, como é notorio pelas proprias communicações de Goethe, como elle seguiu aquelle movimento, pelo menos na qualidade de espectador curioso» (1).

Carriere confirma o modo de ver de Kreissig; depois de fallar no movimento de renovação, produzido pela *Reforma*, e nas luctas moraes da humanidade, diz: «O que n'um tempo de ebulição poetica commove o coração da humanidade, incarna-se por meio da phantasia, n'uma figura poetica; assim nasceu a lenda do *Faust*, como um symbolo do espirito d'aquelles tempos» (2).

Goethe foi mais do que isso; é elle que o diz n'uma passagem mui caracteristica da auto-biographia, e que nós, pelo que sabemos, ainda não achamos aproveitada em parte alguma — passagem que nos pinta o estado de Goethe n'um certo periodo da sua vida e nos dá a chave para o *Faust*:

(1) Kreyssig. *Faust. Einleitung*, pag. v.

(2) Kreyssig. *Vorlesungen*, pag 31.

E com isto reduzimos de novo a nada, a tendencia *innata* para o maravilhoso, que Castilho attribue a Goethe, opinião que o snr. G. M. se esforça por defender; a tendencia estava no *espirito da epoca*, e Goethe, como poeta e filho d'essa epoca, idealisou-a n'uma obra prima. Eis a razão do *Faust* (1.^a parte) no fim do seculo xviii. A 2.^a parte é filha do seculo xix.

«Um sentimento, porém, que de mim se apoderou com violencia, e se manifestava da maneira mais singular, era o sentimento do passado e do presente, fundido em um só (1); uma percepção psychologica, que dava á actualidade um tom phantastico. Encontra-se manifesta em muitos dos meus trabalhos, grandes e pequenos, e faz no poema sempre bom effeito, ainda que no momento em que se traduzia de um modo immediato na vida e pela vida — parecesse a todos singular, inexplicavel, até mesmo desagradavel» (2).

Querem o *Faust* mais claramente expresso?

Mas, abstrahindo de todos estes argumentos, que o sr. G. M. ignorou, porque ignorava as fontes de onde os tiramos, não podia o *consummado germanista* lembrar-se do facto da *lenda faustiana* haver sido tratada, antes de Goethe, por varios escriptores? Seria isso tambem acaso?

O estado de duvida e de lucta, era tanto um symptoma da epoca, que, antes de Goethe, já varios poetas haviam lançado instinctivamente mão da *lenda faustiana* para a idealisar n'uma criação artistica; lembrare-

(1) Que se acha realisado, por exemplo, na dedicatoria do *Faust*, *Zueignung* (nota do auctor).

(2) *Dichtung und Wahrheit*, 3.^a parte pag. 535. Esta faculdade de unir o passado e o presente n'um todo phantastico encontra-se n'uma das figuras do *Faust*, onde menos se espera: em Margarida. Julius Mosen acha por esta concordancia em Margarida, a alma poetica do proprio Goethe; e A. Stahr demonstra essa interpretação, analysando a situação de Margarida na egreja (*Goethe's Frauengestalten*. Berlin, 1872, 4 ed. pag. 104.)

mos apenas o poeta Maller Müller, Klinger (1791), e sobretudo o celebre Lessing (1).

Não seguimos mais longe a exposição de Kreyssig; isto basta para provar ao snr. G. M. a sua ignorancia do movimento do seculo XVIII, e indicar-lhe a fonte onde póde ir aprender o resto.

Por ultimo, as seguintes reflexões do snr. G. M.: a respeito de Goethe, como homem :

«O que porém irrita mais o snr. Vasconcellos, é o *egoismo*, o *orgulho*, a *sensualidade* (2) attribuidos ao impassivel Zeus do Olympo da Poesia. Ha pouco vimos como o nosso critico não escrupulisa açoiar nas costas de Goethe o Visconde de Castilho, quando esse processo de recochete se accomoda melhor aos seus intentos. Então veio Sancho abaixo, agora torna Sancho acima. Se o Visconde tivesse attribuido ao magnata de Weimar uma humildade seraphica, o ministro de Carlos Augusto corria o maior risco de ser caracterizado pelo seu panegyrista com a soberba de Satan miltoniano; e se lhe dêsse a pudicia do famigerado Intendente de Pharaó, quem sabe se o teriamos transformado n'esse *D. Juan de obra grossa*, de que nos falla com tanta indignação?» (3)

Daremos ao snr. G. M., com as suas proprias palavras, a resposta a taes considerações :

«O snr. Vasconcellos não tem motivo para amofinar-se. Quando as divindades são feitas do mesmo bar-

(1) Vide o capitulo iv de *O Faust*: A lenda do Dr. Faust, pag. 109-200.

(2) O Visconde diz «*frenesi* de gosar sensualmente», o que é differente (*Fausto*, notas, pag. 406).

(3) *Os criticos*, pag. 69.

ro damasceno que nós pobres mortaes, longe de nos escandalizarmos com as suas imperfeições, antes devemos **rever-nos complacentes n'essas pequenas fragilidades**» (1).

Ha certas phrases que pintam um individuo—esta é uma d'ellas; não commentamos pois.

Mais uma passagem caracteristica:

«Os poetas nunca foram celebrados por suas virtudes asceticas. Os Pacomios e Hilariões achar-se-iam tam constrangidos no Parnaso entre as Musas **vestidas de uma fascinante nudez**, como os poetas nas asperezas da Thebaida. Para estes espiritos mundanos, as silvas de S. Francisco d'Assis tem menos attractivos que as **alfombras de rosas de Gnido**» (2).

Outra:

«O auctor do **voluptuoso Divan**, o poeta philosopho que na pessoa de Fausto **reconhece pelo espirito a insufficiencia do espirito, e revendica para a carne os seus direitos**» (*Heine*) Goethe, em todo o caso, protestaria com certeza contra quem pretendesse fazel-o figurar n'um Agiologio do Parnaso, ao lado de Jacopone e do fundador dos Franciscanos» (3).

Outra:

«É das mais extensas, no seu genero, a lista das apaixonadas do auctor de *Werther*, a começar desde a mais humilde servente de uma venda até ás damas da mais alta aristocracia. Não pretendamos devassar reconditos **mysterios d'alcova**, para verificar se, em todas as suas

(1) *Os criticos*, pag. 69.

(2) *Op. cit.*, pag. 73.

(3) *Op. cit.*, *ibid.*

relações amorosas, elle se saiu como homem de probidade e honra, no sentido em que nol-o affiança o seu panegyrista portuguez» (1).

Emfim:

«Reproduzindo estes sollemnes testemunhos, dados por grandes admiradores do genio do poeta, não pretendemos inculcar que n'elles se desereva um D. Juan de obra grossa; quer-nos parecer apenas que não é da mais fina» (2).

O resto que o snr. G. M. diz ácerca de Goethe, é copiado do *Essai* de H. Blaze, já classificado; entretanto, fazemos uma excepção para esta passagem relativa á Frederike:

«Assim *Frederica*, vendo-se cruelmente enganada, blasphemou da poesia, sua atroz rival, e morreu. Pobre Frederica! vieste despedaçar a fronte contra este *egoismo de bronze* e pediste ao genio as condições da humanidade!» (3)

(1) *Os criticos*, pag. 74.

(2) *Os criticos*, pag. 76.

(3) O snr. G. M. traduz (p. 75) esta passagem de Blaze, *Essai*, pag. 12. «Frédérique, se voyant ainsi cruellement trompée, blasphéma la poésie, son atroce rivale, et mourut. Pauvre Frédérique, qui vins te briser le front contre cet egoisme d'airain, et demandas au génie les conditions de l'humanité!»

H. Blaze não podia dizer mais *phrases* e mentiras, do que este trecho contém; ao snr. G. M. recommendamos que se informe da vida de Frederike. Para não faltar o melhor, escreve o *consumnado germanista* o contrario de tudo isto a pag. 76:

«A infeliz F. immortalisou o seu martyrio pela nobre resignação com que supportou o egoismo do desdenhoso amante. No caminho da sepultura dizia a generosa filha do Pastor de Sessenhein: «Elle era demasiado grande para mim; destinos mais elevados o chamavam; não, eu não tinha direito a encadeal-o á minha existencia. «Onde fica aqui a *maldição*? Não tinha o snr. G. M. olhos, nem memoria, para vêr e lembrar-se do que havia

Agora o *pendant* na pagina immediata:

«Elle era demasiado grande para mim; destinos mais elevados o chamavam: não, eu não tinha direito a encadeal-o á minha existencia.»

Desejamos saber, como harmonisa a primeira passagem com a segunda? Aquella é uma mentira de Blaze, porque ninguem sabe que Frederike fosse «*cruelmente enganada*, nem *blasphemasse* da poesia» — ella, o coração resignado e angelico, que ficou afeiçãoado a Goethe até á morte, *admirando a sua poesia!*

Para remate da corôa, o seguinte:

«É ainda devido talvez á prolongada e absoluta dictadura que o grande Wolfgang exerceu na republica das lettras allemães (sic), e não menos á sua invejada posição social, sem exemplo na historia dos poetas, que a admiração pela magnitude do seu genio *não foi em geral acompanhada de uma decidida sympathia da parte de seus compatriotas*. Goethe o reconhecia. Aos oitenta annos da sua gloriosa vida, dizia elle a Eckermann, em um momento de *penosa expansão*: «Sei bem que ha muita gente para quem eu sou como um espinho no olho; esses desejariam ver-se livres de mim, e como já não podem attacar o meu talento, voltam-se contra o meu character. Umaz vezes sou orgulhoso, outras egoista, agora cheio de inveja contra os talentos da nova geração, logo mergulhado em sensualidade; dizem-me sem christianismo, e falto emfim de amor da minha patria e dos meus queridos alle-

escripto na pagina antecedente; ou onde tinha o espirito? Notaremos de novo ainda, que o snr. G. M. é mui inexacto nas referencias ás suas notas; a passagem do *Essai* de Blaze, a que põe a referencia: pag. 9 e 10, só se acha a pag. 12!

mães. Escriptor allemão, martyr allemão. Sim, meu caro, assim foi sempre. Eu mal me pôsso queixar; todos os mais tem tido a mesma sorte e peor ainda. Na Inglaterra e na França, dá-se o mesmo que entre nós. Que não soffreu Molière! Rousseau! Voltaire! Byron foi expulso de Inglaterra pelas más linguas e teria fugido até aos confins do mundo se uma morte prematura o não tivesse livrado dos *philisteus* e do seu odio» (1).

As phrases, que sublinhamos, não necessitam de commentarios; sómente lastimamos que o snr. G. M. tenha a ingenuidade de classificar este admiravel fragmento de *penosa expansão!* Lastimamos, emfim, que o snr. G. M. seja tão cégo, seja um espirito tão limitado, que não achasse n'essa mesma conversa com Eckermann, de que cita aquelle trecho, o argumento mais forte contra a absurda fantasia do egoismo de H. Blaze, e que a reduz de um só golpe a nada; e com ella todo o capitulo III (pag. 66-81) da triste resposta do snr. G. M. Eis o argumento decisivo:

«Tambem não podêmos servir a patria do mesmo modo; cada um faz o melhor que pôde, segundo Deus lh'o permittiu. Eu esforcei-me bem duramente, durante *meio seculo*. Posso dizer que não descancei *nem de dia, nem de noite*, nas cousas, que a natureza me havia determinado para o trabalho diario, e não me reservei descanso algum; esforcei-me sempre, investiguei e traba-

(1) *Os criticos*, pag. 81. Ha porém n'este trecho um salto, desde: «Sic kennen — até — gesucht hat.»

Eckermann. *Gespräche*, vol. III, pag. 217. O snr. G. M. córta o que lhe não convem,

lhei com fructo, tão bem e tanto, como pude. Se cada um poder dizer o mesmo de si, estaremos todos bem» (1).

O snr. G. M. falseou pois mais esta citação.

Ora quem escreveu a pag. 66: *Temos tanta veneração pelo nobre vulto de Goethe*, e a pag. 135 diz, que á vista «d'aquella poesia portugueza (*Prologo no céo*) — parece **infiar** (2) o proprio original» — deve estar n'um misero estado de espirito, para manifestar assim a baixeza da sua condição natural, que pintamos com os breves extractos do capitulo III (3), e revelar assim a miseria da sua impotencia intellectual!

E com isto concluimos.

(1) Eckermann. *Gespräche*, vol. III, pag. 216.

(2) Que termo é este? Da cosinha de Castilho?

(3) O «consummado germanista,» como litterato e como homem, pag. 28-74.



CAPITULO VII

As relações entre Goethe e Schiller

Já referimos o phenomeno, que revela evidentemente o estado enfermo do espirito do nosso adversario, isto é, a tendencia aleivosa e malevola, que se apraz em insistir sobre pontos antipathicos e motivos de repulsão, que, ou são imaginarios e revelam muita ignorancia (1), ou se existem, são expostos de uma maneira, que de modo algum lhe pode conquistar a sympathia de ninguem, mórmente quando essa exposição desfigura a verdade; a symphonia phantasmagorica de H. Blaze ácerca do egoismo de Goethe, de que atraz fallamos, e que serviu ao snr. G. M. para falsear o character de Goethe, unicamente com o fim de nos contradizer, chegou tambem para avançar uma serie de falsidades ácerca das rela-

(1) As relações entre Goethe e Schiller datam já de 1790 até 1806; logo, 16 annos, e não *doze*, como diz o snr. G. M. *Os criticos*, pag. 70, nota 2.

ções entre Goethe e Schiller, falsidades tanto mais repugnantes, que recordam a cada momento o espirito sophistico e maldizente do auctor. O snr. G. M. haveria feito melhor, se em logar de julgar das relações entre Goethe e Schiller pelas migalhas de Saint-René Taillandier (1), cuja competencia litteraria ficou já determinada (2), lêsse a correspondencia no original allemão, em logar de se contentar com a traducção mediocre, e assaz livre, de M.^{me} de Carlowitz; não era de certo exigencia demais, para um *consummado germanista*. A carta a que o snr. G. M. se refere, foi escrita por Schiller ao seu amigo Körner (3); todavia o snr. G. M. dá apenas um extracto d'ella, *mutilando-a*, porque essa mutilação lhe convinha, para desligar o celebre *detesto*-o de todas as circumstancias attenuantes.

Em seguida veremos o resultado d'essa mutilação. Devemos porém ainda accentuar uma circumstancia: Se o snr. G. M. queria dar uma ideia fiel da impressão que Goethe produziu sobre Schiller, no primeiro encontro, por que é que escolheu um facto mencionado

(1) O snr. G. M., apesar de *consummado germanista*, não se peja de revelar a sua pobreza litteraria, citando para a *characteristica* de Goethe o fraquissimo artigo d'este litterato na *Biographie Universelle*. Já é sciencia!

(2) Vide o capitulo: iv. *As fontes de consulta*; e pag. 70.

(3) Christian Gottfried Körner (1756-1831), pae do celebre poeta do mesmo nome, Karl Theodor K. (1791-1813) Foi intimo amigo de Schiller, e um dos homens a quem a Allemanha deve muito, não só pelos seus energicos esforços durante as guerras contra Napoleão 1, mas sobretudo pela leal e forte amizade com que sustentou o genio e a alma de Schiller, nos seus momentos de lucta. A casa de Körner, em Dresden, foi alli muito tempo, o que o palacio ducal em Weimar foi depois em maior escala; o asylo do talento, do pensamento genial, e da acção corajosa.

em 3 de Fevereiro de 1789 (que é a data da carta em questão), quando devia citar a outra carta a Körner, que refere o resultado da entrevista, a unica legitima pois, e que é de 12 de Setembro de 1788; isto é, de *5 mezes antes?* Era mister que o snr. G. M. tivesse escolhido esta ultima carta, que não é de modo algum desfavoravel para Goethe, e embora citasse depois a segunda, era sua obrigação explicar imparcialmente, por que é que Goethe pareceu a Schiller, *5 mezes depois* da primeira entrevista, tão differente. Se o snr. G. M. tivesse feito isto, que nós aqui lhe ensinamos, teria tido occasião de ver que o espirito de Schiller havia sido influenciado de uma maneira muito particular, durante esses 5 mezes decorridos, o que explica o *detesto-o*, e lhe tira quasi tóda a sua significação.

Primeiro vejamos a carta de Schiller a Körner, em que menciona o resultado da entrevista :

«Posso-te fallar emfim de Goethe, cousa por que tu esperas com anciedade, eu bem o sei. O seu primeiro aspecto attenua bastante a elevada opinião que me haviam incitado ácerca d'esta bella e attractiva figura. É de altura mediana, muito direito e teso, e anda do mesmo modo (1); «a sua physionomia é reservada, mas o seu olhar expressivo, vivaz, e fixa o nosso com encanto. O semblante, apesar da seriedade, que n'elle se reflecte, tem o character de muita benevolencia e bondade. A côr do seu cabello é castanha (2), e pareceu-me

(1) É preciso notar que Schiller tinha uma postura e um andar totalmente differente, e contrario.

(2) O original diz simplesmente: «Er ist brünett:» *elle é brünett*, que é a fórmula de dizer allemã.

mais idoso, do que deve ser, segundo os meus calculos. A voz é extremamente agradavel, o seu modo de dizer, corrente, cheio de vida, de espirito e de alma, de modo que se escuta com extremo prazer, e quando está em bom *humor* (1), como n'este caso, falla com boa vontade e interesse.»

«Depois travamos relações, e sem a menor cerimonia; é verdade que a sociedade era tão numerosa, e estavam todos tão empenhados e tão ciosos da sua conversa, que foi difficil estarmos muito tempo a sós, ou passar da generalidade dos assumptos. . . Emfim, fallando em geral, não posso dizer que a ideia, na verdade grandiosa, que d'elle formava, soffresse menoscabo; duvido porém que possâmos algum dia familiarisar-nos. Muitas cousas, que tem ainda para mim interesse, já passaram para elle em julgado. Conheço que está, com relação a mim, tão adiantado (menos em annos, do que em experiencia), que nunca nos encontraremos; toda a sua individualidade fixou-se, desde o principio, de um modo differente da minha; o seu mundo é differente do meu, e o nosso processo de percepção parece-me essencialmente diverso».

Esta carta harmonisa bem mal com o *detesto-o*, 5 mezes depois. Reflecte, é verdade, um pesar bem legitimo,

(1) Humor, é um estado de espirito do allemão, que não se traduz; o *humor* allemão é mui differente do *humour* inglez, assim como o *espirito* francez é differente do *Geist* allemão. (v. pag. 78) Jean Paul Richter, e antes Lessing, Hippel e von Thümmel, caracterisaram o *humor* allemão tão bem, como Swift e Sterne o fizeram para o inglez. E' mui difficil dar, a quem não conheça estes escriptores, uma ideia clara da palavra *humor* e *humour*, nas duas linguas allemã e ingleza.

em vista das contradicções que o enthusiastico Schiller vía entre si e aquelle que já esperava com anciedade, como um futuro amigo — mas ainda assim, a nobre alma conheceu a sua irmã. Goethe voltava da Italia, onde um novo céo, uma outra natureza, um novo mundo de ideias o havia transformado. Goethe voltava da Italia com *Iphigenie*, e *Egmont*, e pisava de novo o solo da Allemanha, ainda agitada pelo periodo do *Sturm und Drang*; Goethe tornava, purificado pelo genio da arte antiga, e encontrava a sua patria ainda no fogo de um enthusiasmo, que elle julgava passado, e que lhe pareceu fatal, por impedir a transição para um grau superior de elevação moral e litteraria. Goethe ouvia as queixas dos seus editores, que não vendiam a nova edição das suas obras, eínquanto o *Ardinghello* de Heinse (1) e os *Räuber* de Schiller desapareciam das estantes. Se devia haver um queixoso, era Goethe, e não Schiller; todavia 5 mezes depois da primeira carta, escrevia este a Körner a outra missiva, a que o snr. G. M. se refere. Collocamos a traducção do snr. G. M. em frente da nossa, para melhor exame:

(1) W. Heinse, escriptor de talento do periodo do *Sturm und Drang*, e auctor de outros romances caracteristicos (*Hildgard von Hohenthal*, etc), em que trata de alliar a fórmula perfeita, com as paixões do romantismo; no *Ardinghello* tenta o auctor estabelecer a theoria de um estado baseado na liberdade, nas leis da natureza e nos principios do bello. Schiller deu a esta theoria, em germen, uma fórmula mais determinada, propondo, em logar da educação moral do homem, a *esthetica* (Scherr Vol. II., pag. 213).

Trad. do allemão

«Estar frequentes vezes junto de Goethe, tornar-me-lia infeliz; nem sequer para com os seus amigos mais íntimos tem um momento de expansão; não ha modo de o interessar, e creio, na verdade, que elle é um egoista fóra do vulgar (in ungewöhlichem Grade). Possue o talento de captivar os homens, e de se tornar credor de pequenas e de grandes attenções, mas conservando sempre plena liberdade de acção para si.

Manifesta a sua existencia de um modo bemfasejo, mas á feição de um Deus, sem se offerecer a si proprio; parece-me isto um modo de proceder logico, planeado de ante-mão, e calculado para o extremo prazer do amor proprio. Eis o que m'o torna odioso (1), ainda que eu ame o seu espirito de todo o coração, e peuse d'elle de uma maneira grandiosa. O que acordou em mim foi um *mixto mui singular de odio e de amor*, um sentimento, que não é mui differente d'aquelle que deviam ter Brutus e Cassius para com Cesar; eu era capaz de matar o seu espirito, e de amal-o de novo de todo o coração» (2).

(1) *Mir ist er dadurch verhasst.*

(2) O snr. G. M. escreve ainda o seguinte, que se liga a — amor proprio: «Os homens nunca deveriam consentir que um ente de semelhante natureza se accresse d'elles», pag. 71. Não achamos esta passagem no original allemão, apud Lewes, v. II, pag. 113.

(3) *Os criticos*, pag. 71, nota.

Trad. do snr. G. M.

(do francez)

«Eu seria infeliz se me encontrasse muitas vezes com Goethe, dizia o auctor dos *Salteadores*. Não ha n'elle um só momento d'expansão, mesmo com seus mais íntimos amigos; não ha captival-o de modo algum; em verdade creio-o supremamente egoista.» — *O snr. G. M. salta tudo o que segue!*

A sua existencia é assinalada por beneficios, mas á maneira de um deus, sem nunca se dar a si. E um theor da existencia muito consequente, muito apropriado ao plano de vida que tem adoptado, perfeitamente calculado para os supremos gosos do amor proprio» (3).

Salta tudo o mais.

Esta expansão singular é o fructo de um momento psychologico, que se analysa e se explica todavia de uma maneira facil.

Goethe havia deixado em Rudolstadt, onde os dois se avistaram, impressões invejaveis nas pessoas que se haviam acercado d'elle; entre estas figuravam Charlotte e Karoline von Lengefeld, amadas ambas com extremo platonismo por Schiller. Goethe chega, e revoluciona o animo das duas damas — Goethe é tudo, tudo é Goethe. Além d'isto (se não fosse já o bastante) havia Schiller estado em Weimar, antes de Goethe chegar da Italia, e viu como o seu amigo Voigt, e outros, sustentavam o pêso dos encargos administrativos, que Goethe devia solver, mas que haviam passado, na sua ausencia, para outros menos afortunados:

«Emquanto elle pinta na Italia, são os Voigts e Schmidts obrigados a suar como animaes de carga. Elle absorve ociosamente na Italia uma pensão de 1:800 thalers, e elles vêm-se obrigados a sustentar uma carga dupla, por metade do preço» (1).

E antes de Goethe se encontrar com elle, lança Schiller, apesar da expectativa de uma apresentação eminente, contra o seu rival, já celebre e poderoso, a sua notavel, mas dura critica ao *Egmont* no *Allgemeine Literaturzeitung*.

Já vimos o resultado da entrevista; já vimos o resultado da carta que a commenta, e a posterior, citada pelo snr. G. M.; vejamos mais a seguinte. É igualmente a

(1) E. Palleske. *Schiller's Leben*. vol. 1, pag. 137.

Körner (1); este havia-lhe lembrado corajosamente o *anch' io son pittore*, a que Schiller responde:

« Não me posso medir com Goethe, quando elle quer reunir todas as suas fôrças. Elle tem muito mais genio do que eu, e além d'isso, muito mais riqueza de saber, uma sensualidade sã (2), e emfim um senso artistico, purificado e aperfeiçoado por conhecimentos de toda a especie, falta que sinto tanto, que posso classificar-a de ignorancia».

Körner responde-lhe a esta depreciação exagerada do seu valor:

« Duvido muito que Goethe tenha mais genio do que tu»; e em seguida explica-lhe com amisade leal a razão da inferioridade de Schiller em outros pontos, achando-a no ardor impaciente com que o amigo aspira ao ideal, esquecendo o valor da unidade e da relatividade. Schiller responde então com nobre franqueza:

« Vejo-me obrigado a rir, pensando no que te hei escripto de Goethe, e sobre Goethe. Deves ter tido occasião de me observar nos meus lados fracos, e haverás rido interiormente de mim, o que eu te concedo. Este homem, este Goethe, estorva-me, incommoda-me (3), e lembra-me muitas vezes, que a sorte me tratou cruelmente. Como não foi o seu genio ajudado por ella, e qual não é a minha lucta, lucta que dura ainda n'este mesmo minuto?»

(1) Lewes. *Goethe's Leben*. Vol. II, pag. 114, e Pallaske, *Schiller's Leben*. Vol. II, pag. 154.

(2) Estas palavras tem aqui a significação de *temperamento*, de *natureza sã*.

(3) « ist mir einmal im Wege. »

Mas 23 dias depois, já lhe vemos escrever a Karoline von Beulwitz (1):

«Quando cada um trabalha com toda a sua fôrça, não póde permanecer occulto aos outros. Este é o meu plano. E quando esteja n'esta posição, que possa fazer valer todas as minhas fôrças, então *elle*, e outros, me conhecerão, *como eu conheço agora o seu espirito.*» Schiller ficára resentido, e injustamente; mas teve a franqueza de que é dotada toda a alma grande. Schiller não tinha razão; o egoista não era o rival; Goethe havia elogiado (2), ou antes, tinha-se pronunciado com estima ácerca da sua severa critica ao *Egmont*; Goethe havia lido com agrado os *Götter Griechenlands*, e havia levantado da mesa a caderneta do *Merkur*, em que apparecêra a poesia, durante a entrevista em Rudolstadt, levando-a para casa. Isto *tudo*, que era muito, fizera um homem, que começava a critica por si, applicando-a a todas as suas acções com o maximo vigor. Schiller não podia ser para Goethe mais do que um *joven talento que desabrochava* (3), e a maneira por que Goethe o acolheu foi digna, se attendermos, a que um era já mestre, e o outro apenas discipulo promettedor da arte. Lembremo-nos emfim das antitheses litterarias e dos principios estheticos, em que ambos divergiam diametralmente, e digamos que houve lealdade em Goethe; se houve franqueza em Schiller, deu ella apenas um resultado: o admirarmos mais o seu character.

(1) Palleske. *Schiller's Leben*, vol. II, pag. 155.

(2) «dass Goethe sich mit Achtung... ausgesprochen». Palleske. *Schiller's Leben*, vol. II, pag. 14.

(3) «damals galt er doch nicht mehr als für ein aufstrebendes junges Talent». Lewes. *Goethe's Leben*, vol. II, pag. 115.

Schiller sujeitou-se, apoz os successos que relatamos, a um systema de trabalho e de purificação intellectual de tal ordem, que esteve á beira do tumulo. Em Maio de 1795 encontrava-o Goethe, n'um passeio, em Jena; a impressão foi profunda; Schiller pareceu-lhe: «a figura do crucificado» (1); a prostração era extrema, mas Schiller e Goethe eram já amigos.

A torpeza do sr. G. M. necessitava d'esta lição, por ter ousado tocar na pureza d'um laço que, mesmo nos primeiros momentos de hesitação, foi sempre egualmente honroso para ambos. A Allemanha considera esta amisade como um dos factos mais transcendentos da sua historia; e com razão, porque a amisade entre os dous poetas é a pedra de toque de ambos os caracteres.

«Achamos natural, que almas congeneres, como Klopstock e Giesecke, Lessing e Kleist (2), nascidas da nova poesia — harmonisassem; mas nem por isso ligamos a estes casos valor algum. Por que nos commove e nos abala tão poderosamente a alliança entre Schiller e Goethe? Porque era uma *conciliação* (3), porque era, tanto uma acção espontanea, como um effeito mysterioso das ideias dominantes» (4).

Como podia a natureza expansiva de Schiller viver 16 annos em perfeita communiidade de ideias com o Goethe, egoista, frio, de marmore — mas *freneticamente sensual*, segundo Heine — Castilho — Gomes Monteiro?!

(1) « das Bild des Gekreuzigten ». Palleske. *Schiller's Leben*, vol. II, pag. 328.

(2) Lembramo-nos ainda de Mozart e de Haydn!

(3) A alliança dos dous modos de sentir, objectivo e subjectivo (Nota do auctor).

(4) Palleske. *Schiller's Leben*, vol. II, pag. 323.

CAPITULO VIII

A Tragedia

a) Primeira e segunda parte

A leviandade da nossa litteratura é um dos symptomas mais profundamente característicos do nosso miseravel estado; e ainda que ella se revele com a maxima insolencia, como ahi o vêmos todos os dias — ainda assim, apesar do nosso minuçioso exame á traducção do Visconde de Castilho; apesar das innumeras miserias, que havemos demonstrado n'ella — apesar de tudo isto, ainda não cessou o nosso espanto, á vista da audacia, sem exemplo, com que o Visconde se lançou sobre o *Faust* de Goethe, sem guia, sem o conhecimento mais elementar da lingua allemã, do espirito allemão, do espirito do poema, das tradições da lenda e da época em que ella se formou, da vida do poeta, da existencia politica, moral e intellectual da Allemanha, antes de Goethe e do tempo do poeta — emfim se lançou sobre o

Faust, n'um estado de espirito infantil, inconsciente, perfeitamente simples e ingenuo. O snr. G. M., querendo encobrir as miserias da traducção, á força de sophismas, de mentiras, e de falseamentos de textos, mutilações de citações, e outras artimanhas proprias do seu character, não fez mais do que lançar sobre aquella traducção pustulenta, um lençol assaz sujo, em que ficaram estampadas ainda mais a vivo os humores e as chagas da propria traducção. Assim, á força de querer encobrir, fez ainda peor serviço ao seu collega.

Vejamos:

O processo de formação da tragedia é tão complicado, foi sujeito a tantas circumstancias, influencias e accidentes, como os que actuaram sobre o animo de Goethe, durante 60 annos, que é o tempo da formação da *Tragedia*, 1.^a e 2.^a parte, 1772-1832 (1), que o seu estudo se torna complicadissimo, e de extrema difficuldade, para ser feito debaixo do unico ponto de vista accetavel, isto é: o estudo *comparativo* e *simultaneo* das *duas partes* da tragedia, porque é impossivel entender-se o pensamento fundamental, a ideia do *Todo* (*die Idee des Ganzen*), sem se haver estudado igualmente a *segunda*. Poderão adduzir contra esta opinião a circumstancia, que tem sido ao mesmo tempo o argumento mais forte d'aquelles traductores (2), que apenas se tem occupado da *primeira parte* da tragedia, descurando a *segunda* — este argumento é: a circumstancia de quasi to-

(1) Bayard Taylor. *Faust* — The chronology — pag. 299. appendix II.

(2) Póde-se dizer, que *foi*, porque este ponto de vista está hoje antiquado, como veremos por provas sem conta.

dos os traductores, de todas as nações, terem escolhido só a *primeira parte*, offerecendo-a como um *todo* completo.

Isto poderá satisfazer a consciencia propria dos mesmos traductores, e poderá contentar a *prima vista* o observador inconsciente; mas é argumento (se argumento póde ser!) que não tem força alguma, pelas seguintes razões:

1.º Não admira que os traductores, geralmente *traditore*, recuassem, por commodidade, por ignorancia, e mesmo por secreta antipathia — diante das grandes difficuldades da *segunda parte* da tragedia, fosse ella traduzida em prosa ou em verso.*

As difficuldades, n'este ultimo caso, augmentavam prodigiosamente; todavia os escolhos da interpretação symbolica e philosophica, subsistiam em qualquer dos dois modos.

2.º Tenha-se em conta, que os trabalhos criticos sobre a tragedia (1), só muito depois de publicada a segunda parte [1832 (2)], é que chegaram a um ponto de vista, que admittia alguma concordancia entre as inter-

(1) Entendemos sempre as *duas partes* juntas.

(2) Apareceu n'este anno no vol. 41 da edição de Cotta (Stuttgart); o poema foi concluido no verão de 1831. (*Grundriss d. Gesch. der d. National-Literatur*. Leipzig, 1866, 4.ª) ed., vol. III, pag. 2573; a numeração é a seguir).

Segundo Taylor (*Faust*, a tragedy, appendix II, pag. 304. temos o seguinte:

«No começo de 1831 faltava só o quarto acto, e as scenas de introdução do quinto. Era a parte mais laboriosa da tragedia, e n'ella ficaram traços visiveis do trabalho; mas em fins de Julho estava a obra prompta, e no seu 82.º anniversario (28 de Agosto de 1831), sellou Goethe todo o manuscrito completo da *segunda parte*, para ser aberto e publicado como posthumo.»

pretações tão differentes, que cada um lhe dava, de maneira que os traductores até alli, sem guia, sem principio certo, sem ponto de vista fixo — só agora (publicada a *segunda parte*) é que poderam começar o estudo simultaneo e comparado das duas.

Todavia, os resultados da critica foram tão fructiferos, que desde logo pensaram outros traductores em estudar de novo a creação de Goethe por esses novos principios, e bem depressa se manifestaram os resultados (1).

3.º Uma terceira razão, enfim, que se liga á anterior, era o atraso e o pouco conhecimento da historia litteraria de Allemanha; o pouco conhecimento do seu espirito em geral, e a sua exuberante riqueza — de immenso proveito para os naturaes —, mas que constituia para o estrangeiro antes um labyrintho com difficil entrada, e peor sahida ainda.

Que o Visconde de Castilho não tinha (nem ainda tem) a minima ideia de tudo isto, dil-o a grotesca traducção; que o snr. G. M. está, apesar de *consummado germanista*, tão adiantado como o seu *alter ego*, proval-o-hemos até á saciedade.

Vejamos:

These: O Visconde de Castilho e o snr. Gomes Monteiro ignoraram completamente o principio capital para a traducção do Faust.

Este principio é:

Que a primeira e a segunda parte da tragedia for-

(1) Foram as traducções (que incluíram a segunda parte) de G. de Nerval, H. Blaze, dos inglezes: Birch, A. Gurney, Bernays, etc.

mam um todo organico, inseparavel, e que para a intelligencia da primeira parte, é indispensavel a intelligencia da segunda; d'ahi a necessidade impreterivel do estudo simultaneo e comparado das duas partes da tragedia.

Em face d'esta nossa affirmação, colloquemos a seguinte do Visconde de Castilho:

«Na segunda parte, dizem allemães, é que o autor mais se despendeu em gentilezas e esmeros liricos. Póde ser: contemplado nos reflectores não o parece; e depois quando essas excellencias accidentaes e de méra fôrma, rara vez traduziveis, sejam taes como nol-as querem encarecer, tantos e tão crespos são no ultimo *Fausto* os enigmas filosoficos, tão abstruzo o senso das ficções, e as ficções mesmas tão desnaturaes, tão inverosimeis, tão impossiveis (ia-me quasi escapando tão absurdas) que o bom gosto e o bom senso, que tão benevolos perdoaram e receberam a lenda velha do Dr. Fausto, não sei como se haveriam com o *Fausto* ultimo. O primeiro, o nosso, foi um gigante; o ultimo figura-se ao espirito da nossa consciencia o homunculo, um producto abusivo das forças da arte» (1).

Agora o snr. G. M.

«Para estes criticos etc. . . não seriam de certo tão escandalosas, como para os nossos dois aristarchos (2) as conceituosas palavras com que o snr. Castilho resu-

(1) Castilho. *Fausto*; advertencia, pag. xvi, 24.^a, 25.^a, e 26.^a linha.

(2) F. Adolpho Coelho, e nós.

me o seu juizo ácerca dos dois *Faustos* (1): «O primeiro... etc.

Mestre e discipulo continuam pois em harmonia; a concordancia é completa.

Agora o peor: os resultados da critica:

1.º Falla o proprio Goethe [Carta de 17 de Março de 1832 (2)]:

«Ha sessenta annos, que a concepção do *Faust* se apresentou ao meu espirito juvenil, desde logo clara, ainda que a sequencia total me fosse, *extensivamente*, menos evidente» (3).

A unidade das duas partes parecia a Goethe tão plausivel, que mais abaixo escreve: «e eu não tenho o menor receio, que se possa distinguir o velho do novo, o posterior do anterior — e assim o queremos entregar ao futuro leitor para benevolo exame» (4).

Um pouco atraz ha ainda uma passagem mais decisiva:

(1) Esta classificacão de *dois*, já é typica. (*Os criticos*, pag. 91, fim).

(2) Dia em que adoeceu mortalmente, e cinco dias antes da sua morte, 22 de Março.

(3) *Goethe's Werke*, edic. Kurz. Hilburghausen, 1870. Vol. XII, pag. 448. Carta a H. Meyer: já citada no nosso trabalho, pag. 36.

(4) *Op. cit.* Ainda que hoje se conheçam quaes as partes antigas e modernas, e o processo isolado da sua formação, graças á chronologia quasi completa, que se descobriu para ellas (Koberstein. *Grundriss*, vol. II, pag. 1548, nota *men*; vol. III, pag. 2040 e 2041, nota *z*: 2115-2117, nota *o e p*; e B. Taylor *Faust. A Tragedy*. = Appendix II, pag. 298-305 = The chronology of *Faust*), com o auxilio das cartas a Schiller, Riemer e outros).

«Já sahia ha muito, o *quê*, e até *como* eu o queria (1), e trouxe-o, como uma lenda interior, já ha tantos annos commigo mesmo; executava porém as partes (2) isoladamente, segundo me agradavam mais, de tempos a tempos» (3).

Isto não deixa dúvida alguma sobre a concepção clarissima, que Goethe tinha do organismo (4) da sua obra prima; e isto corroboram todos os criticos, philosophos, e historiadores litterarios mais notaveis, que tem tido a Allemanha, desde que, publicada toda a *segunda parte* (1832), a tragedia se mostrou em toda a sua vastissima unidade e completa belleza.

Apesar da primeira apparição do *Faust* haver sido em fragmentos (5), e não ter produzido, por isso mesmo, uma impressão agradável (6), todavia, ainda assim

(1) «Ich wusste schon lange her, *was*, ja sogar *wie* ichs wollte». O snr. G. M. não quiz tomar conta alguma d'estas passagens, citadas já todas no nosso trabalho! (pag. 189).

(2) Note-se a singular concordancia com aquella celebre passagem da auto-biographia: «Die bedeutende Puppenspiel-fabel des andern klang und sumnte gar vieltönig in mir wieder»: «A importante fabula do *Puppenspiel*, do outro (referiu-se anteriormente ao *Götz von Berlichingen*) soava e zumbia, em mil modos. dentro de mim.» (*Dichtung und Wahrheit*, 2.^a p. pag. 356, ed. Kurz. 1870, vol. ix de *Goethe's Werke*). O poeta diz n'esta mesma carta, em plena concordancia com o que acima referimos, que os assumptos do *Götz* e do *Faust*, radicados no seu espirito, se haviam transformado *pouco a pouco* («nach und nach») em concepções poeticas. (*Dichtung und Wahrheit*. *ibid.*)

(3) *Op. cit.*, Vol. XII, pag. 446, onde se póde lêr o resto d'esta admiravel carta.

(4) Usamos d'esta palavra, no sentido mais lato, que ella tem em allemão.

(5) Edição das obras de Goethe (Leipzig, 1790—Göschel).

(6) O effeito da publicação não foi animador; o fragmento não foi *entendido* em geral; e a força evidente das scenas isola-

dois homens houve, que presentiram a intenção de Goethe e a grandeza do seu trabalho fragmentario. Foram elles, Körner e A. W. Schlegel (1). Isto já era em 1790!... e esta intuição d'estes dois homens notaveis não vem senão confirmar que Goethe não se enganava, dizendo que a concepção da sua tragedia já estava «completa e clara em 1772» (2).

A necessidade pois da publicação completa da *segunda parte*, para a intelligencia da *primeira*, vae-se tornando cada vez mais evidente; porque, se em 1790 só dois homens presentiram o plano geral de toda a tragedia, que Goethe já tinha presente em 1772 — não é para admirar, que em 1808 (3), data em que appareceu a *primeira parte*, não se podesse avaliar uma obra, completada só em 1832, com a publicação da *segunda*!

Goethe fallára verdade. Dois homens notaveis já haviam presentido a ideia em 1790, e se depois se disseram e escreveram muitos erros, e ainda se estão es-

das, só foi parcialmente apreciada (Taylor. *Op. cit.*, appendix u. pag. 301). Isto mesmo é a melhor prova, de que é impossivel alcançar uma ideia legitima da tragedia, por um estudo *fragmentario* de uma só das suas partes.

(1) Apud Taylor. *Op. cit.*, pag. 301, nota. Schiller ficou satisfeito com os fragmentos: Wieland lastimou que fosse um amalgame de trechos novos e antigos.

(2) Sendo a carta a H. Meyer, em que se encontra esta passagem, de 17 de Março de 1832 temos: subtrahindo d'esta data, 60 annos = a data 1772. Está hoje porém averiguado, que os primeiros trabalhos *escriptos*, datam de 1773. (Taylor. *Op. cit.*, pag. 299, appendix u.)

(3) A *primeira parte* ficou concluida para a impressão no inverno de 1806-1807; e appareceu em 1808, no vol. viii da edição das obras de Goethe (Cotta. Tübingen), começada a imprimir em 1806. Koberstein. *Grundriss*, vol. iii, pag. 25-70, nota 6. Rectifique-se o que dissemos em: *O Faust de Goethe*, pag. 100.

crevendo todos os dias, não se lance a culpa d'elles á conta do sentido obscuro da tragedia, mas sim á conta do extenso ról da ignorancia atrevida, que se mette em empresas impossiveis, e quer voar até ao sol com azas de cêra. Não admira que cáiam nos mares, onde se afogaram já miserrimamente tantos d'aquelles. . . *ex numero stultorum*, cuja conta é infinita.

Não é nossa intenção crivar este capitulo de citações, a que nos fôrça a ignorancia geral da nossa gente, emquanto á synthese e analyse da litteratura allemã — ás ideias geraes e aos innumerados factos — ; tomaremos apenas, de entre os numerosos commentadores, os mais notaveis e os mais modernos, que servem particularmente, porque tiveram ao mesmo tempo occasião de consubstanciar, aprofundar, e enriquecer mais a sciencia dos seus antecessores (1).

Primeiro deixámos fallar Goethe, como de direito lhe competia; e depois de havermos tomado de relance a opinião dos contemporaneos, vejámos os successores :

2.º Falla Kreyssig (2):

« Se Goethe affirmou, em face da obra, já completa, que o seu plano estava presente á sua alma, desde o começo (3), de um modo claro e evidente, julgámos que

(1) Citámos com frequencia Taylor, porque, como já referimos, elle declara haver estudado o *Faust*, mais de 20 annos (pag. v, *preface*). e haver lido todos os commentarios (pag. 195 desde Schubarth (1820) e Hinrichs (1825); até Kreyssig (1866).

(2) *Vorlesungen über Goethe's Faust*. Berlin, 1866, pag. vi e vii, (Vorwort).

(3) O auctor referiu anteriormente a passagem, que já notámos atraz; tivemos a felicidade de achar, intuitivamente,

ninguém tem o direito de duvidar sequer da existencia d'esse plano, e seria *obrigação e dever nosso* (1), para com o primeiro poeta do nosso povo, procurar incançavelmente esse plano, ainda quando elle não surgisse tão claramente, e de um modo tão patente, ao olhar investigador, que quizer aprofundar a obra com seriedade.»

Segue:

«Por isso considerámos n'este logar, como fim principal, mostrar esse plano, com evidencia e com a clareza convincente, o mais possível; a demora, no exame de passagens isoladas, que requerem explicação, será restringida, aos estreitos limites, que nos prescrevem — além da propria natureza da solução, as circumstancias do maior circulo de leitores (2)» para o qual destinámos estas paginaes. Porém (3), prevenido pela sorte de numerosos predecessores, muitos dos quaes altamente respeitaveis, esforçar-nos-hemos por distinguir, quão differen-

e de aproveitar, quanto pôde ser, em vista da rapidez (foram dois mezes) com que esboçámos a nossa passada critica — as passagens mais necessarias para a intelligencia da tragedia, nos differentes auctores, que consultámos; com intima satisfação notámos, haver escollido muitas das passagens, que Kreyssig cita como capitães, sem comtudo termos então conhecimento das suas opiniões (sabiamos apenas da sua existencia); e achámos concordancia nas partes essenciaes; isto é uma prova de que os nossos esforços, para penetrar no espirito da tragedia, foram fructiferos.

(1) Quão caracteristica não é, em vista d'este *dever*, que Kreyssig impõe ao povo allemão, o que Castilho propõe ao nosso publico, sic: «que todos a entendam (*a tragedia*) *sem esforço*, e a possam escutar *sem desagrado* nem extranheza». Castilho, *Fausto*, advertencia, pag. xii). Isto pinta uma sociedade!

(2) Kreyssig fez estas *Vorlesungen* (prelecções) diante de um numerozo publico.

(3) *Op. cit.*, pag. viii.

te é o *plano* de um *poema*; e o *systema* de um *philosopho*... (1)»

Depois do auctor fallar do processo complicado da formação do *Faust*; e da differença de methodo, que a critica tem por isso de applicar á analyse d'esta extraordinaria tragedia, que, como muito bem diz Taylor: «é a unica grande obra de litteratura, de todas as linguas, que exige uma *biographia*» (2)—depois de estabelecer essa differença, continua Kreyssig (3):

«Periodos tão longos, além d'isso preenchidos por uma actividade multipla, infatigavel (4) exigem todavia —*á parte a veneração pela ideia fundamental, sustentaculo da construcção gigantesca*— o exame mais cuidadoso; tendo em vista a influencia inevitavel, que elles exerceram, *não sobre o plano*, mas sobre o desenvolvimento e sobre o tom (a *côr*) das partes, que elle determinava; note-se ainda, que se trata aqui de uma confissão geral (5), poetica, scientifica e politica, de um homem, que mais do que nenhum, navegou na plena corrente da vida, familiarisado com o mundo dos factos, tanto, como com o mundo dos pensamentos, da phantasia e do sentimento — d'um homem, que soube gozar no interior do seu pro-

(1) *Welch ein anderes Ding es ist um den Plan eines Gedichtes als um das System eines Denkers* (propriamente=*pensador*=). Esta distincção capital prevê já a allegação dos enunciados aparentemente contradictorios, que espiritos mesquinhos acharam no *Faust*, por não distinguirem, no meio das negativas da tragedia, as affirmações admiraveis, que ficam de pé (nota do auctor).

(2) *The chronology of Faust*, appendix II, pag. 298.

(3) *Vorlesungen*, pag. IX.

(4) Onde fica o Goethe *egoista*?

(5) Nós havíamos, sem conhecer Kreyssig, dado esta mesma definição, apenas com outras palavras: *O Faust*, pag. 101.

prio ser (1), (soffrendo tambem provavelmente) aquillo que era dado em partilha á humanidade soffredora — mas tudo isto, dentro dos firmes limites, que a sua natureza havia traçado, e que elle, por vontade propria, sustentou sempre com firmeza (2).

Diz finalmente uma outra passagem de Kreyssig (pag. XII):

« Podêmos emfim caracterisar o conjuncto das exigencias n'este sentido (3):

« Um desenvolvimento da ideia do poema (no sentido platonico da palavra), desenvolvimento, sustentado e fiscalizado, passo a passo, pela critica historica e philologica. Para satisfazer essas exigencias aqui, segundo a medida das nossas fôrças, e do nosso fim particular (4), começaremos por tentar reconhecer as condições prévias do poema, no estado intellectual e moral da epoca do seu nascimento (5), e por avaliar os elementos primordiaes, offerecidos ao poeta pela lenda. Seguiremos depois o poema, passo a passo, nas phases mais importantes do seu desenvolvimento, fazendo primeiro justiça ao fragmento primitivo — depois, observando nas scenas

(1) «In seinem inneren Selbst...» A isto opponha-se, o que Castilho attribue a Goethe: «frenesi de gosar sensualmente». (*Fausto*, notas, pag. 406. linha 4.^a)

(2) Esta passagem em Kreyssig (p. x.), é difficil de traduzir; todavia forejámos por dar o pensamento, sem a menor mudança, embora a formação da phrase soffresse com isso. O que nos importa, é respeitar o pensamento allemão; a vozeria das *galhas classicas*, diverte nos.

(3) Para a intelligencia do *Kunstwerk* (da obra d'arte).

(4) Kreyssig refere-se ao numeroso auditorio, que assistiu ás suas preleções.

(5) O que nós fizemos (*O Faust*, pag. 109-200, cap. iv. A lenda do Dr. Faust), e que o sr. G. M. julgou superfluo — por o Visconde não o haver feito.

da primeira parte, posteriormente accrescentadas (1), como o plano total vae crescendo progressivamente; para reconhecer os fios intellectuaes, que partindo d'elle se ligam, de um lado ao tronco fundamental do poema (2), e do outro, servem de meio conductor para a *segunda parte* (3).

«Preparados d'esta maneira tentaremos uma revista pelas allegorias da *segunda parte*, não, sem alguma esperanza de facultar, ainda que peze aos scepticos (4), uma intelligencia sufficiente do *total* (5), para generalisar o conhecimento de thesouros preciosissimos da sabedoria de Goethe, de verdadeira sciencia allemã, e de verdadeira sciencia da vida humana».

3.º Deixemos agora a palavra a Carriere (6): «O Faust é um poema de pensamentos [*Gedankendichtung* (7)]; o melhor da sciencia do seculo, entrelaçou aqui o sabio poeta. O pensamento nasce primeiro, no *meio da lucta de um estado psychologico* (8), *apaixonado* (9);

(1) Notaremos, que estas scenas são as que estabelecem a ligação externa entre a primeira e segunda parte. Vide o que dissemos em *O Faust*, pag. 48.

(2) Isto é: aos primeiros fragmentos, 1773 (nota do auctor).

(3) É pois evidente a ligação intima das duas partes inseparaveis.

(4) *Zweifeln*, antes = aos que duvidam. —

(5) «Im ganzen und Grossen».

(6) *Faust. Eine Tragödie. Mit Einleitung und Erläuterungen von Moritz Carriere. Leipzig, Brockhaus, 1869, 2 vol. in-8.º, pag. xvii. Einleitung.*

(7) Vide atraz, pag. 65.

(8) Carriere escreve: «leidenschaftlich erregtem Gemüth», mas como a palavra *Gemüth* corresponde a um estado psychologico, proprio do allemão, que nós não conhecemos; preferimos uma significação geral a um termo positivo, que mutilasse a ideia, restringindo-a.

(9) É esse o caracter da *primeira parte*.

do esforço para a verdade (1); depois domina (2) elle (o pensamento) vivaz e claro, no espirito consciente, e materialisa-se (3) em figuras e situações, que o revelam de uma maneira plena e pura.

Em certos intervallos, esconde-se, de vez em quando, em mascaras allegoricas; porém a verdadeira poesia triumphá sempre de novo, transfigurando o *Real* no seu *Ideal*.»

Se não basta esta demonstração clarissima, eis mais um argumento, que nós deduzimos (4) de outra citação de Carriere (5):

«Esta passagem (6) pertence já tambem aos fragmentos mais primitivos e antigos do poema. *Faust* falla aqui da aspiração (*Streben*) para o ideal huma-

(1) Este periodo de transição, que decorre desde a introdução á *segunda parte* — resolve-se no renascimento moral de Faust (*Wiedergeburt*), que (segundo os commentadores) se opera, quando Faust desce ao dominio das *Mütter* (mães, onde Mephisto não pôde descer, porque o imperio das mães é o reino da *Verdade*; Carriere, vol. II, pag. 249. Vide tambem Eckermann, *Gespräche*, vol. II, para 116-118); depois reconquista Faust, renascido, os seus deveres, na *acção energica* (*That*).

(2) Eis o movimento da *segunda parte*.

(3) «verkörpert sich», litteralmente: *corporisa-se*.

(4) A exposição é nossa.

(5) *Op. cit.*, vol. I, pag. 191.

(6) É a seguinte, que se encontra na primeira parte do *Faust*, (scena do pacto):

«Und was der ganzen Menschheit zugetheilt ist,
• Will ich in meinem innern Selbst genießen. »

Trad.:

E o que é dado em partilha a toda a humanidade,
Quero eu no meu intimo ser gozar.

(Vide a nossa trad. *O Faust*, pag. 319).

no (1) — isto é, para a união das antitheses do espirital e do natural, do intellectual e do sensual, da acção e do gôso, dos prazeres sensuaes e da salvação da alma — como da aspiração dos corações da juventude, no periodo do *Sturm und Drang* (2).

Ora a união das duas antitheses não se verifica, senão na *segunda parte*, e o enunciado da these philosophica aqui, na primeira parte, n'um dos trechos mais primitivos e mais antigos, como diz Carriere, prova evidentemente a verdade do que dizia Goethe: que a concepção fundamental, a *ideia do todo*, lhe appareceu logo, «evidente e clara ao seu espirito juvenil» (3).

4.º Citamos finalmente um commentador, que teve occasião de aprofundar os problemas do *Faust*, talvez como ninguem, n'um estudo aturado e profundo, de mais de vinte annos (4); e que examinou todos os commenta-

(1) *Vollmenschlichen*, termo intraduzivel.

(2) Violencia e impeto, litteralmente; ou melhor: *originalidade e genio*, que é a significação litteraria.

«Kant e Schiller haviam evocado a *ideia do dever*, do sacrificio, da justiça e do desinteresse, lembrando a eseravidão da vontade, sob a influencia do phreuzi: do goso, e da sensualidade». Gervinus *Geistige Bewegungen*, em *Gesch. d. neunz. Jahrh.*, vol. VIII, pag. 157. Goethe accentuou não menos energicamente, que na repressão dos seus instinctos baixos, e na elevação do seu nivel intellectual, é que consiste a dignidade do individuo e de uma nação. Esta tendencia ideal imprimiu no movimento intellectual da Allemanha do seculo XVIII, um cunho indelevel.

(3) Vide o que dissemos em o *Faust*, pag. 36.

(4) B. Taylor. *Faust*, pag. v, preface: «It is twenty years since I first determined to attempt the translation of *Faust*, in the original metres».

Esta traducção foi classificada como a melhor, que se tem feito, n'uma lingua estrangeira; os jornaes inglezes: *Athenæum* e *Saturday Review* fizeram ao auctor os maiores elogios e nós,

dores, desde Schubarth (1820) até Kreyssig (1866) (1), isto é, os resultados da critica durante quasi meio seculo.

Diz Bayard Taylor (pag. XVIII):

«Por isso mesmo que esta parte foi incluída (refere-se á *segunda*) no plano original de Goethe, por isso mesmo a *primeira parte*, comquanto aparentemente completa, como episodio tragico (2), é na verdade, apenas um fragmento, onde os *problemas mais profundos*, sobre os quaes a obra *se baseia*, ficam por resolver. Considero pois, que a *segunda parte* é necessaria (tão necessaria, na verdade, como o *Paraiso* á *Divina Comedia* do Dante): e o meu esforço, no segundo volume d'esta traducção, terá por fim, pôr em clara evidencia essa necessidade; tanto diante dos olhos do leitor inglez, como dos d'aquelles criticos inglezes e allemães, que pretendem degradar o original».

E com isto terminámos a revista, que podíamos aug-

temos sobre o meza um artigo de quasi 3 grandes paginas, gr. in-4.º, dos *Blätter für literarische Unterhaltung* (anno de 1872, n.º 11, pag. 171-173), um dos primeiros jornaes litterarios da Allemanha, que confirma o mesmo voto. O nosso exame pessoal, só o podemos formular n'uma sincera admiração pelo esplendido trabalho: os metros do original, até o rhythmo, foram quasi sempre fielmente conservados; e a traducção é tão fiel, que se encontram passagens inteiras, onde as palavras allemas se acham repetidas por outras tantas inglezas, absolutamente equivalentes; pôde dizer se affoitamente de B. Taylor, o que elle applica a um bom traductor: «Rendendo se elle proprio ao in-circo dominio do espirito, que ha-de fallar por elle, recebe tambem uma porção do mesmo poder creator.» (*Faust*, prefacc, pag. x.)

(1) *Op. cit.*, Introduction ás notas, pag. 195.

(2) Mas não é este o fim da tragedia; a *ideia do Todo*, no sentido platónico (nota do auctor).

mentar com mais alguns nomes dos investigadores mais recentes, se as proporções d'esta resposta fossem outras.

Recapitulamos de novo a nossa these:

Que a primeira e a segunda parte da tragedia formam um todo organico, inseparavel, e que para a intelligencia da primeira parte, é indispensavel a intelligencia da segunda; d'ahi a necessidade impreterivel do estudo simultaneo e comparado das duas partes da tragedia.

Repetimos a affirmação do Visconde de Castilho:

«Na segunda parte, dizem allemães, é que o autor mais se despendeu em gentilezas e esmeros liricos. Póde ser: contemplado nos reflectores não o parece; e depois quando essas excellencias accidentaes e de méra fôrma, rara vez traduziveis, sejam taes como nol-as querem encarecer, tantos e tão crespos são no ultimo *Fausto* os enigmas filosoficos, tão abstruzo o senso das ficções, e as ficções mesmas tão desnaturaes tão inverosimeis, tão impossiveis (ia-me quasi escapando tão absurdas) que o bom gosto e bom senso, que tão benevolos perdoaram e receberam a lenda velha do Dr. Fausto, não sei como se haveriam com o *Fausto* ultimo. O primeiro, o nosso, foi um gigante; o ultimo figura-se ao espirito da nossa consciencia o homunculo, um producto abusivo das forças da arte» (1).

Emfim, o commentario approvativo do snr. G. M.:

«Para estes criticos (2) etc... não seriam de certo tão

(1) *Fausto*, advertencia, pag. xvi.

(2) Mencionámos os seus nomes:

G. H. Heinrich, já analysado (pag. 71).

Saint René-Taillandier, idem (pag. 70, nota).

escandalosas, como para os nossos dois aristarchos (1), as **conceituosas palavras** com que o snr. Castilho resume o seu juízo ácerca dos dois *Faustos*: «O primeiro... etc.» (2).

Podem em vista das razões expostas; podem em vista das opiniões do proprio Goethe, e da sua declaração formal, que deve ser sagrada; podem subsistir contra Schiller, A. W. Schlegel, Körner, Koberstein, Düntzer, Kreyssig, Carriere, Taylor, e todas as auctoridades modernas de primeira ordem — as miseraveis e rachiticas opiniões, que o snr. G. M. allega?

É o organismo das duas partes da tragedia *Faust* evidente? São ellas inseparaveis ou não? Commetteu ou não o Visconde de Castilho e o seu *alter ego* (3) o

H. Laube, idem (pag. 65-66).

Vischer (de que o snr. G. M. faz *Bischer*, pag. 89 e 90!) já refutado por Düntzer, o mais fervoroso defensor da *segunda parte*.

Schnetger; e outros tres — egualmente apud Düntzer.

H. Heine — por ultimo, analysado a pag. 67-70.

Effectivamente, de sua casa, adduz pois o snr. G. M. apenas 4 auctores (Saint René-Taillandier, Heinrich, Laube e Heine), qual d'elles de menos valor.

(1) F. Adolpho Coelho, e nós.

(2) *Os criticos*, pag. 91 e 92.

(3) Para notarmos tambem a força de logiea do sur. G. M. lembraremos, que servindo-se elle quasi exclusivamente de Düntzer (o unico livro de valor, de que lançou mão) para refutar as nossas ideias, e oppôl-as ás de Lewes, que adoptamos no nosso primeiro trabalho; discorda logo d'elle, desde o momento em que Düntzer se aproxima da nossa exposição; n'este facto capital da avaliação da *segunda parte* — tem o snr. G. M. o atrevimento de dar á logiea a maxima bofetada, classificando os elogios de Düntzer (o mais decidido defensor da *segunda parte*) de *absurdos*; não o declara, mas isto resulta fatalmente da classificação de *aborto*, uma vez que Düntzer acha esse *aborto*, uma *obra prima*. A opinião do snr. G. M., (isto é, o snr. G. M., apesar de *consummado germanista*, e apesar de enca-

crime de lesa-magestade contra o genio, classificando de aborto, e de absurdo, o trabalho synthetico de um dos cerebros mais poderosos, que a humanidade tem conhecido; o fructo, que é o resultado de *sessenta annos* dos mais laboriosos sacrificios?

O leitor que responda; não, — responde-lhes o proprio poeta (1).

Podemos declarar publicamente, embora pese ao snr. G. M. e ao Visconde de Castilho, que os estudos que fizemos em Kreyssig, Carriere, e tantas outras fontes, não foi baldado, ao menos para nós; e que a interpretação tão philosophica, tão elevada, e ao mesmo tempo tão humana, dos notaveis commentadores (principalmente a de Kreyssig), nos facultou um olhar sufficientemente claro n'esse aborto, para distinguirmos, com regosijo intimo, o fio admiravel, a ideia fundamental —

necido nas profundas lucubrações de uma vida de 66 annos, ainda não tem opinião ácerca da *segunda parte* da tragedia) eil-a:

« Começamos por declarar ingenuamente que, apesar da nossa boa vontade, nunca nos foi possível formar uma convicção profunda ácerca das apregoadas excellencias d'essa composição extraordinaria. Lemos o *Segundo Fausto* poucos annos depois da sua publicação. Fatigou-nos a sua leitura ». (pag., 84).

É tão natural!

(1) Goethe dizia a Eckermann ácerca da *segunda parte* do *Faust*, quando este avançou a opinião, de que n'esta apparecia um mundo muito mais rico:

« Tambem me parece — disse Goethe — « A primeira parte é quasi toda subjectiva; sahiu tudo de um individuo mais limitado, mais apaixonado; esse claro-escuro é o que agrada tanto aos homens. Na *segunda parte* quasi que nada ha de subjectivo; apparece n'ella um mundo superior, mais vasto, mais claro, e menos apaixonado; quem não houver alcançado alguma experiencia e saber, não saberá o que fazer com ella » (#).

(*) Eckermann. *Gespräche*, vol. II, pag. 186.

a ideia platonica d'esse todo organico: O snr. G. M. e o seu mentor poderão ainda correr o mundo até ao seu fim, gritando contra o aborto, que isso não nos tira aquillo, que é hoje a nossa convicção.

O que é extremamente curioso, é ver como o snr. G. M. se enrosca n'um inextricavel labyrintho, a proposito da *segunda parte* da tragedia, para desculpar o titulo de aborto e de absurda, que o Visconde lhe deu.

Apesar do que atraz fica dito, ainda não se sabe bem o que o snr. G. M. pensa d'essa parte, ou por outra sabe-se, que elle nada pensa a esse respeito. Ás duvidas (1), que ainda lhe assaltam *hoje* o espirito, responde elle mesmo: «não podemos nem pretendemos arvorar-nos em aristarchos a favor nem contra o *Segundo Fausto*» (2);—todavia acha *conceituosas* (3) as palavras, com que o Visconde classifica de aborto a respectiva parte da tragedia!! Que havemos de dizer á vista d'este *vae e vem* de contradicções, separadas apenas pelo intervallo de quatro paginas?

O snr. G. M. tributa respeito ás obras do genio, «inviolaveis até nos seus defeitos» (4), mas isso não tira ao Visconde o direito de misturar os trapos da sua casa com as esplendidas roupagens do original:

«O snr. Castilho — porque o não diremos? — precisou de encher uma oitava, fôrma metrica que lhe vinha

(1) *Os criticos*, pag. 84, e atraz, pag. 136, nota 3.

(2) *Op. cit.*, pag. 87.

(3) «...as *conceituosas* palavras com que o snr. Castilho resume o juizo ácerca dos dois *Faustos*: «O primeiro, etc. *Os criticos*, pag. 91 e 92.

(4) *Os criticos*, pag. 35.

imposta do original, e escreveu esse verso a maior» (1).

Mas a que proposito vem o *imposta*, para desculpar o atrevimento do Visconde, quando o snr. G. M. reivindica para o poeta-traductor plena liberdade para «condensar ou ampliar um pensamento do original» (2)?

Que ligação logica ha n'estas tres affirmações collocadas todas na mesma pagina!? Teremos tambem de ensinar-lhe de novo o compendio que devia ter decorado ha 50 annos, como calouro, em Coimbra?

O snr. G. M., apesar da sua «profunda veneração» (pag. 66) por Goethe, acha no *Faust*, defeitos de fórma (pag. 114), confusão na marcha da acção (pag. 116); acha conceituosa (pag. 91) a qualificação de Castilho, applicada á segunda parte. Acha Goethe, como homem, bulhento (pag. 72); «supremamente egoista», senão um *D. João de obra grossa*, como o entende Castilho, ao menos «não da mais fina» (sic, pag. 76), etc., etc.

Por ultimo, para que tambem não fique duvida ácerca do modo por que pensam os dois collegas, relativamente á primeira parte do *Faust*, transcrevemos as classificações (3), que o Visconde de Castilho faz da primeira parte da tragedia, e que o seu *alter ego* approva plenamente, nas varias passagens da sua critica.

Seja esta a corôa final d'este capitulo.

«Castilho ama as definições para illudir com ellas difficuldade da explicação.

«Vejam, sommando, que bonita collecção! :

(1) *Os criticos*, pag. 35.

(2) *Op. cit.*, pag. 35.

(3) Enriquecidas com mais duas, que ultimamente achamos. V. a antiga lista: *O Faust*, p. 30.

A tragedia <i>Fausto</i> é	«obra unica no seu genero.»
» » » »	«cordilheira de poesia, rebentada a subitas de profundezas desconhecidas, e povoada de trévas e monstros.»
» » » »	«verdadeiro padrão que estremon o mundo poetico antigo do mundo poetico hodierno.»
» » » »	«Biblia, ou»
» » » »	«Alcorão.»
» » » »	«philosophia mal distincta.»
» » » »	«reforma da religião poetica.»
» » » »	«terribillissimo e verdadeiramente diabolico poema.»
» » » »	«nova região da arte.»
» » » »	«a mais famigerada de todas as obras fantasticas.»
» » » »	«uma maravilha germanica.»
» » » »	«um gigante.»

Esta comedia de definições, lembra certa scena immortal do . . . *Médecin malgré lui*» (*O Faust*, pag. 30).

b) 1. Preludio no theatro (1) — 2. Prologo no céo

O snr. G. M. impugna na sua critica a interpretação que nós démos aos dois prologos, assim como á *De-dicatoria* (*Zueignung*—em Castilho: *Prologo do au-*

(1) Definições do *Dialogo preliminar*, verdadeiramente *Preludio no theatro*, feitas pelo Visconde de Castilho (*Fausto*, notas, p. 406):

ctor!), e impugna a nossa opinião com razões respeitáveis, que achou em Düntzer, a unica taboia de salvação do snr. G. M.

É pois de justiça, que consideremos os seus argumentos — isto é: os de Düntzer.

Este auctor, como já dissemos (1), tem soffrido sérias impugnações, tanto ao seu trabalho de 1857, como ao de 1861, que é o seu ultimo sobre o *Faust*. Os escriptores Vischer, Köstlin, Schnetger, Rinne, Rönnefart, David Asher, foram por elle maltratados, e atacados com extrema violencia. Alguns d'entre elles, Asher (2), e o Professor Köstlin já responderam; e este ultimo reduziu Düntzer a um humilde silencio, com uma resposta severa e digna.

Não queremos com isto attenuar o grande merito de Düntzer; mas sim provar, que as suas opiniões são menos reconhecidas, do que o snr. G. M. imagina; e até gravemente impugnadas. O nosso adversario haveria pois feito bem, em se pôr ao facto d'estas discussões da critica

« Sob este titulo encerrou o autor, não sabemos:

- 1.º se o seu *credo* poetico,
- 2.º se uma apologia das novidades da tragedia,
- 3.º se uma desculpa antecipada das novidades da sua tragedia,
- 4.º se uma curiosa satyra do theatro allemão,
- 5.º se sejã alguma d'estas coisas,
- 6.º se o complexo de todas ellas.

Não repetimos aqui o que já lhe ensinâmos; queira pois o leitor ver, *O Faust*, pag. 40-41, e 205-209; com Castilho não temos cousa alguma.

Do *Prologo no céo* (em Castilho, 1.º Quadro da tragedia) não dá o Visconde explicação alguma.

(1) Vide pag. 72-74.

(2) Veja-se o que este diz em *Blätter für literarische Unterhaltung*, 1872, pag. 173.

*

moderna, antes de accitar, sem condições, as ideias do distincto commentador. Não devia o snr. G. M., *consummado germanista*, esperar que um ignorante escriptor, de vinte e quatro annos, lhe viesse agora ensinar o que não sabe aos *sessenta e seis*.

Mas emfim, já que o ignora, queira ouvir:

1.º A *Dedicatoria* (Zueignung).

A interpretação que nós démos a este admiravel trecho (1), era em summa a seguinte (2): que Goethe, chegando já a uma epoca, em que a maior parte d'aquelles seus amigos e collegas das luctas passadas, que haviam contribuido com conselhos, ideias, lembranças, elogios e censuras animadoras para o processo da formação do vasto poema — em que parte d'elles já não existiam (3);

(1) O Visconde de Castilho (*Faust*, pag. 1) havia precedido esta dedicatoria, com a seguinte impagavel rúbrica: «Está o Poeta no seu camarim, passeando e fallando consigo mesmo... ANTES de compôr o livro:

Ora a dedicatoria, segundo hoje é positivamente sabido, não foi escripta antes de 1797: (not earlier than the year 1797. Taylor, *notes* pag. 199, e *The chronology of Faust*, appendix, pag. 302).

Em 1797 estava Goethe elaborando a *segunda parte*: as primeiras 20 scenas do *Faust* foram publicadas, como fragmentos, já em 1790 (edição Göschen, Leipzig).

Pretende o Visconde, que a *Dedicatoria*, escripta 7 annos depois de publicadas as primeiras 20 scenas, representa o estado do poeta ANTES de compôr o livro? E diz o snr. G. M. á vista d'isto, e da demonstração, que já démos com outras palavras, no nosso primeiro trabalho (*O Faust*, pag. 99-100): «O snr. Castilho conhecia muito melhor do que o seu critico a biographia de Goethe» (pag. 76).

(2) Vide o desenvolvimento em *O Faust*, pag. 99-108.

(3) Cornelia, sua irma amada, Merck, Lenz, Basedow, Gotter eram mortos; Klopstock, Lavater, e os dois Condes de Stolberg estavam divorciados com elle; Jacobi, Klinger, Kestner e outros andavam longe, seguindo cada um o seu caminho na vida.

chegado a um periodo adiantadissimo do seu poema, não pôde lembrar-se sem melancholia dos successos preteritos; desceu ao seu intimo ser, e evocou o passado.

Segundo nós — e esta é a differença com que o snr. G. M. não concorda — este *passado* não está povoado só das imagens e das concepções da tragedia, mas sim das recordações dos *amigos*, que pela sua grande influencia sobre o espirito de Goethe, ajudaram e provocaram as *metamorphoses*, que soffreram as figuras da tragedia, e as ideias do proprio poema (1).

Esta é a opinião de Kreyssig, Carriere, Taylor, e de todos os commentadores.

Querer determinar minuciosamente quaes as *linhas*, que se referem aos amigos, e ás visões do poema; é applicar na analyse o mesquinho ponto de vista da *Kleinigkeitskrämerei*, das «ninharias só proprias de um mercieiro», de que falla Kreyssig, ponto de vista que o proprio snr. G. M. acha falso (2).

O mesmo snr. G. M. concede «que as sombras dos amigos apparecem depois» (pag. 96), como não pode deixar de conceder:

(1) Vide o *Briefwechsel* com Schiller, com Riemer, Wilhelm von Humboldt, H. Meyer, e outros, de que já citamos alguns trechos capitaes.

(2) «Intenções reconditas que á força de quererem ser argutas descambam no ridiculo». (*Os criticos* pag. 103) O snr. G. M. serve-se aqui de um ponto de vista verdadeiro, só para refutar a opinião de Lewes, que nós adoptamos, oppondo-lhe a de Düntzer, auctor que elle regeita, logo que a sua opinião se approxima da nossa.

Que logica!

« Vós trazeis comvosco as imagens de alegres dias
 É uma e outra cara sombra apparece: (1)
 Qual velha lenda, quasi echoada,
 Vem o primeiro *amor* e a *amizade*. » (2)

O snr. G. M. pretende ainda:

« Não é tampouco ás sombras dos amigos, mas á *pressão* dos phantasmas poeticos que elle se rende. Tudo isso é uma falsa visão da phantasia do snr. Vasconcellos » (3).

Não é phantasia, ouça, e aprenda:

« A dôr, por causa dos que haviam fallecido, e que haviam escutado outr'ora o sen canto, leva-o á convicção (*Bewusstsein*) de uma communitade duradoura com elles; em vista da saudade pelo reino dos espiritos, que os acolheu, e sob a *pressão* (*Schauergefühl*) do Infinito, desaparece o Terrestre, o Presente; e a Posteridade, aparentemente passada, torna-se o eterno Ser (realidade) » (4).

É pois exactamente o contrario do que o snr. G. M. affirma, e aquillo mesmo que nós dissemos, e confirmamos agora.

Outro tanto diz B. Taylor:

(1) Estes *dois pontos* (:) são explicitos, e ligam o que se segue.

(2) « Ihr bringt mit euch die Bilder froher Tage,
 Und manche liebe Schatten steigen auf:
 Gleich einer alten, halbverklungenen Sage
 Kommt erste Lieb' und Fremdschaft mit herauf ».

(3) *Os criticos*, pag. 96.

(4) M. Carriere. *Erläuterungen zu Goethe's Faust*. Leipzig, 1869, vol. 1, pag. 165.

«As fórmulas nevoentas do drama, que elle de novo tenta alcançar e segurar, *trazem consigo* (bring with them) *os phantasmas dos amigos*, a quem as suas primeiras canções foram recitadas» (1).

Carriere liga á ideia, acima enunciada, o seguinte:

«Lembro a expressão de Kant—: que nós estamos também n'esta vida, em communição indissolúvel com todas as naturezas immateriaes, e pertencemos, com os ausentes, a uma mesma republica» (2).

Em um ponto admittimos a divergencia do sr. G. M.

Segundo um dos mesmos commentadores (Carriere), não é com effeito aos amigos, que se refere a passagem:

«Vós approximais-vos, figuras indecisas»

(1.ª est. 1.ª linha)

mas sim ás ideias antigas do poema — á realisação material d'essas ideias, em figuras.

É a unica cousa que admittimos, porque é a verdade; fixar em que linha da primeira ou segunda estancia apparecem os amigos, é, repetimol-o, uma puerilidade, porque segundo B. Taylor diz claramente: «As fórmulas do drama . . . *trazem consigo* os phantasmas dos amigos» (3); é impossivel dizer pois, qual das duas aparições vem primeiro.

(1) *Faust*, Notes, pag. 198.

(2) *Faust*, Erläuterungen. Vol. I, pag 165.

(3) *Faust*, Notes: «The shadowy forms of the drama, which he again attempts to seize and hold, bring with them the phantoms of the friends»...

Agora vejamos a relação e a razão de ser dos dois prologos. O snr. G. M. pretende refutar Lewes (isto é nossa opinião) com Düntzer.

O *Preludio no theatro*, é hoje sabido, tem por fim satirisar a recepção que a maioria do publico fez aos fragmentos do *Faust*, em 1790; e motivar as causas d'esse frio acolhimento, pondo em evidencia as relações do «Poeta» com o publico, por meio do «Director», que representa os seus interesses, e o instincto banal das massas; a «Pessoa divertida», commenta o dialogo e as ideias dos dois, conservando a média — isto é: representando alli, por assim dizer: o senso commum, o sensato partidario, que liga o *ideal* e *real*.

O *Prologo no céo* tem por fim «avançar o problema moral e intellectual, que serve de base ao drama» (1).

É pois indispensavel; o outro, que tinha uma importancia especial para Goethe, por determinar as suas relações com a massa — e que tinha uma significação, á vista d'essas relações, deixou de ter hoje a mesma importancia, porque o publico allemão, diante do qual se representa o *Faust*, é agora outro, felizmente.

Ainda assim certas verdades ha no *Preludio no theatro*, que são de todos os tempos.

A sua necessidade e utilidade é pois relativa.

Agora a connexão dos dois, a *necessidade organica*, e as divergencias do snr. G. M.:

Um ponto fica já respondido, com o que enunciamos; pois, se o *Prologo no céo* «avança o problema da tragedia», é claro que Lewes (e nós) temos razão, estabe-

(1) B. Taylor. *Faust*, nota 8, pag. 201.

lecendo: «no segundo prologo põe Deus e Mephistopheles as pessoas do verdadeiro drama em acção» (1).

A relação do primeiro prologo (*Preludio no theatro*) com as duas partes da tragedia, é menos evidente, mas ainda existe, o que o snr. G. M. diz, é falso:

«De todas estas diversas especies participa o Preludio de Goethe, menos do prologo e expositivo ou argumento do drama, ao qual o poeta se abstem de fazer referencias» (2).

Repetimos, é falso; veja e aprenda; e leia outra vez o *Preludio*, para ver lá uma *referencia* bem evidente na seguinte passagem:

«Recorrei pois n'esta estreita barraca
 Todo o circulo da creação,
 E atravessae, com rapidez pensada,
 Do céo pelo mundo até ao inferno».

(O Director, *Faust*.)

isto mesmo é o que faz o protagonista na tragedia.

Podíamos pois dizer, á vista do exposto, que o snr. G. M. não leu o *Faust*, assim como diz, que nós não lemos a *segunda parte* (3); mas, menos atrevido que o nosso adversario, preferimos dizer, que leu mal, e fallou sem pensar.

(1) *O Faust*, pag. 48.

(2) *Os criticos*, pag. 108.

(3) Apesar de citarmos d'ella numerosos trechos (pag. 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 193, 197, etc., que colligimos do proprio original, na edic. Kurz.

É pois evidente que ambos os prologos, tanto o *Preludio no theatro*, como o *Prologo no céo* tem relação íntima com o *organismo do poema*; um mais, porque estabelece o proprio enunciado, o outro menos; mas lá existe todavia, porque se estabelece o mesmo enunciado, só n'uma fôrma menos *ideal* e mais *real*, porque um se passa no mundo e o outro no céo. Confronte-se isto com o que dissemos já (1), e ver-se-ha, que o que fica dito, é o mesmo, apenas n'uma nova demonstração. Regeitamos pois a opinião de Düntzer, com as inexactidões que o snr. G. M. lhe acrescentou da sua lavra (2).

Entre estas, não esqueçamos emfim uma, que revela ignorancia, mais do que elementar:

Diz o snr. G. M.

«Façamos pela nossa parte algumas considerações.

O prologo dramatico é quasi tam antigo como o mesmo drama» (3).

Saiba o snr. G. M., que a concepção do drama estava, segundo a passagem do proprio Goethe, já tantas vezes citada (4), prompta em 1772; começou a trabalhar na tragedia (Taylor e outros) em 1773; tinha publicado os fragmentos em 1790 — e o *prologo dramatico* (5), como lhe chama, dáta de 1798; como pôdem pois as datas 1772 e 1798 serem contemporaneas?

(1) *O Faust*, pag. 42-49.

(2) *Os Criticos*, pag. 108; desde: « De todas — até — referencias »: Vide atraz, pag. 147

(3) *Os criticos*, pag. 107.

(4) Vide atraz, pag. 124.

(5) Aliás *Preludio no theatro*.

Isto só se póde comparar á phantasia do seu collega Castilho (porque é fatal a mania imitativa) que sonha o poeta a escrever a *dedicatoria* (1797) «ANTES de compor o livro» (1) (1772-1773)!!

.....

Ah! meus *consummados germanistas!*.....

.....

.....

(1) Castilho. *Fausto*, pag. 1.

CAPITULO IX

Os personagens da tragedia

Faust — Mephistopheles — Margarida

Este capitulo devia intercalar-se no antecedente, a que está intimamente ligado, todavia para estabelecer, nos pontos a demonstrar, a maior clareza, isolamol-o aqui.

Tres passagens ha no poema que são capitaes, e que se referem, uma a *Mephisto*, uma a *Faust*, e outra que estabelece as relações dos dois, no poema.

A que caracteriza o primeiro é a celebre falla :

MEPHISTO

« Eu sou o espirito que *negu* sempre » (1).

(1) « Ich bin der Geist, der stets verneint ».

Que Castilho traduziu:

«Sou o espirito que *estorva* sempre» (1).

A. Coelho já havia demonstrado até que ponto se comprometteu o Visconde, com esta definição, que allue metade do seu edificio chinez.

Não nos cançaremos pois, e remettemos o leitor para as fontes da refutação (2).

A outra passagem importante para a *ideia fundamental* da tragedia, é a ultima phrase de Mephisto na primeira parte; a phrase que estabelece as suas relações com Faust, e as liga para a *segunda parte*.

(Trad. de Castilho)	(Nossa traducção)
MEPHISTOPHELES	MEPHISTOPHELES
Sentenciada!	Está sentenciada!
CÔRO DE ANJOS	voz (<i>de cima</i>)
Salva!	Está salva!
MEPHISTOPHELES (<i>apossando-se de Faust e levando-o consigo</i>)	MEPHISTOPHELES (<i>a Faust</i>)
És meu.	Aqui, para mim!
	(<i>Desapparece com Faust.</i>)(3)

As nossas observações relativamente a este *non sense*, responde o sr. G. M.:

(1) *O Faust*, pag. 95.

(2) *Bibliographia critica*, n.º 1, pag. 7; e *O Faust*, pag. 47, 456, e a nota 84 (pag. 497-498).

(3) *O Faust*, pag. 412-413.

« O final da tragedia provocou da parte do snr. Vasconcellos asperrimas censuras contra o illustre traductor. O nosso critico, que n'este lance podemos sem encarecimento qualificar de terribilissimo, sahe do campo da critica litteraria, e arvora-se em theologo ou antes em familiar do Santo Officio. O caso, segundo nos diz, envolve erro de fé, e o snr. Castilho é denunciado como incurso nas penas de pravidade heretica. Ainda n'esta ultima censura discordamos do zeloso censor e salvaremos o nosso orthodoxo poeta das carochas da Inquisição.

« Pretende o snr. Vasconcellos que a fraze do V. de Castilho *És meu!* correspondenté (??) ao allemão *Her zu mir!* com que termina o drama, não deixa a menor duvida de que o Senhor perdera a aposta com o diabo. N'esta proposição mal-soante consiste a denunciada heresia. Mas é por ventura essa a rigorosa illação a tirar da traducção do snr. Castilho? Sustentamos que não, e temos para o provar os melhores fundamentos. Vejamos.

« Margarida regeita com firmeza a vida que, no transe extremo, seu amante viera offerecer-lhe ao carcere. Purificada por seus incomportaveis soffrimentos na terra, se não está isenta dos erros que são punidos inexoravelmente pela justiça dos homens, sua alma é pura perante a justiça divina, em cujo tribunal as acções do peccador são julgadas somente pelas intenções. A fé fortalece a sua esperanza e a martyr do amor entrega-se confiadamente á misericordia do supremo juiz.

« Margarida desaparece da scena, e Mephistopheles exclama com satanico triumpho:

Está julgada !

Uma voz de cima responde:

Está salva!

Fausto fica como assombrado e Mephistopheles grita-lhe imperiosamente:

A mim! A mim! (Her zu mir!)

«Adoptamos esta versão por nos parecer que assim exprimimos melhor em portuguez a energia do original, conservando comtudo um indeciso (sic?) que não prejudica a final solução do pleito entre o Senhor e Satanaz. Se quizessemos adiantar mais um passo (!) para o energico *Her zu mir!* diríamos: Vem, entrega-te! O snr. Castilho desvendou (!!) de todo a intenção de Mephistopheles, dizendo: *És meu!* E dizemos a intenção de Mephistopheles, porque o erro do critico consiste em pensar que a orgulhosa apostrophe do Espirito do mal resolve definitivamente a aposta contra o Senhor. Mephistopheles diz o que julga ser verdade e não o que é realmente verdade.

«Desde a publicação do *Fausto* era geralmente seguida na Allemanha a interpretação dada pelo snr. Castilho á fraze de Mephistopheles e que nós tambem lhe damos. Goethe parecia havel-a calculado de proposito para dar um desfecho provisorio á Primeira Parte do seu drama, produzindo com aquella fraze uma forte impressão no animo do espectador. O espirito do mal, em sua precipitada soffreguidão, pode soltar aquelle grito de triumpho, persuadido como está de que a condemnação de Fausto

é inevitável depois da catastrophe de Margarida. A frase *És meu!* é verdadeira emquanto exprime os sentimentos de quem a profere, embora seja falsa em quanto á situação» (1).

Isto não se discute, repetimol-o; archiva-se.

O que dissemos fica de pé (2).

Não nos cançaremos tão pouco a provar novamente, que o Visconde, com esta traducção, provou que entendia, tanto da *ideia fundamental* e do *problema* da tragedia, como da vida de Goethe, como do espirito da philosophia allemã, etc.

Nem demonstraremos, o que aliás se torna evidente por si mesmo; que a traducção d'aquelle trecho era mais um argumento capital para a justificação de um dos capitulos passados (3).

Mas pedimos licença ao snr. G. M. para lhe fazer mais um emprestimo, e transcrever o que o *consummado germanista* diz sobre estes dois gravissimos pontos:

«No dialogo entre o Senhor e Mephistopheles, diz o Senhor: «Eu nunca odiei os teus semelhantes. De todos os espiritos que negam, o astucioso é o que menos me enfada». Sobre esta passagem faz o snr. Coelho o seguinte commentario: «Ha aqui duas cousas essenciaes: a primeira é que Deus affirma que nunca odion os semelhantes de Mephistopheles», a segunda é que os espiritos diabolicos, são chamados «os espiritos que negam», sendo a palavra negar empregada aqui no seu sentido absoluto, são duas concepções philosophicas».

(1) *Os criticos*, pag. 183-185.

(2) *O Faust*, pag. 190-193, e pag. 456-457.

(3) Capitulo VIII. *A Tragedia*, pag. 119-149.

« Confessamos não perceber em que consiste a philosophia da primeira proposição, assim destacada, como o snr. Coelho a apresenta » (1).

O snr. G. M. é um mixto de ingenuidade e de malicia, como vêmos. Agora um salto a pag. 40.

« A denominação de espiritos que negam, dada aos demonios, é com effeito derivada de uma concepção metaphisica: o mal, considerado abstractamente, é a negação ou opposição do bem. Em harmonia com essa concepção abstracta, definiu-se Mephistopheles a si mesmo — um espirito que nega sempre, cujo elemento, acrescenta:

..... é o que chamais vós outros
Destruição, Peccado. o *Mal* em summa.

TRAD. CAST.

« O snr. Castilho entendendo, e até certo ponto bem, que para destruir e para causar o mal se faz mister empregar tanta ou quasi tanta actividade como para produzir o bem (do que são claros exemplos todos os demolidores, os *nihilistas*, para os quaes na fraze do grande espirito negativo, tudo quanto existe deveria ser arrazado); entendendo talvez que a essa malefica actividade se oppunha a idéa absoluta de negação, desviou-se do termo tecnico das sciencias metaphisicas, attenuando-o, mas sem prejudicar a concepção philosophica. *Estorvar* o bem, empregando para isso a necessaria acção, conduz fatalmente ao mal. Este parece-nos ter sido o pensamento do snr. Castilho; e n'este sentido escreveu: « Sou o espirito que estorva sempre. » Não é, como diz

(1) *Os criticos*, pag. 38.

o snr. Coelho, uma fraze tomada ao acaso; entre estorvar sempre e anniquillar não se dá a falta de connexão que imagina. Para o Espirito de negação, tudo o que existe é-lhe objecto d'odio; *desejaria* vêr tudo anniquilado, mas entre o desejo e o acto vai toda a differença. A impotencia de Mephistopheles para produzir o mal que deseja, é por elle mesmo confessada. Quando Fausto lhe pergunta: « Quem és? » responde :

..... Ein Theil von jener Kraft,
Die stets das Böse will und stets das Gute schafft.

FAUST, p. 55, ed. 1840.

« Sou uma parte d'aquella força que sempre quer o mal e sempre produz o bem. »

« Assim estorvar não é destruir, mas é um dos meios de promover a destruição » (1).

Isto não se discute, repetimol-o, archiva-se.

Vejamos a passagem que se refere exclusivamente a *Faust*, que é:

« Trovejou-me
tremenda voz: *És nada!* »

« A proposito d'esta fraze, que exprime com tanta energia o pensamento de Fausto, repellido com desdem pelo Espirito da Terra que evocara, escreve o snr. Vasconcellos a seguinte Nota (43) á sua traducção: Uma voz de trovão anniquilou-me: — O Visconde de Castilho altera tudo, porque pretende aqui que o espirito lhe

(1) *Os criticos*, pag. 40-41.

dissera: *És nada* — não se lembrando que a pag. 238 escreveu:

Segundo um ser, tua invenção,
mas a mim não.

«Confessamos não attingir a supposta contradicção. O que se percebe é que o snr. Vasconcellos não entende aquillo que se affastar um apice da sua traducção litteral. Não se diz alli que o Espirito da Terra dirigisse a Fausto aquellas palavras, mas que as que Fausto ouvira lhe soaram como se uma voz de trovão lhe bradasse: *És nada!*» (1)

A isto respondemos com o que está já dito (2).

Este capitulo fica sendo o mais curto, todavia o mais curioso, um archivo: *ad eternam rei memoriam*.

Uma passagem finalmente, para não faltar tambem n'este capitulo a corôa:

«Temos observado, durante o decurso d'este exame, que o snr. Vasconcellos usa immoderadamente da palavra *aspiração*; e que este uso ou abuso não raras vezes o induz a falsas interpretações do texto» (3).

Depois o seguinte:

«*Das Streben meiner ganzen Kraft*, á letra: «o esforço de toda a minha força.» A isso corresponde a frase do snr. Castilho: «As minhas posses todas já d'aqui t'as obrigo.» Não se tracta aqui de nenhuma aspiração; tracta-se da energia e tenacidade com que Fausto se engolphava em todos os seus empreendimentos, energia propria da sua forte natureza, que Mephistopheles devia

(1) *Os criticos*, pag. 149-150.

(2) *O Fausto*, pag. 456 e 457, e nota 43, pag. 490.

(3) *Os criticos*, pag. 172.

ter reconhecido, e que Fausto põe á disposição de seu seductor» (1).

Diremos, sem mais commentarios ao snr. G. M., que se repetimos muitas vezes a palavra *aspiração*, dez vezes, cem vezes mais se acha ella repetida no original; porque essa *aspiração* é a alma do organismo de todo o poema; é o proprio *Faust*; é o proprio Goethe; é emfim, o que em todos nós ha de superior, de espiritual, quando a bestialidade da nossa natureza não faz de nós um animal:

Geniessen macht gemein (2), dizia Goethe — o gôso é a antithese da aspiração; sublime palavra, que tão pouca gente entende (3).

No nosso primeiro trabalho não podémos fallar da maneira como o Visconde interpretou a poetica figura de Margarida, porque nos trechos do poema, que escolhemos para a argumentação, preferimos aquelles, que pela sua significação mais profunda e philosophica, eram os mais difficeis de traduzir — e que por isso foram mais desfigurados na profanação de Castilho.

As scenas em que apparece a figura de Margarida ficaram excluidas; mas embora não apontassemos a caricatura que Castilho fez d'aquella admiravel creação,

(1) *Os criticos*, pag. 173-174.

(2) *O gozar* (no sentido sensual e materialista) *envilece*.

(3) Agora, se nós traduzimos, bem ou mal, essa palavra, nos diferentes logares do poema, veja o snr. G. M. nas traducções inglezas de Lebahn e Taylor; nas francezas de G. de Nerval, Blaze e Porchat; na hespanhola de P. Briz; e sobretudo nos commentarios de Carriere (vol. I, pag. 191, vol. II, pag. 257) de Kreyssig (pag. 48, 89, 176, 210), de Taylor; nas analyses de Koberstein, Scherr, W. Hahn, e em todos emfim que entenderam o *Faust*.

entendia-se isso naturalmente no estado de espirito do traductor.

«Margarida é, como fica dito, a alma lyrica do povo allemão; é o espirito da canção allemã popular e amorosa, condensada n'uma figura positiva; d'essa canção, que attingiu no lyrismo de Goethe o seu complemento ideal, e ficou inexcedivel, inattingivel entre todas as dos outros povos. É o aroma da canção allemã n'uma fôrma determinada; é esse aroma, que segundo um philosopho allemão, está para a canção allemã, como a *plôr* está para o vinho das margens do Rheno; é o signal do terreno e do paiz em que nasceu» (1).

Mais abaixo:

«Que Goethe fizesse de Margarida uma filha do povo; que contrapuzesse a *Faust*, o representante da suprema cultura intellectual — a natureza inconsciente da alma popular, cuja belleza, felicidade e encanto está na sua innocencia, e na insciencia commovedora do seu proprio valor — esta concepção será um dos eternos traços do poema faustiano» (2).

Que podia o Visconde entender de tudo isto?

É philosophia obscura! Goethe — symbolisando em Margarida a bella alma lyrica do povo allemão — que ideia tão abstrusa!

Isto seria mais do que grego para Castilho, seria — nada.

A sua Margarida é um disfarce; é irrisoria, como o seu Mephistopheles e o seu Fausto.

(1) Adolf Stahr. *Goethe's Frauengestalten*. Berlin, 1872. 4 ed., pag. 77.

(2) A. Stahr. *Op. cit.*, pag. 78.

CAPITULO X

Bagatellas

Incluimos n'este capitulo alguns pontos em que não tocâmos, porque desejamos que a resposta seja *completa*, e para este fim não queremos deixar escapar mesmo as bagatellas, para não faltarmos á verdade, como o fez o snr. G. M., que avançando fatuamente: «tambem queremos (1) que esta refutação seja completa» (2)—achon, apesar dos *nove mezes* da sua laboriosa gestação, aborrecida «a tarefa de ir seguindo, *nota a nota*, o nosso critico» (3). Saltou capitulos inteiros (4), cêrca de 130

(1) Entre querer e *poder*...

(2) *Os criticos*, pag. 66.

(3) *Op. cit.*, pag. 128.

(4) Os capitulos iv (A Lenda), vi (Da linguagem e estylo), vii (Conclusões ultimas), viii (Os criticos), isto é: 132 paginas!

notas (1), e quasi toda a nossa confrontação dos textos (2); e imaginou que havia dado uma *refutação completa* a uma obra, construída sobre centenas de provas, tomando só em conta a confrontação eloquente dos trechos do poema.

O snr. G. M. leva a amabilidade a ponto de julgar que o nosso «conhecimento da lingua allemã, é muito superior» ao de A. Coelho; vê-se obrigado a discutir sobre pontos importantes, oppondo ás nossas opiniões (3) (Lewes e Lebahn) as de Düntzer, torcendo-as, mutilando-as, falseando-as, etc.; admite as nossas refutações a algumas notas do Visconde, acha mesmo que somos um protestante incorrigivel (4), *meio allemão e um quasi nada portuguez* — mas entende, que isso não prejudica a nossa *crassa ignorancia*, em tudo e por tudo.

O snr. G. M. não podia deixar de vir com o argumento dos *plagiatos*, com que pretendeu enterrar (!)

(1) O snr. G. M. falla, analysando-as, talvez de uma duzia; toca levemente em outra duzia, sem as analysar, e não se lembra que são 159! Repare-se que das notas, que analysa, concede haver Castilho disparatado em 4 ou 5. E tem a impudencia de chamar a isto *refutação completa!*

(2) Abrange nada menos de 116 pag.; são na verdade 233 pag. (de 201-434), mas metade é occupada pelo texto de Castilho. O snr. G. M. refere do texto apenas algumas passagens: a do esconjuro contra o cão (Mephisto), pag. 163 e 165; da scena do pacto, p. 172; da scena da floresta, p. 178; e da do carcere p. 182, as unicas passagens, em que o snr. G. M. ousou arriscar as palavras de Castilho ao lado da nossa traducção. São ao todo 34 linhas, em 116 paginas, exceptuando uma linha na *dedicatoria* pag. 95). A estas 116 paginas chama o snr. G. M. *alguns trechos* (sic. *Os criticos*, pag. 60). Este é o balanço da *refutação completa*.

(3) Que são em geral as de Lewes, com relação á 1.ª parte do *Faust*; e de Lebahn, com relação ás *Notas*.

(4) *Os criticos*, pag. 125, pag. 161, etc.

A. Coelho; lembra-nos um d'esses *dilettanti* de S. Carlos, que vão para o theatro aguçar a sua perspicacia, sonhando plagiatos em tudo o que ouvem; plagiatos em Mozart, plagiatos em Meyerbeer, plagiatos em Rossini, e sempre plagiatos! Os unicos sujeitos originaes d'este mundo são elles!

Plagiato, segundo a significação que esta palavra tem em toda a parte, é a apropriação subrepticia de um pensamento alheio, quando se *occulta a fonte*, de onde elle foi tirado. Ora, quando se cita essa fonte a cada passo, como pôde haver *plagiato*?

Se o snr. G. M. se lembrasse, que nós citámos *Lebahn* a cada pagina da nossa obra, não nos vinha accusar de plagiatos, já apontados em dezenas de notas.

Emquanto áquillo que o snr. G. M. affirma a proposito do vergonhoso caso da *Lilith* (1), diremos que *falseia* a nossa citação; a accusação é grave, mas julgue o leitor.

Diz o snr. G. M. (pag. 48):

« Repare o nosso precoce sabiosinho que o seu *Falk Lebahn*, cujos commentarios entende mal, não o remette á *Biblia* para authorisar a historia de *Lilith*. Os versiculos do Genesis I. 27 e II. 18, citados por esse commentador, contém só as duas versões contradictorias da criação da mulher. Na primeira, diz-se que Deus creára o homem *macho e femea*; a segunda, refere-se á criação da mulher formada da costella de Adão. Esta dupla versão é que serviu de fundamento á invenção da legenda rabbinica de *Lilith*. É isto o que quer dizer *Lebahn*

(1) Castilho, *Fausto*, pag. 352; e nota *ibid.*, a pag. 410.

a pag. 599. O snr. Vasconcellos papagueou-o sem o entender, (porque nunca leu a Biblia nem como catholico bom ou mau, nem como protestante. No Genesis não se encontra semelhante indicação acerca de 130 annos em que Lilith esteve parindo legiões de diabos. Moysés, a respeito de Lilith, era tam grande ignorante como o snr. Visconde de Castilho)».

1.º Não dissemos que a Biblia *fallasse da Lilith*, mas sim «que Castilho encontrava alli a explicação do caso» (1), como de feito se encontra.

2.º Citámos os versiculos do *Genesis* (2), que Lebahn traz, mas puzemos na nota: *ed. hebr.* = edição hebraica, ou rabbinica.

O snr. G. M. mutilou pois a nossa citação!

3.º A citação da Lilith acha-se em Moysés, que não era tão *grande ignorante* (3) como o Visconde de Castilho, nem como o snr. G. M. supõem; prova:

«Em 1. Moysés 1, 21, diz-se: que Deus formou o homem á sua imagem; e elle creou um homemzinho (*ein Männlein und ein Fräulein*) e uma mulherzinha; no capitulo immediato acha-se Adão só, e da sua costella é então formada a Eva. A *critica moderna* provou de so-bejo, que se trata aqui de dous symbolos diversos, como se acham em geral interlaçados no *Genesis* (4); porém os rabinos explicam o caso differentemente» (5) etc.

4.º Não é só no *Genesis*, que se falla da Lilith, mas

(1) *O Faust*, pag. 77.

(2) *Op. cit.*, pag. 77, nota 1, 3.ª linha.

(3) *Os criticos*, pag. 48.

(4) Aprenda pois o snr. G. M., se ainda é tempo.

(5) Carriere. *Faust*, Erläuterungen, vol. 1, pag. 217.

tambem em *Esaias* 34, 14, onde se refere um phantasma nocturno, chamado Lilith.

Logo, falla a Biblia, em dous pontos diversos, da Lilith.

O snr. G. M. mutilou emfim segunda vez a nossa nota, omittindo a referencia á passagem do *Esaias* (1).

Temos pois:

Duas mutilações flagrantes; duas passagens (3.º e 4.º) da *Biblia protestante*, em que se falla da Lilith, que o Visconde poderia haver consultado, e cuja significação o snr. G. M. ignorou completamente.

Á vista do exposto, com que direito diz o snr. G. M.:

«... porque nunca leu a Biblia nem como catholico bom ou mau, nem como protestante» (2).

Com que direito nos argue o snr. G. M. de uma mentira?

Que austeridade é essa, que mutila citações, e falseia os textos?

Outro ponto é a defeza do titulo:

«Sonho de uma noite de S. João», modo como Castilho traduziu em varias passagens das suas notas, o titulo de Shakespeare: *Midsummer night's dream*.

Julgamos achar na traducção d'este titulo (3) pelo Visconde, a sua monomania de querer *nacionalisar* tudo; titulos, nomes proprios (4), etc., etc.

(1) *O Faust*, pag. 77, nota 1, linha 2.^a

(2) *Os criticos*, pag. 48.

(3) *O Faust*, pag. 80-81.

(4) No seu *Fausto*, passim:

Frosch	traduzido	<i>Rans</i>
Brander	»	<i>Botafogo</i>

Adolpho Coelho (1) fez reparo da nossa observação, todavia parece-nos que sem motivo. Em *nenhuma* traducção da obra de Shakespeare (2) achamos outra versão differente de: *Sonho de uma noite de verão*; temos á vista as melhores traducções allemãs da obra ingleza, por Schlegel e Tieck (3), e F. Bodenstedt (4); todavia, não só n'estas, mas em mais traducções francezas, e em innumeradas citações, muitas das quaes temos á vista, achamos sempre:

Sommernachstraum,

Songe d'une nuit d'été,

Sueño de una noche de verano, etc., etc.

Não podemos pois concordar, nem com a observação de A. Coelho, nem com as do snr. G. M., a quem lem-

Siebel	traduzido	<i>Peçeira</i>
Altmayer	»	<i>Quinteirão</i>
Martha Schwertlein	»	<i>Martha espadinha</i>

etc., etc. Note-se que nem Blaze, nem G. de Nerval, nem Taylor, nem Porchat, nem P. Briz; nem sequer A. d'Ornellas, traductores, que temos á vista — traduziram os nomes proprios do poema, e só o Visconde, atacado do *spleen* da nacionalisação, podia ser levado a uma logica tão transcendente.

(1) *Bibliographia critica*, pag. 47, 1.º anno.

(2) Lembramos a proposito. as burlescas apreciações do snr. G. M., ácerca d'este poeta. *Os criticos*, pag. 86, 87 e 159.

(3) *Shakespeare*. Berlin, 1797-1810, em 9 volumes, continuado (com menos talento) e commentado por L. Tieck em 12 vol., 1839-1841.

(4) *William Shakespeare's Dramatische Werke*. Uebersetzt von. Friedrich Bodenstedt, Nicolaus Delius, Otto Gildemeister. Georg Herwegh, Paul Heyse, Hermann Kurz, Adolf Wilbrant. Leipzig, Brockhaus, 1872, em 9 vol. in-8.º, com commentarios e notas. Esta nova traducção veio substituir a de Schlegel e Tieck, admiravel para a época em que appareceu (1797-1810), mas prejudicada depois pelos trabalhos successivos da critica.

braremos, para aprender quem é Shakespeare, sem lançar mão de um Dicionario qualquer, que leia a obra de Gervinus, de que já fallamos no nosso primeiro trabalho (1); e se o Visconde tiver rosto com que apparecer ainda em publico, lembramos-lhe que leia o mesmo Gervinus, se o poder entender; ou que peça a alguém que lh'o traduza; não esqueça tambem de consultar o commentario de Delius (2), talvez o melhor, e que prejudicou em parte o de Gervinus, apesar d'este ser de 1862 (3); a critica allemã, meus senhores e *consummados germanistas*, marcha muito em 11 annos. Cuidado, pois.

O snr. G. M., referindo-se aos reparos que A. Coelho faz a proposito do titulo: *Sonho de uma noite de verão*, estava no seu direito, embora lançasse mão de argumentos alheios; mas causa-nos grande admiração, que passasse em branco um outro reparo, e nada dissesse sobre a observação de A. Coelho ácerca do nosso modo de considerar Mephistopheles; estranhamos tanto mais esta omissão, que A. Coelho envolveu no seu reparo uma critica, que não podêmos acceitar, critica que resultou de havermos negado a allusão a Merck, no personagem de Mephisto.

«A opinião do snr. J. de Vasconcellos leva-o n'esta parte naturalmente a falsas apreciações de Merck e Mephistopheles» (4).

Isto seria grave, se tivesse fundamento, porque im-

(1) *O Faust*, pag. 81, e 87-89.

(2) *Shakspere* (sic). Elberfeld, 3.^a ed., em 2 vol.

(3) *Shakespeare*. Leipzig, 1862, 3.^a ed., em 2 vol. Acaba de sahir uma 4.^a ed., mais correcta.

(4) *Bibl. crit.*, 1.^o anno, pag. 47.

plicava a falta de comprehensão de uma das figuras principaes da tragedia. A opinião do critico do jornal francez (1), que é a base em que A. Coelho se apoia — não nos parece razão sufficiente para nos contradictar. O que escrevemos (2), é assaz notorio; é o que o proprio Goethe diz de Merck, na sua auto-biographia (3). É tambem n'esta mesma fonte, que se tem de ir procurar a origem da allusão. Goethe intitula alli *quatro vezes* (4) o seu amigo: *Mephistopheles Merck* (sic), o que deu logar á tradição; todavia isto, de per si, pouco vale; o que importa é conhecer o character de Merck, retratado alli pelo proprio Goethe, e vêr se ha analogia entre o seu espirito, e o que Goethe incarnou em Mephisto; repetimos, essa analogia não existe; a tendencia critica de Merck obedecia a impulsos totalmente differentes, e produziu resultados totalmente differentes. Sendo este o ponto, que julgam ser o segredo da allusão — então tanto pôde ser Merck, o Mephisto, como Basedow, e até este com mais razão; quem duvidar, leia com attenção a auto-biographia.

É tanto verdade o que dissemos (5), que insensivel-

(1) *Revue critique*, 1870, 1, pag. 79.

(2) « A supposição de Philarète Chasles é uma hypothese gratuita; Merck foi o *bon génie* de Goethe, e se o critico francez tomou o caso a serio, lembrando-se do espirito eminentemente critico de Merck, deveria ter entendido que entre a critica de Mephistopheles, que geralmente passa a escarneo, á critica productiva e fructifera de Merck sobre Goethe e Herder, ha uma differença capital! (*O Faust*, pag. 50.)

(3) *Dichtung und Wahrheit*, 3.^a e 4.^a parte, em *Goethes Werke*, ed. Kurz, 1870, vol. IX.

(4) Não nos lembramos das paginas em que estão, porque lêmos a auto-biographia, já ha bastant tempo; mas são apenas *quatro*, e por isto respondemos.

(5) *O Faust*, pag. 50.

mente escrevemos o que mais tarde encontramos no commentario de Kreyssig, obra que só depois de impresso o nosso volume nos veiu á mão.

O que alli se lê (1), é, emquanto ao essencial, a confirmação do que fica dito.

Repetimos: extranhámos que o snr. G. M., andando á procura de ninharias, não repetisse este reparo, que podia ser serio, se fosse verdadeiro; — talvez não o fizesse com receio do resultado, ou por não ter opinião propria.

A respeito das palavras intraduziveis, como o *Dru-denfuss*, o *Wanst*, etc. (2), não voltaremos aos nossos antigos argumentos. Para confirmar o que dissemos, basta a auctoridade de Taylor, que aprofundou o *Faust* «durante 20 annos», e que diz, com relação a outras palavras allemãs, que ha termos intraduziveis, e por isso mesmo os conservou em allemão (3). Não foi decerto o escrúpulo que levou Castilho a traduzir até aquillo, que é intraduzivel, mas sim a sua monomania *nacionalisadora*.

Com relação á differença entre a palavra *Mönch* (4) e *Pfaff*, lembramos ao snr. G. M. que consulte um dicionario qualquer allemão e portuguez.

(1) Kreyssig. *Vorlesungen*, pag. 63, 64 e 65.

(2) Vide as outras atraz, pag. 165-166, e compare-se com o que diz o snr. G. M. (*Os criticos*, pag. 168.)

(3) *Faust*, pag. 302, appendix. Por exemplo, na palavra *Faustrecht*: «an untranslatable pun».

Este termo pertence a uma passagem de uma carta de Schiller a Goethe, de 13 de Setembro de 1800, *Briefwechsel*, vol. II, pag. 294.

(4) Nós dissemos: «Pfaffen», *fradalhões*, termo desprezivel, em lugar de «Mönch», frade, que é o legitimo, traduz Castilho por padres. (*O Faust*, pag. 484, nota 17).

« Pfaff, m. (voz de desprezo) (1) », ou em Bösche (2) « *Pfaffenvolk* = fradaria. f. (termo de desprezo) ».

O snr. G. M., que cita algures o *Diccionario* de Wagener, podia tel-o consultado antes de fallar—ou ter verificado o termo em qualquer outro diccionario (por ex. o de Wolheim da Fonseca), porque presumimos que deve ter algum em casa (3). Demais, a situação em que apparece essa palavra é no monologo de introdução de Faust, onde elle diz :

« Sou, é verdade, mais sensato do que todos os *petulantes* Doutores, magisters, escrevinhadores e *fradalhões* : » (4)

O sentido é pois ironico, e significa o desprezo por todos esses comediantes, ou parvos (*Laffen*) (5).

O termo *Pfaff*, e o seu composto *Pfaffenthum*, ainda tem hoje a mesma significação; ainda ha um anno publicou o escriptor Kohut o seguinte :

(1) J. D. Wagener. *Neues portug.-deutsches und deut.-portug. Lexicon*. Leipzig, 1812, 3 vol. in-8.º, 2.ª parte, pag. 180.

(2) *Neues vollständiges Handwörterbuch der port. und deut. Sprache*. Hamburg, 2.ª parte, pag. 475.

(3) Além d'isso, a etymologia de *Pfaff*, não é *pater*, segundo o snr. G. M. (pag. 141), mas sim *papa*, porque um *ter* latino nunca poderia ser representado em allemão por *ff*.

(4) *O Faust*, pag. 223.

O snr. G. M. não se envergonha de se citar, a proposito do *Pfaff* (inglez, *priests*), a traducção de Anster de 1837, uma versão miseravel, *uma dynamisação incrível do original*, « an almost incredible dilution of the original ». (B. Taylor, *Faust*, 1872, pag. x, Preface.)

(5) « Zwar bin ich gescheiter als alle die *Laffen*, Doctoren, Magister, Schreiber und *Pfaffen* : »

«As nossas tres summidades poeticas (1) e a sucia ecclesiastica. Um trifolio de testemunhos classicos contra o ultramontanismo, jesuitismo e beaterio» (2).

O que o snr. G. M. diz, com relação ao sentido do termo *famulus* (3), e á significação de *Haupt-und Staatsaction*, não merece mais uma só palavra; que nós dissessemos, que na «frazee alleman se contém duas especies de drama» (4) — é uma mentira (5). O que dissessemos foi: «Aquelles dous titulos pertencem á litteratura allemã» (6).

Queria isto dizer *duas especies de drama*, como o snr. G. M. falseou? Não pode haver dois titulos para um mesmo genero? Alem d'isso, dando nós a explicação de Helbig (7) ácerca do genero de *Haupt-und Staatsaction*, e citando ainda Löwe, apud Düntzer em *Lebahn* (8), e

(1) *Dichterheroen*; aqui temos mais uma palavra intraduzivel.

(2) A. Kohut. *Unsere drei Dichterheroen und das Pfaffen-thum*. Ein Trifolium klassischer Zeugen gegen Ultramontanismus, Jesuitismus und Muckerthum. Leipzig, A. Hermann, 1872.

Hoje, que o frade deixou de existir, fundiu-se definitivamente na palavra *Pfaff*, a ideia de frade e padre.

(3) *O Faust*, pag. 487, nota 31; a passagem contra: *Os criticos*, pag. 145 e 146.

(4) *Os criticos*, pag. 148.

(5) Resuscitámos esta palavra, litterariamente. É um dos symptomas caracteristicos do nosso estado, que para tudo o que é illicito e infame, se achasse uma palavra bonita, com que se podesse mascarar o vicio; ou como diz Gervinus, avaliando o movimento litterario moderno, depois de Byron, «que se tirasse ao vicio o ferrete da infamia». (*Geistige Bewegungen em Gesch. d. neunz. Jahrh.*, vol. VIII, pag. 158.) O *faltar á verdade*, em logar de *mentir*, é uma invenção da nossa sociedade, onde se respira a mentira e a impudencia, com o ar da vida.

(6) *O Faust*, pag. 488.

(7) *Grundriss der Geschichte der poet. Literatur. d. Deutschen*. Leipzig, 1862. pag. 18.

(8) *Faust*, with copious notes, etc., pag. 416.

citando finalmente C. Magnin (1); como imaginou o snr. G. M., que nós podíamos ignorar o sentido da palavra, com tres auctores á vista? É a sua má fé, a mentira, mil vezes repetida!

Não escrevemos nós (2):

«D'esta *especie* dramatica diz J. Fr. Löven» etc. —? isto, que nós saibamos, é *singular*, logo o snr. G. M. mentiu.

O snr. G. M. ridiculisa a nossa palavra *lilia* (3) (*lyrio*), e não se lembrou, de que nas *Erratas* (pag. 594) se acha emendada a passagem: *ao lyrio casado!*

Ou não viu — ou mentiu.

Para que seguiremos mais as puerilidades das ultimas paginas, porque talvez escapasse uma ou outra? Para demonstrar, que o snr. G. M. mentiu pela centesima vez?

O snr. G. M. ha-de ter estado a suspirar pelo *Sejæ* e *estejæ* (4), não é verdade? Vieram tarde, mas vieram; e temos ainda o atrevimento de fallar n'isso, não é verdade? . . . mas não esqueça tambem o *apressai-vos* (5).

Aqui mettem o snr. G. M. tres lanças em Africa — e cantou victoria.

Damos de barato a criação de dois verbos novos: *sejår* e *estejår*; seja o snr. G. M. benevolo, e deixe amollecido o seu coração feroz; imagine que nós enriquecemos a lingua com dois neologismos . . . , mas áparte o

(1) *Histoire des Marionnetes*, pag. 307-316.

(2) *O Faust*, pag. 489.

(3) *Os criticos*, pag. 155.

(4) *Os criticos*, pag. 131, 132, 133 e 177. Não omittimos passagem alguma.

(5) *Op. cit.*, pag. 95.

humour, é realmente grande achado, encontrar em 606 pag., pensadas, escriptas, emendadas e impressas em *dous mezes*; é grande achado, quando os erros no seu magro livro de 128 (1) paginas, parto laborioso de profunda cogitação, pullulam em enxames, como as nuvens de mosquitos n'uma tarde de calor!

A ignorancia do snr. G. M. revela-se nas minimas cousas. O nome de Düntzer, que cita repetidamente, escreve elle **47 vezes: Dünzer!**

Vischer, que elle cita apud Düntzer (2), e que este refere repetidas vezes (3), para refutar as opiniões de Karl Köstlin, seu discipulo em esthetica, escreve o snr. G. M.: **Bischer** (4). Köstlin fica transformado em **Köstling** (5), Weisse, em **Weise** (6), Falck em **Falk**, etc.

Esta monomania de estropear nomes, ainda não pára aqui. O nome de Lewes, biographo de Goethe, é citado 9 vezes (7) **Lews** (sic)!! Serão tudo isto erros de imprensa? Demais, o snr. G. M. é de uma incuria a toda a prova, nas suas citações; falla da tragedia, e não se sabe a que edição se refere; apenas cita a *data* da que consultou, e esta é **1840!!**

(1) São ao todo 190, mas as primeiras 60 occupam-se com A. Coelho, e as 3 ultimas são reflexões estheticas e sentimentaes do snr. G. M.

(2) *Würdigung des Goetheschen Faust*, seine neuesten Kritiker und Ausleger. Leipzig, 1861, pag. 1.

(3) *Op. cit.* pag. 2, e seguintes.

(4) *Os criticos*, pag. 89 e 90. Acaso já não saberá o snr. G. M. distinguir o alphabeto gothico do latino?

(5) *idem*, *ibid.*

(6) *idem*, *ibid.*

(7) *Os criticos*. 3 vezes a pag. 103

3 » a » 105

2 » a » 106

1 vez a » 107

N'uma das paginas anteriores (156) indicamos a passagem, em que o snr. G. M. nos revela a citada data: 1840.

As citações dos titulos das outras obras não obedecem a systema algum.

O seu livro nem sequer tem um *Index!*

E todavia *nove mezes* . . . são 270 dias!

E não são só erros de factos; esses pódem-se perdoar em certos casos, mas erros de primeira importancia, e n'um *consummado germanista*. Temos a convicção que o que nós démos ao publico, é sufficientemente interessante, novo (entre nós), substancial, e exposto com algum senso critico e methodo — para salvar, não tres *lapsus calami*, mas trinta, em 606 paginas.

Divididos os nossos esforços por tão differentes assumptos; luctando o nosso espirito com as difficuldades do meio intellectual, de uma educação litteraria, que a nossa sahida, sempre deplorada, da Allemanha — deixou incompleta; luctando arduamente para harmonisar e fundir um novo processo scientifico em uma fórma exterior, plausivel; todavia, apesar d'esta lucta difficil, reconhecemos, com intima satisfação, que avançamos. O nosso estylo livre, a nossa linguagem, apesar de «barbara», não a trocamos pelo ouropel, roubado nos ferros velhos, onde o Visconde de Castilho, e quejandos, se vão surtir das suas raridades. A nossa linguagem, defeituosa e *barbara*, como é — é nossa.

«Os antigos allemães chamavam á linguagem dos romanos — *barbara*, tetrica, e insolente, porque a consideravam o orgão desgraçado, que dictava ás nações livres as leis despoticas. Por isso recuavam os alle-

mães diante d'ella, e batalhavam invenciveis contra ella» (1).

Imagine o snr. G. M. que somos *barbaros*, e que achamos a linguagem do Visconde de Castilho, não despotica, mas miseravelmente bernardiana.

.....

Para chegarmos todavia a um ajuste de contas final, lembraremos que Castilho, apesar da sciencia dos seus 73 annos; apesar de haver feito um celebre *Tra-tado de metrificacão* (2), com receitas para fazer versos pequenos e grandes — apesar de ser emfim um *mestre de linguagem*, e um latinista de *primeira fôrça*, — errou na metrificacão de uns versos elementares da hymnodia latina — uns versos, que qualquer menino do côro sabe de memoria. Vejamos:

No original de Goethe (3) | Em Castilho (pag. 324-327)

Dies iræ, dies illa
Solvæt sæclum in favilla.

Dies iræ, dies illa,
Solvæt sæculum in favilla,

Judex ergo cum sedebit,
quidquid latet adparebit,
nil inultum remanebit.

Judex ergo quum sedebit,
quidquid latet apparebit.
nil inultum remanebit.

Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus?
Cum vix justus sit securus,

Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus,
Quum vix justus sit securus?

Quid sum miser tunc dicturus—

Quid sum miser tunc dicturus?

(1) Herder, apud Kreyssig, *Vorlesungen*, pag. 9. Encontramos a citação original nos *Fragmente zur deutschen Literatur*, na collecção completa das obras: *Sämmtliche Werke*, ed. Cotta, 1853, vol xix, pag. 6 e 7.

(2) Que o snr. G. M. (casa Moré), quer editar, com proposito louvavel, em 2.^a edição, para alimentar a *pépinière* dos nossos jovens e esperançosos poetas.

(3) *Goethes Werke.*, ed. Kurz, v. *Faust*, 1870, p. 122-124. Era mister, tambem, que Castilho houvesse conservado fiel-

Temos pois um erro de versificação, e de palmatoria, e se o Visconde se desculpa com o seu *alter ego*, o *consummado germanista*, por haver sido um mau revisor, então applicamos metade da dóse a cada um, e ao snr. G. M. mais outro tanto, visto Camillo (1) dizer, que até na correcção se está vislumbrando o «attento desvelo do men erudito amigo o snr. José Gomes Monteiro» — «cuja admiração pelos dous ingentes poetas (2), Goethe e Castilho, explica a liberalidade (3) d'esta primorosa edição» (4).

.....

Ora aqui tem o snr. G. M. o *sejae* e o *estejae*; e como os amigos se servem uns aos outros.

Por ultimo, um ponto interessante, que devia haver sido tratado no capitulo 1: *A nossa posição*; mas, como o que vae dizer-se sobre as nossas relações litterarias com o *Elogio-mutuo* nunca passou de uma hypothese, que esses senhores não chegaram a realisar, collocámos esta passagem no capitulo das *Bagatellas*, dos calculos pequenos. Fique-se sabendo, pelo que vae ler-se, que fomos nós que recusámos acceitar uma alliança desleal.

mente as fórmas do baixo latim (*cum*, em lugar de *quum*): todavia o «*saculum*» é erro crasso, porque peca contra o rhytmo e a metrificacção; em nenhuma edição se encontra, nem no original (temos á vista 6 originaes, 3 trad. francezas, 1 hespanhola e 2 inglezas), nem nas traducções. A pontuaçção tambem é arbitrarria em Castilho.

(1) *Commercio do Porto*, de 4 de Junho do 1872.

(2) É pouco, é pouco; o romancista injuria o mano Visconde, pois se o snr. G. M. diz que Castilho *parece até injur* (sic, p. 135) em algumas partes o proprio original de Goethe!

(3) A custa da casa Moré, á qual o snr. G. M. fez tambem pagar a sua *generosa* defesa de Castilho.

(4) O trabalho typographico é com effeito o melhor do volume; d'esta vez Camillo fallou verdade, por excepção.

porque a mão que nol-a offerecia, era a mesma mão impura, que tem realiado as mais torpes especulações do nosso *mercado das lettras*.

O snr. G. M. pretende insinuar que atacámos Castilho, porque o «Hercules nem sequer os enxerga do fastigio da sua grandeza». Ha aqui suas duvidas, porque a grandeza do Visconde depende do microscopio com que o snr. G. M. o examina.

O *consummado germanista* ignora o que seja o sentimento da justiça, e a fôrça da verdade; por isso attribue a nossa analyse á profanação de Castilho só a motivos pessoaes. Pois saiba então, que se não temos hoje a apresentar em publico elogios escriptos (1) do Visconde de Castilho, Pinheiro Chagas, e outros, é porque, apesar de nos havermos estreiado nas lettras só com 21 annos—já então sabiamos o que é dignidade e decencia, e retirámos a nossa mão, a quem nol-a estendia pouco limpa.

O Visconde mandou-nos offerecer, por segunda pessoa, no inverno de 1870 para 1871, uns additamentos, ácerca dos *Musicos Portuguezes*, que então appareceram no *Comimbricense*; já os conheciamos, agradecemos sómente. Todavia a intenção da offerta era clara. Pinheiro Chagas appareceu-nos pela primeira vez na loja do livreiro C. Afra, de Lisboa, que nos disse que o escriptor tinha «muita vontade» (sic) de conhecer-nos; a apresentação effectuou-se quasi á má cara (2), porque já co-

(1) É verdade que elles estão, a menos de real, no nosso mercado das lettras.

(2) O interessado C. Afra que o desminta, se não se lembra, que foi, indo de passagem pela sua loja, que nos forçou a entrar, para presenciarmos a comedia, que alli fez P. Chagas.

nheciamos quem era P. Chagas, como homem e como litterato. As amabilidades e os elogios, que o famoso critico nos disse, fizeram-nos rir — sob o véo da seriedade da apresentação — da figura humana, que se presta a todos os disfarces. . . *homo duplex*.

Um outro litterato, não menos illustre, Teixeira de Vasconcellos, fez o favor de nos dizer em casa do Ministro de Hespanha, na noite da leitura do *Fausto portuguez* — varias mentiras amaveis, accentuando que havia *comprado* os *Musicos*, e os havia lido com interesse!

Houve alguem, que se lembrou então de nos dizer para offertermos o livro a varias notabilidades, como Mendes Leal *et similia*; mas para isso era mister menos vergonha, do que a que nos ensinaram (1).

Por isto se vê, que se não estamos hoje filiados no **Elogio-mutuo**, onde passaríamos a estas horas por «escriptor eminente» ou sabe Deus o quê — é porque tal companhia não nos servia, nem nos serve; aufram os interessados a usura de Shylock, que não seremos nós quem sujará as mãos com semelhante metal. O que a amizade e a camaradagem d'esses, e d'outros senhores vale — quem o não sabe? É a questão dos trinta dinheiros de Judas; dinheiro, dinheiro — e os amigos de hoje serão os *traidores d'amanhã*.

(1) Um dos jornaes mais acreditados entre a burguezia e os philistens da mediocridade, e que se publica n'esta invicta cidade do Porto, *offereceu-se* para publicar um folhetim elogiador sobre a obra, se lhe mandassem um exemplar. Esta transacção ignobil foi proposta e regeitada varias vezes. Um outro jornal de Lisboa, recusou-se a publicar uma critica favoravel, porque não lhe haviamos mandado um exemplar — para o ir depois vender a vil preço. Canalha, emfim.

CAPITULO XI

Conclusões ultimas

Fontes de consulta do snr. Gomes Monteiro (1)

1. 1810. Mađ. de Staël. *De l'Allemagne*.
2. 1812. W. Schlegel. *Ueber dramatische Kunst und Literatur*.
3. 1840. H. Laube. *Geschichte der deutschen Literatur* (foi publicada de 1839-1840).
4. 1840. H. Blaze. *Essai sur Goethe* (na sua trad.).
5. 1856. H. Heine. *De l'Allemagne*.
6. 1857. H. Düntzer. *Goethe's Faust erläutert* (2.^a ed.).
7. 1861. Idem. *Würdigung des Goethschen Faust*.
8. 1862. Mad. de Carlowitz. *Correspondance entre Goethe et Schüler* (com a introd. de Saint-René Taillandier).
9. 1863. J. P. Eckermann. *Conversations de Goethe, recueillies par... traduites par Emile Délerot* (introd. de Sainte-Beuve).
10. 1870. Heinrich. *Histoire de la littérature allemande*.
11. 1872. A. Bossert. *Goethe, ses précurseurs, etc.*

(1) Estas são as obras que o snr. G. M. consultou directamente para o estudo do *Faust*; o resto é citado em segunda e terceira mão, *apud* diferentes auctores, principalmente Düntzer.

As nossas fontes de consulta

1. 1853. Falk Lebahn. *Faust: A Tragedy...* with copious notes, grammatical, philological, and exegetical. London, Longmann (1).
2. 1860. E. Palleske. *Schiller's Leben und Werke*. Berlin, Duncker, 1860, 2 vol., 3.^a ed. (2).
3. 1861. G. H. Lewes. *Goethe's Leben und Schriften*. Trad. allemã do Dr. J. Frese. Berlin, Duncker, 1861. 2 vol., 6.^a ed. (3).
4. 1862. K. G. Helbig. *Grundriss der Geschichte der poetischen Literatur der Deutschen*. Leipzig, Arnold, 1862. 6.^a ed.
5. 1866. A. Koberstein. *Grundriss der Geschichte der deutschen Nationalliteratur*. Leipzig, Vogel, 1847-1866. 3 vol., 4.^a ed. de 3391 pag. (4).
6. 1866. G. Gervinus. *Geschichte des neunzehnten Jahrhunderts*. Leipzig, Engelmann, 1855-1866. 8 vol.
7. 1866. Fr. Kreyssig. *Vorlesungen über Goethe's Faust*. Berlin, Nicolai, 1866.
8. 1868. J. P. Eckermann. *Gespräche mit Goethe*. Leipzig, Brockhaus, 1868, 3 vol., 3.^a ed.
9. 1869. M. Carrière. *Faust. etc.*; mit Einleitung und Erläuterungen. Leipzig, Brockhaus, 1869. 2 vol. (5).
10. 1869. C. Selden. *L'esprit moderne en Allemagne*. Paris, Didier, 1869.
11. 1870. *Schillers sämtliche Werke*. Edição de H. Kurz. Hildburghausen, Bibl. Institut, 1868-1870, 9 vol.
12. 1870. *Goethes Werke*. Edição de H. Kurz. Ibid, idem. 1870, 12 vol.
13. 1870. *Briefwechsel zwischen Schiller und Goethe in den Jahren 1794 bis 1805*. Stuttgart, Cotta, 1870, 2 vol., 3.^a ed.
14. 1872. A. Stahr. *Goethe's Frauengestalten*. Berlin, Guttentag, 1872, 4.^a ed.
15. 1872. Bayard Taylor. *Faust. A Tragedy*. Leipzig Brockhaus, 1872. Com *preface, notes e introduction* a ellas, e appendix, I e II.
16. 1872. Dr. J. Scherr. *Allgemeine Geschichte der Literatur*. Stuttgart, Conradi, 1872, 2 vol., 4.^a ed.
17. 1873. Werner Hahn. *Geschichte der poetischen Literatur der Deutschen*. Berlin, Hertz, 1873, 6.^a ed.

(1) Esta obra serviu-nos apenas para a confirmação das nossas anteriores opiniões.

(2) Já ha uma 5.^a ed., 1871.

(3) Ha uma ultima ed. de Brockhaus, 1872, em inglez (partly rewritten).

(4) Ha uma 5.^a ed. feita por Bartsch.

(5) Esta ed. pertence à *Bibliothek der deutschen Nationalliteratur des XVIII und XIX Jahrhunderts*.

Esta collecção completa-se com: *Deutsche Classiker des Mittelalters*, 12 vol., editada pela casa Brockhaus; *Deutsche Dichter des XVI Jahrh.*, 7 vol.; *Deutsche Dichter des XVII Jahrh.*, 4 vol.; e a já citada primeiramente, com 31 vol. publicados. Ao todo: 54 vol.

Esta confrontação das *fontes de consulta* do snr. Gomes Monteiro, na sua resposta, e das nossas, que acaba de lêr-se, dá a ultima prova e a mais palpavel do estado em que se acha a sciencia do *consummado germanista*.

Devemos notar, que não nos utilisámos de nenhuma fonte, das que serviram para o nosso trabalho de 1872, salvo de Lebahn; os materiaes são completamente novos; e apesar d'isso, só nos deram a confirmação do que havíamos escripto anteriormente, menos em um caso de interpretação da *Zueignung* (Dedicatoria) (1).

Poderiamo-nos ter ainda servido para este trabalho de outros subsidios, que tivemos patentes (e que possuímos), como os dois trabalhos de Düntzer (2), a correspondencia entre Goethe e o Grão-Duque Carl August (3), os recentes trabalhos de R. Keil (4), do Dr. Karl Schwartz (5); as opiniões de Hegel (6), de Schasler (7), e d'outros mais — todavia já assim, vae o volume crivado de notas, aliás necessarias, attento o estado analpha-

(1) Vide atraz, pag. 145.

(2) *Goethe's Faust, erläutert.* Leipzig, Dyk, 1857. *Würdigung des Goetheschen Faust, etc.* Leipzig, Dyk, 1861.

(3) *Briefwechsel des Grossherzogs Carl August von Sachsen-Weimar-Eisenach mit Goethe, in den Jahren von 1775 bis 1828.* Weimar, 1863, 2 vol., gr. in. 8.º, ed. official.

(4) *Frau Rath.* Briefwechsel von Katharina Elisabeth Goethe. Nach den Originalen mitgetheilt. Leipzig, Brockhaus, 1871, in. 8.º.

(5) *Albertine von Grün und ihre Freunde.* Leipzig, Fleischer, 1872 in. 8.º.

(6) *Aesthetik.* Ed. Hotho Berlin, 1843, 3 vol., in. 8.º. Vol x, das Obras, em 3 partes.

(7) *Aesthetik als Philosophie des Schönen und der Kunst, e Kritische Geschichte der Aesthetik.* Berlin, Nicolai, 1872, in. 8.º gr. de 1218 pag.

beto da nossa critica—para não fallar no estado de idiotismo da massa do publico.

Diremos a razão porque renunciamos aos trabalhos de Düntzer; em primeiro logar, porque os seus dois volumes tem a sua importancia no ponto de vista analytico, na exegese minuciosa; e se são mui valiosos para a interpretação do texto do poema, tornam-se n'este nosso trabalho, que se limita aos grandes pontos de vista litterarios, e cultur-historicos (1), menos urgentes. Em segundo logar não os consultámos, por o nosso adversario se haver servido d'elles; isto é, por mera generosidade, para lhe provar, que mesmo sem Düntzer, lhe destruimos o edificio pelas bases, assim como o haviamos feito á traducção do Visconde, sem o mesmo auxilio. N'uma terra, em que o saber-se a lingua allemã, é uma das maravilhas notaveis, que se apontam como rarrissimas excepções—não admira, que um sujeito completamente leigo em litteratura allemã, e que estudou o allemão apenas para uso das suas especulações commerciaes, de *sêcos e molhados*, ficasse sendo um *consummado germanista*, . . . por haver dado umas traducções de poesias allemãs, vertidas em vulgar, e as haver cantado qual Orpheu de 41 annos, n'uma *Lyra* (2) ferrugenta, ou n'um «*rabél* (3) portuguez».

(1) Innovamos aqui esta palavra; introduzimos este *germanismo*, no sentido proprio allemão; o ponto de vista *cultur-historico* considera o processo historico debaixo do ponto de vista quadruplo: politico, moral, intellectual, e material, segundo as bases da instituição allemã da *Associação dos Cultur-historiadores allemães*. (Verein Deutscher Culturhistoriker 1857). Os *classicos* bernardianos berrarão, e nós diremos: *E pur. . .*

(2) Vulgo: *Eccos da Lyra teutonica*.

(3) Vide, *op. cit.*, prologo: «Tambem eu agora tento, ain-

Os ares pedantescos do seu auctor, dando audiencia, do alto da sua escrevaninha, aos velhos vagabundos, que frequentam a sua loja de livros: brasileiros viciados e viciosos, generaes reformados em parasitas do orçamento, janotas, e *vauv-riens* de toda a especie, poetas-tros satanicos e idyllicos, aspiradores de todos os infinitos illicitos—esses ares circumspectos, e essa população ambulante ajudaram a dotar o sr. G. M. com os epithetos mais inchados, depois da *Academia Real das Sciencias* (?) haver ratificado os dispausterios da *Lyra teutonica*, nomeando o Orpheu seu *associado provincial*.

Arranque-se pois a mascara á impostura; aponte-se a mentira, tal como ella é; e fique-se sabendo, de uma vez para sempre, quem é esse ignorante, e o que significa esse *incognito* de *consummado germanista*. Fique-se sabendo, quem são esses *habitués* analphabetos, que sob o pretexto de se informarem dos progressos das letras, andam a quebrar as esquinas, roídos pelo *spleen* de uma vida, vazia de toda a ideia, e de toda a vergonha. Fique-se sabendo enfim, como n'esta terra se arvoram os charlatães em sabios, e como ha uma *Academia*, que se diz: *das Sciencias*, que os lega á immortalidade dos Pasquinos e Polichinellos.

Que havemos de dizer, como sentença final, do volume do *consummado germanista*?

Que é um dos livros mais desavergonhados, que se tem escripto; não, por nos haver attacado, isso seria natural, ainda que o fizesse com dez vezes mais violencia;

da que só em eccos esmorecidos, fazer ressoar nas cordas do rabel portuguez algumas vibrações do alaúde teutonico. Que estylo!

mas *um dos livros mais desavergonhados*, que se tem escripto, pelo character immoral d'elle, pelas suas tendencias baixas, impudentes, e pelos seus fins ignobeis.

Para que dizer finalmente ao snr. G. M. a opinião irrevogavel, que formamos a seu respeito?

Para declarar, que o consideramos como um adversario desleal, como um falsificador de textos, que mutila citações (1), que inventa palavras, linhas, notas, e que conta com a preguiça do publico, para poder falsificar impunemente o que dissemos?

Seria inutil e nojoso.

O snr. G. M. perde, *ipso facto*, o direito de belligerante; é um salteador da palavra alheia, que está em embuscada traiçoeira, quando o adversario o procura á luz do dia. Quem de tal modo procede, colloca-se fóra do campo da lei litteraria, e dá-nos o direito de dizer em geral da sua resposta, como conclusão final — e com o sangue frio do desprezo:

● seu livro mente.

(1) Vide para prova as seguintes paginas d'este livro :

a) *Mutilações flagrantes dos nossos textos* :

pag. 77, e nota 3, *ibid.*

» 114

» 164

» 165

b) *Mutilações flagrantes d'outros textos* :

pag. 107

» 114 (duas mutilações).

c) *Mentiras* :

pag. 54

» 102, nota 2.^a (mentira a favor de Castilho).

» 171

» 172.

NOTAS

A pag. 65.

Precisamos de explicar a razão porque traduzimos o *gelehrt*, por «doctrinario», applicado ao drama da época de Goethe e Schiller. O termo *doctrinario* tem aqui uma relação mais profunda com as creações dramaticas da época (principalmente com o *Faust*), do que o leitor imagina. A verdadeira critica reconheceu hoje unanimemente, que na Segunda parte do *Faust* se collocou o auctor n'um ponto de vista puramente objectivo (1). O mundo da *acção* (2), em que Faust se move n'este segundo periodo do poema, colloca-o em face de problemas, que o heroe *define* perante a sua consciencia, e *resolve*. Essas *definições* e essas *resoluções* dos grandes problemas da

(1) Não se tome esta proposição n'um sentido todo absoluto, mas simplesmente no sentido em que Goethe a definiu pessoalmente. Vide, para evitar repetições, a pag. 137, nota 1, as proprias palavras do poeta, apud. Eckermann.

(2) Vide atraz, pag. 132, nota 1.

existencia, constituem as normas da sciencia da vida (1) (*Lebensweisheit*), o thesouro da *doctrina* de Goethe; aqui, (Segunda parte) já elle não é o individuo apaixonado, limitado ao circulo dos seus sentimentos, subjectivo, emfim (Primeira parte).

Na *Primeira parte* é Goethe sem duvida o poeta, sentindo com toda a sua força subjectiva, que domina; na outra é o sabio, que abre os thesouros da sua sciencia incomparavel; é o mestre, que nos explica a vida e os seus altos deveres. O primeiro papel era admiravel, este ultimo foi veneravel; e que Goethe chegasse intacto e forte a essa segunda phase da vida; intacto e forte, moral e intellectualmente, issò é uma gloria, não só para a Allemanha, mas uma das maiores glorias para o espirito humano.

Esta traducção de *doctrinario* casa-se tambem perfeitamente com a definição, que Carriere dá do *Faust*. «O *Faust* é um poema de pensamentos» (2); ligando esta definação, com o que o mesmo commentador diz: «o sabio poeta entrelaçou aqui o melhor da sciencia do seculo» (3), podemos determinál-a mais propriamente: *O Faust* é um poema de *maximas* sobre a vida e a sciencia, isto é *doctrinario*.

A pag. 148 e 149.

Temos de retirar uma censura, que fizemos ao sr.

G. M., emquanto á passagem:

«O prologo dramatico é *quasi tam antigo* como o

(1) Vide atraz, pag. 131: «Preparados — até — humana».

(2) Vide atraz, pag. 65 e 131.

(3) Vide atraz, pag. 131.

mesmo drama» (*Os criticos*, pag. 107). Suppozemos, que o snr. G. M. se referia aqui ao *prologo no céo*, do drama de Goethe, de que se falla no periodo anterior. Manda a boa fé todavia declarar, que por um exame mais attento, notámos que a passagem está desligada do antecedente, e se refere *em geral* ao uso do *prologo*, no drama litterario.

A pag. 165-167.

Aos argumentos que nos serviram no primeiro trabalho (*O Faust*, pag. 80-81), para demonstrar a impropriedade da traducção do titulo *Midsummer night's dream* (em Castilho: *Sonho de uma noite de S. João*), e aos que apresentamos atraz, a paginas 165-167, juntaremos os seguintes, que decidem a questão:

É absurdo suppôr a acção do poema de Shakespeare, na noite de *S. João* (24 de Junho), porque a epoca em que ella se desenrola é apenas um mez antes, na manhã e noite do *primeiro de Maio*. É Gervinus (1) que o diz; é Bodenstedt (2) que o repete, fundando-se ambos nas palavras do proprio Shakespeare. O poeta falla repetidas vezes no *Maienmorgen* (3), e na festa allegorica d'este dia; no *Maibaum* (4), etc. É sabido o

(1) *Shakespeare*. Leipzig, Engelmann, 1862, v. 1, p. 237.

(2) *William Shakespeare's dramatische Werke*, traduzidas por varios auctores (Vide atraz pag. 166) e publicadas com introduções e notas por F. Bodenstedt. Leipzig. Brockhaus, 1872, vol. 1, pag. 78, e 82 das Notas.

(3) K. Simrock. *Handbuch der deutschen Mythologie*. Bonn, Marcus, 1864, 2.^a ed., pag. 581, 583, 590.

(4) A manhã em que se procedia á cerimonia da festa. Vide idem, *Op. cit.*, nas palavras: *Maibaum, blumen, braut, führer, fest, graf, jinde, käfer, könig, lehn, ritt, tag, e Maitags-horn*.

modo como os povos da raça celtica e germanica festejavam a primavera no *Maienlager*, ou *Maienfeld*, onde se executavam as ceremonias religiosas, que precediam as eleições dos chefes (*Gaugraven*). É certo, que um ou outro uso da festa de *Mai* passou para a de *S. João*, mas isso foi devido á influencia do christianismo (1), e o assumpto de Shakespeare nada tem que ver com elle. O *Midsommer night's dream* é uma reunião de episodios, enfeitados com allegorias e factos tirados da mythologia assyrica (episodio de Pyramo e Thisbe) (2), do mundo hellenico (episodio entre Hermia e Lysandro, e Demetrio e Helena), da mythologia germanica (Oberon (3), Feenkönigin, as *Elfen* (4), etc.), da mythologia romana (*Titania-Ovidio*), etc.

(1) K. Simrock, *Op. cit.*, pag. 585.

(2) Vide o episodio de Ovidio, em *Metamorphoses*, livro iv.

(3) Note-se, que o nome *Oberon* apparece no romance de *Huon de Bordeaux*, mas tambem se encontra no livro popular do *Robin Goodfellow*. A *Feenkönigin* é em geral denominada *Frau Mab*; o nome de *Titania* é provavelmente uma reminiscencia de Ovidio (Apud Gervinus, pag. 252).

(4) A maneira como Shakespeare aproveitou o mytho das *Elfen*, tirado da tradição saxonica, é admiravel; segundo essa tradição são espiritos sombrios, taciturnos. Nos antigos romances de cavallaria as *Elfen* (aliás *Feen*) não tem character definido, assim como em Chaucer e Spenser, predecessores de Shakespeare. O poeta serviu-se da tradição saxonica, e renunciou á feição romantica dos poetas idyllicos, para a retemperar nas fontes da alma popular. Shakespeare transportou esses phantasmas das regiões frias da Escocia e da Germania ás planicies odoríferas da India, ao paiz em que a humanidade vive quasi em sonhos, e fez das *Elfen* o symbolo da phantasia nocturna. «São pintados como sendo almas da natureza, mas sem as faculdades superiores do homem, apenas com o poder das faculdades dos sentidos, e do encanto da phantasia (pag. 247). A relação que Gervinus demonstra, com admiravel sagacidade, entre este character das *Elfen*, e certos typos na natureza humana, é surprehendente, mas clara. Gervinus toma,

Como é que n'estes elementos, puramente pagãos, se descobre uma allusão a factos do mundo christão?

Quem descobre aqui o *S. João*?

Episodios reaes, no *Midsummer night's dream*, ha apenas a admiravel allegoria (*Love in idleness*), a tragica historia dos amores entre o Conde de Leicester e a Condessa Lettice de Essex (1). Mas que relação ha ainda aqui com o *S. João*?

O Visconde de Castilho ignorou e ignora tudo isto; é um pobre ignorante, que não passa de uma mediocre latinidade, e que á vista d'esta breve exposição dos elementos da creação de Shakespeare—ficará absorto, horrorisado ante esse *imbroglio* inglez, composto de elementos aparentemente inconciliaveis. A alliança d'esses episodios tão differentes, e d'essas allegorias tão extraordinarias, é o segredo do genio. Não pretendemos haver explicado o *Midsummer night's dream*, mas sim extractado o necessario para o nosso proposito; quem se interessar pelo resto, pode lel-o em Gervinus (2). O nosso fim, que era demonstrar a absurda traducção do título

como ponto de comparação, certas naturezas femininas, cujas tendencias se harmonisam com a natureza das *Elfen* de Shakespeare; do outro lado essa demonstração explica a allegoria do *Love in idleness*, porque a natureza da Condessa Lettice de Essex é uma d'essas naturezas sylphidicas. E assim vae Gervinus estabelecendo a reciprocidade e a ligação admiravelmente delicada dos episodios d'esse lavor poetico quasi aereo. E era o Visconde, que, com a sua brocha de trolha classico nos havia de esboçar este sonho poetico?!

(1) Notaremos que um filho d'esta dama, o mais tarde celebre Conde Roberto de Essex, amante de Isabel d'Inglaterra, foi um dos protectores de Shakespeare.

(2) *Shakespeare. Ein Sommernachtstraum*, v. I, p. 235-256.

em: *Sonho de uma noite de S. João*, realisamol-o. Os nossos conhecimentos serão poucos, mas ainda chegam, e sobejam, para dar uma lição ao snr. Gomes Monteiro, a Castilho, e á confraria do *Elogio mutuo*, reunida em conciliabulo.

APPENDICE

SOBRE A LENDA FAUSTIANA

(A GRAÇA BARRETO)

Quando a resposta d'este cavalheiro sahiu á luz, estava o nosso manuscrito, já ha oito dias, completo, na *Imprensa Portugueza*; não podémos pois referirmo-nos a elle, nas paginas escriptas, razão pela qual aqui inserimos este *post-scriptum*.

Fazemos esta declaração ainda por um motivo; para explicar duas concordancias entre Graça Barreto, e nós, e que podem dar aos caçadores de plagiatos azo a novas phantasias.

São ellas: o modo como nos defendemos da insinuação á *cegueira physica* do Visconde, e os argumentos com que defendemos o que fôra dito por nós (1), com relação ao caso da Lilith, citações que o snr. G. M. mutilou e falseou.

(1) *O Faust*, pag. 76-80.

Emquanto á primeira concordancia, diremos que ella nada tem que ver com as razões de G. Barreto, por isso que o nosso *communicado* ao *Primeiro de Janeiro* (1), foi escripto, quando o folheto do nosso collega ainda nem sequer estava delineado.

A segunda concordancia explica-se por havermos ambos consultado fontes allemãs, que indicam os mesmos resultados — com a differença, porém, que as nossas fontes são: a *Biblia protestante*, Lebahn e Carriere; emquanto G. Barreto colheu as suas informações, não só de livros allemães, mas até transcreveu as passagens directamente do texto hebraico.

Voltemos á resposta de Graça Barreto.

Os seus conhecimentos especiaes da litteratura faustiana dão-lhe pleno direito de intervir n'esta questão, e de julgar gregos e troianos; o Visconde terá de certo no futuro trabalho (2) de G. Barreto, um juiz não menos severo do que nós o fomos, assim como o snr. G. M. soffreu já a primeira correcção, que a sua ignorancia merecia.

G. Barreto notou no nosso livro, a « falta de gravidade serena do espirito scientifico, desprevenido e impassivel. » É verdade isto, que A. Coelho já disse: (3), verdade, no sentido amplo da palavra; mas, confessado o defeito, consintam-nos uma declaração.

(1) Vide os documentos finaes d'este volume.

(2) *Do trabalho de tres seculos na elaboração de um poema.* Investigações e observações sobre o caminho percorrido desde as tradições anteriores á lenda do Fausto, commentada por Widmann, até á tragedia de Goethe.

(3) *Bibliographia Critica*, 1.^o anno, pag. 46.

Foi-nos completamente impossivel conservar, no meio dos insultos a Goethe, no meio das blasphemias aos principios mais elevados, que a Allemanha conquistou á humanidade (1); no meio da impudencia, sem precedentes, com que a menor nullidade da litteratura mais liliputiana da Europa, se atreveu á creação mais extraordinaria dos tempos modernos.

Colloquem na balança as nossa phrases, as mais energeticas; augmentem-lhe o pêso com tudo aquillo que quizeramos haver dito, mas que era impossivel dizer-se sequer n'um in-folio — e colloquem do outro lado uma só affirmacão de Castilho; a de **aborto** e de **absurda**, applicada á *segunda parte* do *Faust*, e veremos qual a sentença, que a critica imparcial dará sobre o castigo, que merecia o culpado, e se a nossa correccão foi excessiva.

Houve falta de objectivismo scientifico na nossa critica, escripta no meio da indignação, causada pelo attentado do Visconde, e dirigida pelo espirito dos 23 annos. Do outro lado houve impudencia n'um velho de 73, que depois de se haver deshonrado litterariamente,

(1) Fallaremos sem cessar da *Reforma*, que a philosophia, assim como o espirito da historia, julgou uma conquista superior á de 1789; os resultados d'esta revolução foram em grande parte paralyzados pelo estado moral e intellectual da raça, que a proclamou; os *direitos do homem* haveriam sido uma conquista igualmente grandiosa, se esses homens, que os enunciaram, houvessem realisado a liberdade primeiro no campo *moral e intellectual*. A *Reforma* fôra regeitada pela França, e com ella a unica garantia da futura revolução. Veja-se o desenvolvimento em Gervinus, *Geistige Bewegungen in dem dritten Jahrzehnte*, em *Gesch. d. neu. Jahrh.*, vol. viii; assim como as passagens em *O Faust*, pag. 5, nota; e n'este livro, pag. 89-91.

pôz a corôa ao escandalo, na sua velhice, commettendo um attentado, sem exemplo na nossa historia litteraria.

Eis a questão posta nos seus termos.

Falta notar ainda um outro ponto em G. Barreto. As nossas paginas, com relação ao movimento da *Reforma* (1), pareceram-lhe «irritadas, como as de um *sectario*» (2).

Diz G. Barreto, «que n'um seculo de lucta como o nosso, precisa a consciencia de cada um de ser affirmada por provas».

D'accôrdo; eil-as, no que escrevemos. Que a proposito do *Faust* fallassemos da *Reforma*, nada mais natural, nada mais logico. *

Não sabemos até que ponto G. Barreto desenvolverá a sua these historica e moral, com relação á lenda faustiana; mas attendendo a que a seguirá até Goethe (3) — devemos crêr que lhe dará a interpretação mais lata. Sob que ponto de vista o escriptor tratará a lenda, sobretudo desde o principio do seculo XVI, não o sabemos, todavia aqui deixâmos ditas algumas palavras, que lhe podem ser uteis, e que lhe explicarão ao mesmo tempo a nossa insistencia sobre a relação intima da lenda *faustiana* com a *Reforma*.

O que em seguida dizemos, é o resultado consubstanciado de um extenso artigo do Dr. A. Lindner (4)

(1) *O Faust*, pag. 4-7.

(2) *Lição*, cap. III, pag. 18.

(3) Vide o titulo (pag. 194) que diz: «desde as tradições anteriores á lenda — até Goethe».

(4) Lindner é auctor de varios dramas valiosos: *Brutus und Collatinus* (1866), *Stauf und Welf* (1867), *Bluthochzeit* (1871). etc. O primeiro foi premiado com o *Schillerpreis*, um

acerca da *Faustsage* (1), publicado na *National-Zeitung* de 28 de Março de 1869. O auctor, referindo-se aos trabalhos publicados sobre a lenda, nota uma interrupção, desde a obra de Reichlin-Meldegg (1849), salvo alguns artigos em jornaes, e o livro, aliás inutil, de Housse, escriptor luxemburguez. As lacunas que Lindner acha no assumpto, referem-se a tres partes:

1.º Por quem foi escripto o *Puppenspiel* original, e em que data?

2.º Até onde se póde avaliar o merito de Marlowe, com relação á litteratura faustiana allemã?

3.º A importancia da lenda faustiana, e a sua *missão protestante* (2).

Este ultimo ponto é sustentado com uma demonstração tão concludente, que é impossivel deixar de acceital-a.

Quizeramos traduzir tudo o que lhe diz respeito, mas a extensão d'este volume obriga-nos a uma restricção, que não deixará todavia de tocar nos pontos capitaes.

«A insistencia sobre esta missão (a protestante) da lenda, é tanto mais convidativa, que a interpretação,

premio de 1:000 thalers, que se applica a composições dramaticas notaveis, e que é costeadado pelos rendimentos da associação denominada «de Schiller» (*Shillerstiftung*).

(1) Este artigo foi-nos remettido de Berlim pela Senhora Caroline Michaëlis, notavel romanista, a quem renovamos em publico os nossos agradecimentos.

(2) K. Simrock, um dos mais notaveis historiadores litterarios da Allemanha, escrevia ainda ha pouco um artigo em que accentua esta mesma proposição, dizendo: que foi o *protestantismo*, que desenvolveu a lenda faustiana (pag. 26); Simrock ainda insiste mais n'este ponto nas paginas 30 e 36 do seu *Aufsatz*, publicado no *Jahrbuch deutscher Dichter und Gelehrten*. Erster Jahrgang, 1873. Berliu, Heinersdorff.

que a arte lhe deu, turvou o olhar, e deshabituou-o, da analyse do caracter primitivo da lenda».

Mais abaixo:

«A lenda faustiana é um dos notaveis depositos litterarios para o processo de fermentação da *Reforma*». E por isso se justificam as palavras anteriores do auctor, que nota haverem-se quasi todos os povos da raça germanica apoderado da lenda, como de uma propriedade nacional, creando-se assim uma litteratura inteira, em prosa e verso, como se com a lenda se houvesse desprendido a lingua ao espirito da epoca, e este lançasse então ao mundo uma verdade, para a qual faltava apenas o titulo.

«A lenda é um chaos, ao qual affluem os elementos do mundo latino, *na expectativa de uma nova criação*, mas sobre esse chaos páira a consciencia protestante.

«O protestantismo começou com uma critica da egreja romanica, partindo da *Biblia*; depois tocou a vez a esta, e enfim, sujeitaram a razão a um exame identico.

«A lenda faustiana não toca n'este lado positivo, porque não procedeu em sentido reformador, mas simplesmente por um *protesto*.

«Todo o protestante tem a consciencia de ser um sacerdote; não julga a sua salvação dependente de clero algum—*é o seu proprio sacerdote*. Póde tambem ser o seu proprio demonio, por isso que está sobre si, sobre o seu livre arbitrio. *Faust*, isto é, a consciencia do povo germanico (1), sente a divindade da sua origem pela

(1) Exactamente esta mesma ideia se encontra em *O Faust*, pag. 36, sem que nós, escrevendo-a, tivessemos conhecimento do artigo de Lindner.

primeira vez. Quer experimental-a, mas transviado pelo orgulho d'essa consciencia, erra, e exerce-a no mal. Primeiro protesta contra a tutela da sua liberdade, e depois abusa no exercicio d'ella. Colloque-se o dedo sobre um raio de agua, que irrompe sobre a pressão — eis a relação da egreja romana para com a liberdade moral do homem. Retire-se o dedo, e a agua, refreada, saltará no primeiro impeto acima do seu nivel legal. O mesmo faz *Faust*; mas o impulso do raio d'agua diminue, abate, e ella corre placida com o andar dos seculos. É a Reforma em todos os campos da crença e do saber. A lenda faustiana significa, para a Reforma, o salutar aviso sobre o modo, como *não* devemos procurar a liberdade; a sua influencia foi pois em sentido *negativo*. O ideal germanico da liberdade foi aqui procurado, por uma vereda illicita, porque só a *critica do proprio ser* habilita o individuo para a *critica do mundo*».

O auctor estabelece em seguida *tres periodos* para a historia da lenda faustiana.

1.º Desde os tempos mais remotos até 1520, accumula-se o material para a verdadeira lenda.

A ideia resume-se em pactos com poderes sobrenaturaes, attribuidos a muitos nomes.

2.º Desde 1520-1600. As lendas são reunidas de baixo do nome commum: *Faust*.

A lenda absorve o espirito da Reforma, e serve de polemica á egreja.

3.º De 1600 — até aos tempos mais modernos.

A lenda perde o character protestante; o espirito desap-

parece, e fica a indiferença, transformada em arlequinada (1).

O auctor define em seguida a natureza dos symbolos, que a humanidade creou, para significar a sua aspiração a um conhecimento superior das condições da existencia. Falla do peccado original da Biblia, dos mythos de Phaëtonte, Prometheo, Numa, Gyges, e enfim dos elementos legendarios, porém mais systematicos, de Salomão.

A magia dos antigos não teve uma influencia perniciosa, porque apenas entretinha a phantasia, e porque a antiguidade abstrahia da ideia de um mundo incognito. A magia tomou a feição do mytho, incarnou-se na arte, e apenas no ultimo decennio antes de Christo adquiriu ella maior importancia, ferindo a consciencia. O mundo sobrenatural tomou uma feição mais positiva, em virtude do contacto com o christianismo; e o desejo de levantar o véo do futuro, de conhecer o destino da alma, acordou naturalmente. D'aqui, ao desejo illicito de avassalar esse mundo desconhecido, ha a pequenissima distancia, que separa dois extremos.

Chegado o espirito da epoca a este ponto, tomou dois rumos diversos, mas parallelos. O *jim*, a sujeição d'esse mundo sobrenatural, era-lhes commum, mas divergiam nos motivos, que obedeciam a dois impulsos.

O primeiro era a *ancia do goso*; o segundo, a do *saber*; ambos os impulsos distinguem-se claramente, e *não se encontram em lenda alguma antes de Faust*. Estamos

(1) « Das Phlegma bleibt als Hanswurstiade übrig ». Não sabemos traduzir melhor.

ainda no terreno catholico. «A cultura systematica da magia era obra da egreja catholica, e a Reforma não cessou de accentual-o. Luthero combaten, na theoria das indulgencias, uma ideia que conduzia á morte moral: a ideia, que só a acção exterior, sem o auxilio do sentimento intimo, que só o *opus operatum*, isto é, a acção sem crença, conduzia á salvação». O auctor refere depois as ideias do reformador, que condemna as ceremonias mechanicas, a *mise en scène* do catholicismo, a comedia collectiva na egreja, depois da comedia isolada de cada um, perante a sua consciencia. Depois, volta de novo a accentuar os dois impulsos, que caracterisavam a lenda faustiana, para determinar a feição protestante dos *Faustbücher* (livros da lenda). As duas tendencias caracterisavam-se nas duas soluções, que se dava á lenda; a solução catholica terminava por uma conversão e pela *salvação* do culpado; o diabo era sempre burlado por artimanhas jesuificas.

A solução protestante revoltou-se contra isto (1), e o catholicismo, para accentuar mais a sua ideia, sacrificou até alguns papas (Silvestre II, Gregorio VII, Paulo II) que são os heroes de algumas poucas lendas, e que vão, caso raro, directamente para o inferno. Mas era necessaria esta abnegação catholica, porque lhe importava, sobretudo, affirmar a proposição: de que *saber de mais* (2), é que perde o homem, e para a sustentar vendeu tres papas.

(1) Simrock (*op. cit.*, pag. 30) nota tambem esta differença da solução protestante.

(2) Simrock (*op. cit.*, pag. 36) refere igualmente a differença dos motivos, que define o Faust, segundo as duas tradições, a catholica e a protestaute.

Uma outra combinação monstruosa foi a intervenção da virgem; o culto mariano influenciou sobre o desfecho da lenda; a virgem é que intercede, porque era mister também não esquecer os santos.

Lindner mostra, em seguida, como todas as historias de magia confluíram no *Faustbuch*; fechando assim os antecedentes da lenda, passa á biographia do heroe. Do meio das principaes versões, que estão levemente indicadas, resalta o seguinte:

O periodo, que geralmente fixam para a existencia de Faust, é de 1521-1540; a relação com *Fust* (1), impressor, é filha do seculo XVIII, e deve-se a Klinger e Klingemann, notando-se porém que a imprensa era já no seculo XVI uma arte magica aos olhos do povo, a quem os frades haviam contado a sua historia diabolica. O nome de *Faust* era, além d'isso, vulgar na Allemanha; os *fahrende Schüler* (*scolastici vagantes*), sujeitos de má nota, candidatos infelizes, corriam o mundo, enganando o povo com todas as receitas do charlatanismo; tudo especulava, depois de haver aprendido na melhor eschola — o catholicismo.

«Supponhamos que Faust era um d'esses charlatães; a sua homonymia com o celebre impressor é um excellente ensejo para impôr á massa. O nome *Hemithaus Heidelbergensis* é um dos muitos nomes, que fizeram quebrar a cabeça aos eruditos e architectos de hypotheses, até

(1) Simrock defende (*op. cit.*, pag. 31, 32, 33 e 34) com particular interesse a relação do personagem Faust com o impressor *Johannes Faust* (*Joannis Fust*, Trithemius, *Chron. Hirsaug.* n. 421) e ainda que receite a fabula do seu processo em Paris (segundo Walch, *Decas fabul. argent.* 1604. 29-30, refutado por Schwab) suppõe haver n'ella um fundo de verdade.

que o Dr. Ullmann examinou os papeis da Universidade de Heidelberg, e achou n'elles um *Johannes Faust*, inscripto em 1509, como bacharel em theologia.»

Lindner julga porém secundaria esta descoberta:

«A natureza da lenda nada soffre com isso; a lenda estava madura, a ponto de cahir, e para heroe servia qualquer pantomineiro; se a sua reputação era mesquinha, restava-lhe a fortuna da lenda, para que fosse um homem rico.»

Ácerca da morte de *Faust*, fornece Lindner uma conjectura, que não deve admirar, á força de ser natural; porque o que é mais evidente, acha-se só tarde, as mais das vezes.

Todas as noticias dizem que Faust fôra encontrado com o pescoço torcido, e com os membros desconjuntados; e repetem, *a una voce*, que se sentiu um tremor na sua casa. Ora Faust occupava-se com preparações chemicas, e uma relação de 1715 conta uma historia de uns caçadores de thesouros (um estudante e dois burguezes) que foram, n'uma noite de natal, escavar n'uma casa, situada n'uma vinha; para se aquecerem, accenderam carvão n'um vaso de flores, mas a evocação não chegou a concluir-se. Weber (o estudante) adormeceu, e os dois burguezes do mesmo modo, apparecendo mortos no dia immediato; o estudante foi o unico que escapou. Em seguida enviou o magistrado tres guardas á caça do diabo; como o frio era o mesmo, accenderam mais carvão ainda, n'um vaso ainda maior, e morreram . . . asphyxiados por acido carbonico; o povo teimou porém que fôra o diabo, que lhes torcêra o pescoço.

Voltando á lenda, diz Lindner:

«O processo de condensação do Faust começou provavelmente já em vida d'elle. O assumpto estava em deposito, e onde Faust apparecia, absorvia elle tudo, como o magnete attrahe a limalha.

«O povo poetisa a seu modo, e n'este caso dá-se uma verdadeira *condensação* poetica, que nos faz adivinhar como as canções de Homero e os *Nibelungen* se agruparam em torno dos respectivos heroes, até que appareceu o compilador, o herdeiro que entrou de *graça na herança*» (1).

«Em 1587 apoderou-se um homem de instincto genial do assumpto, e escreveu o *Faustbuch*, fundindo tudo n'uma biographia, a que pôz o nome de *Faust*.

«Desde este momento nada temos já que fazer com o charlatão das praças, mas só com o *Faust* do *Faustbuch*». A polemica protestante apoderou-se em seguida dos differentes *Faustbücher* (1587, 1588, 1589); primeiro timidamente, sem tendencia clara. Widmann realisou-a n'uma polemica decidida, no seu trabalho de 1599. As suas reflexões moraes (2) são multiplas, e escriptas prolixamente, mas devem-se considerar como a base dos trabalhos posteriores, e como uma exposição da *ideia protestante*».

Lindner aponta as numerosas edições, que se fizeram dos *Faustbücher*, assim como a sua propagação prodigiosamente rapida pela Allemanha, Hollanda, Ingla-

(1) Parece-nos o unico modo de traducção de «als lachender Erbe».

Simrock (*op. cit.*, pag. 26) está de accordo com isto:

«Como Faust é o magico mais moderno, absorve elle facilmente a herança de todas as anteriores lendas maravilhosas».

(2) Vide *O Faust*, pag. 111 — A lenda do Dr. Faust.

terra, França e Polónia, *em doze mezes apenas*, como uma prova evidente da oportunidade do assumpto faustiano. Voltando Lindner á tendencia da obra do *collector de 1599*, insiste:

«Widmann accentua, tanto no prologo, como no texto, expressamente a ideia protestante, e para o provar, bastarão as seguintes indicações:

1.º Widmann conta que *Faust* se entrega á magia, graças á leitura de *livros de papas*; e que aprendêra a divinação de ciganos, e outra gente pagã.

2.º Diz que os papas e cardiaes se entregavam á magia.

3.º Que tinha relações com os frades; o que se confirma pelo grande numero de cartas a padres catholicos, que se acharam no seu expolio.

4.º Widmann acha o habito do frade, a melhor vestimenta para Mephistopheles (1).

5.º Quando *Faust* está na agonia final, trata de se defender com a fradaria (2), mas o diabo não faz caso d'elles, e leva a victima. Este indicio é claro, mas o mais importante, eil-o:

6.º Segundo Widmann, prohibe o diabo a *Faust* todos os documentos em que se funda a crença na salvação, segundo a ideia protestante: «*Foge de João* (Evangelho de S. João)—diz elle, e *do grande fallador Paulo*». Mas ao mesmo tempo dá-lhe licença para discutir: *sobre a Missa; sobre o purgatorio; sobre a theologia escho-*

(1) Aqui cita Lindner a passagem de Widmann, com relação ao *Fiat* e *Fuat*.

(2) Lindner diz: *Messpfaffen*, isto é: fradaria, que dizia missa (*Messe*), provavelmente uma especie do tempo da Reforma.

lastica; sobre ceremonias, e mesmo até sobre S. Matheus, Marcos e Lucas, por serem excellentes meios para se EMBRUTECER (1), ideia de uma ironia verdadeiramente protestante!»

«O celibato é atacado com particular violencia, e entre as 5 condições do pacto, está a que prohibe a *Faust* de entrar no matrimonio. Esta condição, segundo Widmann, foi imposta a *Faust* pelo diabo, para o levar á vida sodomitica, como a que os papas e cardeaes praticavam. *Faust* visita durante uma excursão a cidade de Roma, e convence-se da vida corrupta da cõrte papal. É possivel que Widmann se recordasse da viagem de Luthero a Roma, que tão abençoados fructos produziu para a igreja. Marlowe aproveitou esta circumstancia».

Lindner passa emfim a demonstrar a existencia da polemica religiosa nos *Faustbücher* mais antigos, de 1587, 1588, 1589, provando-a com o seguinte:

1.º O *Wagnerbuch* de 1593, uma stereotypisação (*Abklatsch*) da lenda faustiana, cujo auctor affiança expressamente «que não tem a menor intenção de *offendler a igreja*», o que presupõe, que o clero catholico já havia anathematisado os *Faustbücher*.

2.º O drama de Marlowe, em que se reflecte vivamente a tendencia polemizadora da fonte, que lhe serviu de base, o *Faustbuch* de 1587.

3.º O argumento mais curioso, que data de 1862, e que vem do proprio seio da igreja catholica: o livro do Professor Housse, de Luxemburg, sobre o *Faust*: em que elle quer provar que heroe fez com effeito mila-

(1) Sic, «fürtreffliche Mittel zur Verdummung».

gres, com o auxilio do diabo, fundando-se no ponto de vista da Biblia (!) e da doutrina positiva. As explicações da physica, mais que sufficientes para desmascarar aquella magia: por exemplo, a relação do sangue humano com os mineraes— são para o snr. Housse letra morta; os fructos de uma sciencia duas vezes secular, não existem para elle!»

É emfim uma verdadeira reliquia de professor, um extraviado da velha guarda— diremos nós, fechando a exposição de Lindner.

.....

O publico pode passar em branco o que fica escrito, como communicação particular a G. Barreto; duvidamos mesmo, que o snr. G. M. entenda isto, ou as paginas antecedentes.

Nós fazemos-lhe a justiça de não pedir mais, do que a logica nos permite; onde não entenderem, passem adiante, como fazem as crianças. A nossa intenção foi particular, e tem a vantagem de preencher no nosso primeiro trabalho (1) uma lacuna mais sensivel, como outras que lá existem, e hão-de existir sempre em ensaios.

.....

Ahi tem G. Barreto a razão por que accentuamos o movimento da *Reforma*, com relação á lenda do *Faust*; fizemol-o sem conhecer os trabalhos de Lindner e de Simrock, mas por estarmos ao facto dos resultados da sciencia. Se ha algum movimento que mereça, na nossa

(1) *O Faust*. A lenda do Dr. Faust, pag. 109-200. N'esse capítulo tratámos apenas da propagação erudita da lenda.

actual condição (1), de ser profundamente estudado — é o da *Reforma*; e diremos, que é aquelle de que menos fallam, mesmo os que entre nós escrevem mais e melhor (2); uns ignoram-o por má fé; outros fingem ignoral-o, affectando uma certa «superioridade perante o sentimento religioso, como sendo uma meticulosidade de espiritos pequenos» (3).

Que se admittam em completo, ou modificadas, as conquistas moraes do protestantismo, parece-nos accéitavel; isso é questão de cada um, que procura, perante a sua consciencia, a base moral das suas acções n'este ou n'aquelle principio superior, modificado n'este ou n'aquelle sentido; mas que se riam das ideias protestantes, é uma consequencia logica n'um estado de impudencia, como o nosso, em que não ha nada a perder.

Estamos convencidos, que o que levou Graça Barreto a descobrir o «sectario irritado» (4), foi apenas o entusiasmo das nossas palavras; a culpa já foi confessada.

Se o nosso publico já não comprehende, nem avalia a nossa *indignação*, perante o attentado, é porque esque-

(1) Não fallamos só de Portugal, mas do mundo catholico em geral.

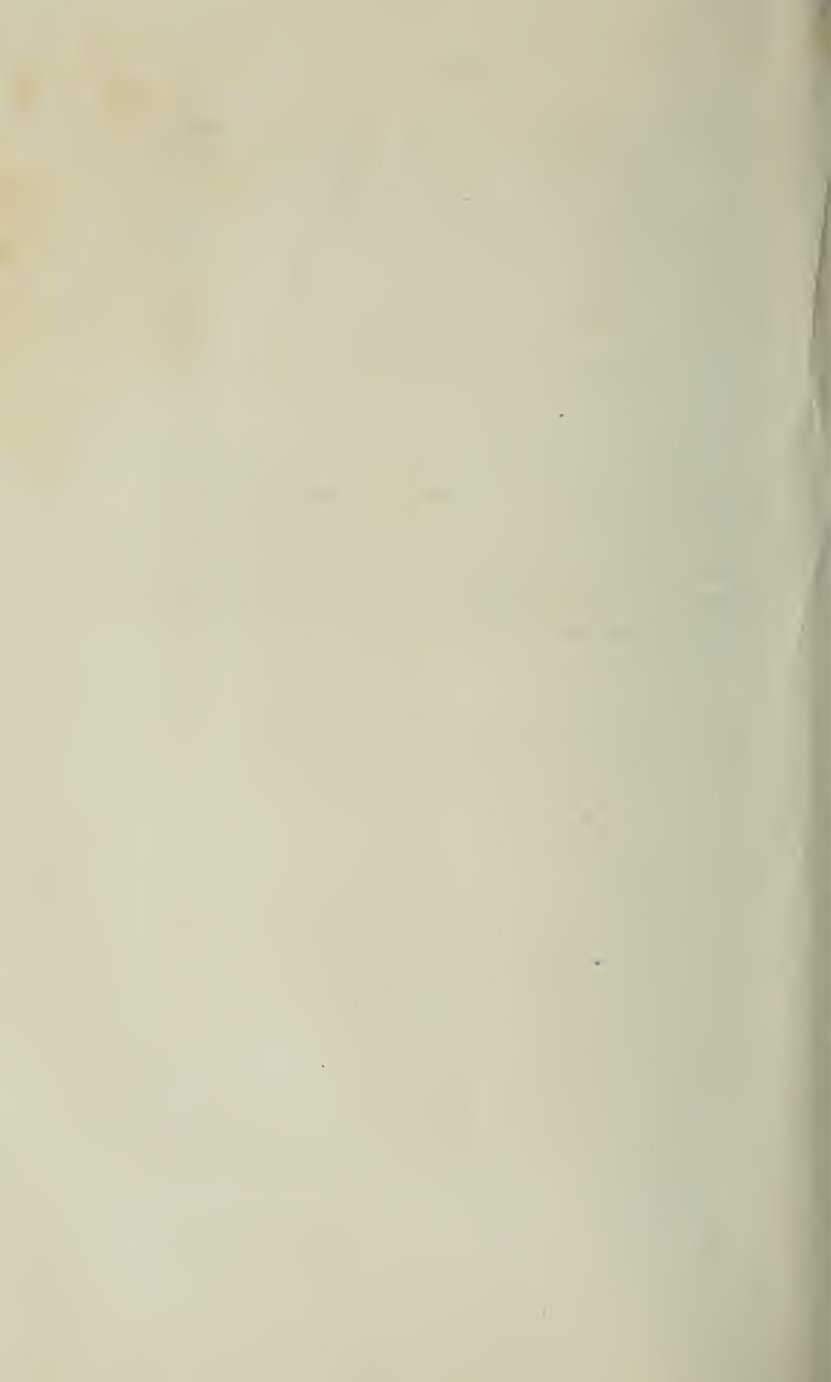
(2) Já vimos, a pag. 12 e 13, a proposito da *Historia da instrucção nacional* de D. Antonio da Costa, como este auctor illudiu a questão; é um exemplo entre muitos.

(3) «*Religionsempfindung als Kleingeisterei.*» Gervinus. *Geistige Bewegungen*, em *Gesch. d. nenz. Jahrh.*, vol. viii, pag. 158; onde a moderna geração litteraria em geral, pode ver o seu retrato, a proposito da analyse da influencia de Byron; onde sao contemplados, com a authoridade que dá uma sciencia superior, «todas aquellas naturezas de livres pensadores, que julgam attingir o *supremo gráo intellectual* («*Blüte des Geisteslebens*»), abalando os pontos de apoio, na religiao, no estado e no lar domestico» (pag. 159).

(4) *Lição*, pag. 18.

ceu o que é a vergonha; se acha irrisorio o nosso *enthusiasmo* por um principio moral, que tem sido a base da nossa conducta, é porque é incapaz de senso moral, e se ri d'aquillo, que é sagrado — a convicção, d'aquillo, que foi, com a invenção da *Imprensa*, o facto mais gigantesco dos tempos modernos, o facto que um Kant, um Lessing, um Goethe, que um Hegel, que um Humboldt, que um Schlosser, que uma nação inteira, que dá as leis no mundo da sciencia e das conquistas moraes, reconhece ainda ser o principio vital da sua existencia.

Isto não tira á critica imparcial o direito de notar os nossos defeitos, como escriptor; e depois de haver G. Barreto escutado a nossa defeza, confessâmos de novo ao nosso collega, que tem razão — e que não fomos, com relação a Castilho, objectivamente critico, porque não podêmos sel-o, no momento psychologico.



AO PUBLICO

Devemos expôr finalmente ao publico, em geral, um assumpto, que por ter sido repetido em varios jornaes (1), e se referir a insinuações pessoaes, aleivosas, falsas, e forjadas de proposito para illudir o publico, circulou com uma certa publicidade, ainda que a artimanha, e a mentira não passasse desaperccebida para muitos. Os documentos que em seguida vão ler-se foram levados por nós á Redacção do *Primeiro de Janeiro*, e como o proprietario estivesse ausente, deixámol-os acompanhados de uma carta, que em seguida se lerá. O proprietario appareceu, na manhã immediata, a visitar-nos; e como então não lhe podessemos fallar, procurou-nos novamente mais tarde, sendo o resultado da entrevista, não se publicar o nosso communicado, promptificando-se todavia o proprietario a fazer uma declaração, com o fim de satisfazer o nosso melindre. Recusámos, fazendo-lhe vêr, que o que pediamos, era simplesmente a publicação dos documentos, nem mais nem menos.

(1) *Primeiro de Janeiro*, *Diario Illustrado*, etc.

Desfez-se então o proprietario em mil explicações, que nos haveriam provado até á evidencia, (se o não soubessemos já) a que triste posição desce um proprietario de uma folha portugueza, por causa dos seus interesses, porque a final chegamos a declarar-lhe, que comprehendiamos as suas duvidas, e a dizer-lhe aquillo mesmo.

O snr. G. M. fica préviamente avisado (1) do que o espera, se tiver a lembrança de fazer novas insinuações pessoaes; recommendamos-lhe, que medite bem o final do nosso capitulo III (2). Aos outros seus collegas póde succeder, com a publicação de documentos ineditos, que possuímos em parte (sabemos onde procurar o resto) — alguma surpresa, não que os desmascare, porque já não teem vestigios sequer de vergonha, mas que poderá comprometel-os mais gravemente perante a opinião publica.

Eis o communicado:

O Cavalheirismo do snr. José Gomes Monteiro

Snr. Redactor do *Primeiro de Janeiro*.

No seu jornal de terça-feira, 22 de Abril, lia-se um folhetim, que contém allusões pessoaes, que são prohibidas em geral, e muito mais n'uma folha publica, que devia repellir os insultos, em logar de lhes dar franca hos-

(1) Vide atraz, pag. 54 e 55.

(2) *O consummado germanista como litterato e como homem.*

pedagem nas suas columnas. Venho pois requerer o que a justiça civil me concede, reclamando de V. a inserção das seguintes linhas, no mesmo logar do seu jornal, em que os insultos sahiram impressos. Creia-me com toda a attenção de V.

M.^{to} att.^o ven.^r e cr.^{do}

Joaquim de Vasconcellos.

Na ultima columna do folhetim de Camillo, lê-se:

« E em cada pagina se repetem allusões semelhantes a esta: Tentamos o seguinte parallelo para mostrar a quem não vê o que é ter vista.»

« Isto, accrescenta o snr. G. Monteiro: « É baixo, é vil, é ignobil! »

« Que doridas e nobres reflexões escreve a paginas 58 o auctor dos « Criticos do Fausto » com referencia á villania do insultador da cegueira de Castilho! Aquella escuridão exterior que nos internece a lagrimas, e nos dobra o joelho respeitoso deante da brilhante alma que lá se está abrindo em torrentes de luz, foi, no discorrer de setenta e tres annos, duas vezes improporada como um delicto: uma vez por Theophilo Braga, outra por Joaquim de Vasconcellos; e por mais ninguem; diga-mol-o em desafronta d'este paiz e da humanidade. »

Estas considerações do romancista foram sugeridas pelo que se lê a pag. 58 do volume do snr. José Gomes Monteiro, e que vae adiante marcado em grifo. Ora, parecendo-nos que o romancista havia deturpado o pensamento do nosso adversario, para nos collocar em luz des-

favoravel, fazendo uma insinuação ignobil, dirigimos ao snr. José Gomes Monteiro a seguinte carta :

V. respondeu á minha critica, direito que ninguem contesta, e que eu serei o primeiro a reconhecer n'uma refutação que preparo; dirijo-me a V. com outro fim, porque lendo em repetidos logares do seu livro (pag. 58, 98, etc.) que V. confia na minha *lealdade de cavalheiro* (sic), tenho o direito de pedir-lhe o seu testemunho para me descartar de uma insinuação baixa e indigna do snr. Camillo Castello Branco, feita a proposito do livro de V., insinuação que, embora deduzida das linbas da sua resposta, eu não creio que fossem o echo das suas ideias, ao escrevêl-as. Refiro-me á seguinte passagem :

«E em cada pagina se repetem allusões similhantes a esta: *Tentamos o seguinte parallelo para mostrar a quem não vê o que é a vista!*»

«Ha mais de tres mil annos que, desde Homero até Milton, e desde Milton até Castilho, a humanidade se curva reverente e compungida diante do infortunio *a que se allude*; infortunio sagrado que centuplica a nossa admiração por estes genios que a Providencia parece ter escolhido para mais claramente patentear a natureza espiritual e divina da alma humana. E o snr. Vasconcellos, o despresador de todas as conveniencias, degrada-se a ponto de insultar esta augusta calamidade!»

Isto não podia entender-se de maneira alguma com o Visconde de Castilho; primeiro, porque declarei em mais de um logar da minha obra, que o que escrevia não era para o Visconde de Castilho, nem me importava que elle ficasse entendendo melhor o *Faust*, depois de

haver lido o meu volume, do que o entendia antes; referencias que V. *copiou* no seu volume, n'uma pagina de que agora não me recordo.

Segundo, porque as insinuações pessoas nunca foram argumento para mim (1); terceiro, e este é o ponto principal, porque na pagina XI se lê evidentemente a quem se refere o dito da pag. IX. Transcrevemos as passagens em frente uma da outra:

«... tentamos o seguinte paralelo para mostrar a quem não vê, o que é a vista» (pag. IX).

«Saiba o *publico* é *aquelles* que até hoje tem permanecido com os *olhos fechados*, não querendo vêr nem ouvir a verdade», etc. (pag. X).

Na mesma pagina se lê, nos pontos das nossas accusações contra Castilho:

«3.º Que Castilho ignora a existencia dos commentadores, e que entron no *Faust* ás *cegas*, **intellectualmente fallando**» (pag. XI) (2).

Quero pois crêr, que a allusão, que V. achou ao Visconde de Castilho, foi resultado de um descuido na leitura, e que a agitação que transluz nas palavras... *É bairro! é vil! é ignobil!* — o impediu de conhecer a verdadeira relação das minhas palavras.

(1) Se no fim do capitulo III fazemos umas allusões pessoas ao snr. G. M., é porque o consideramos desde a sua resposta á nossa carta, como um *adversario desleal*, e um *escriptor de má fé*; hoje, em vista da resposta, ainda o julgámos mais: como um *falsificador de textos*, que perdeu todo o direito á menor contenção; se fazemos insinuações, é porque são verdadeiras, e baseadas em documentos authenticos, que temos á vista.

(2) Esta ultima prova, a nosso favor, não existe na nossa carta particular ao snr. José Gomes Monteiro, como faltam alli outras muitas, tão decisivas como esta.

Repito: que me parece haver sido resultado de um descuido ou lapso de leitura, pois é justo, que acreditando V. no meu cavalheirismo, como por mais de uma vez affirma, eu não duvido do seu, porque o do snr. Camillo Castello Branco é para mim indifferente.

Confio pois que V. me responda, sem rodeios, em carta autographa, reconhecendo o seu engano, para eu fazer o uso conveniente, publicando-a; aliás vejo me na dura necessidade de duvidar da sua boa fé e cavalheirismo.

O portador d'esta, o snr. Anselmo de Moraes, receberá a resposta de V.

Creia-me de V.

M.^{to} att.^o ven.^r e cr.^o

Joaquim de Vasconcellos.

S. C., 22 de Abril de 1873.

O snr. José Gomes Monteiro, em lugar de responder acto continuo, como o pedia a civilidade, só após 24 horas é que deu resposta, deixando a insinuação de pé.

O snr. José Gomes Monteiro, em lugar de responder lealmente, e *sem rodeios*, como homem que tem ainda *point d'honneur*, preferiu dar-nos a seguinte resposta, digna de um *Tartufo*.

Eil-a:

« Em resposta á carta de V. que hontem me foi entregue pelo Sr. Anselmo de Moraes, permitta-me declarar-

lhe que não reconheço em V. nem em pessoa alguma o direito que V. diz assistir-lhe de me interpellar ácerca da interpretação que o snr. Camillo Castello Branco dá ás palavras que eu escrevo.

De V.

M.^{to} att.^o ven.^r e cr.^o

23-4-73.

J. Gomes Monteiro.»

Em primeiro lugar, não ha *interpretação*; o snr. Camillo não fez mais do que *copiar* o que o snr. José Gomes Monteiro escreveu; a resposta do nosso adversario é pois um sophisma pueril, triste salvaterio de um dilemma em que o snr. Gomes Monteiro se collocou; isto é: ou dar uma bofetada moral no seu collega, o snr. Camillo, desmentindo-se assim a si proprio e a elle, em abono das repetidas classificações de *cavalheiro*, que me concede—ou deixar as insinuações de pé, cahindo em peor contradicção, e minando as bases da sua resposta, que já *não pode considerar-se haver sido feita com boa fé*.

Emquanto ao seu cavalheirismo, devo classificar-o na cathogoria do do seu collega, e considerar o snr. José Gomes Monteiro, que tinha ainda alguma cousa a perder, como o snr. Camillo, isto é: fóra da lei moral e litteraria (1).

Ao snr. Camillo não respondo, porque as suas cen-

(1) É este o ponto de vista moral, que nos serviu para a nossa resposta.

suras, considero-as como honrosas; os seus elogios sujar-me-hiam. Demais, para se saber o que vale o romancista, pergunte-se em qualquer praça publica (1).

Isto fica dito emquanto ás insinuações pessoaes; em outro logar provaremos, debaixo do ponto de vista scientifico, que o snr. José Gomes Monteiro está egualmente fóra da lei litteraria.

Até á vista pois.

Joaquim de Vasconcellos.

Porto, 23 de Abril de 1873.

(1) Ou veja-se o processo, entre o snr. Camillo e o proprietario da *Imprensa Portugueza*, que o romancista pretendeu espoliar—e em que foi condemnado pelos tribunaes, publicado sob o titulo: *Questão de propriedade litteraria.*

ERRATAS

PAG.	NOTAS	LINH.	ERROS	EMENDAS
17		7	Assim manifesta	Assim se mani- festa
17		11	por haver feita	por haver feito
17	Nota 1	2	Porto, 1849	Porto, 1848
20	Nota 4		Riacho que	Riacho que
33		10	parucea	parucea
40		24	<i>à fortiori</i>	<i>a fortiori</i>
45	Nota 3		chamada (3)	leia-se (1)
45	Nota 1		chamada (1)	leia-se (3)
58		17	M. ^{me} de Staëel	M. ^{me} de Staël
77		2	<i>tolus</i>	<i>totus</i>
81		23	atraz do	atraz, do
84		13	a que nos força	a que nos fórça
85		26	insuficiente	insuficiente
88		7	ideal commum?	ideal commum».
89		25	entendia	entendeu
125		1	Já sabia	Já sabia
126	Nota 1	2	Schiller ficou satisfeito	Schiller ficou pouco satisfeito
164		4	ácerca de 130 annos	ácerca dos 130 annos
170	Nota 4	2	de se citar	de citar

PORTO—IMPRESA PORTUGUEZA

DO MESMO AUCTOR

OS MUSICOS PORTUGUEZES, (biographia—critica—historia—bibliographia). Porto, 1870. 2 volumes em 8.º gr., de XXXVI—600 paginas e 6 mappas synopticos 2\$400

LUIZA TODI, estudo critico. Porto, MDCCCLXXIII, em 4.º gr., de XII—164 pag. Tiragem, só 250 ex., numerados. Avulso, 2\$400; para os assignantes da *Archeologia Artistica* 1\$200

É a primeira caderneta da *Archeologia Artistica*, publicação periodica para a Historia da arte, em Portugal; com a collaboração de alguns especialistas nacionaes e estrangeiros. V. os prospectos.

O FAUST de GOETHE e a traducção do Visconde de Castilho. Porto, 1872, em 8.º, de XII—594 pag., e uma tabella 1\$200

Analyse completa da traducção portugueza, confrontada com a traducção literal do auctor, em face do original alleinão.

No prélo :

O FAUSTO de CASTILHO julgado pelo *Elogio-mutuo*. artigos colleccionados e glossados por J. de V. Em 8.º, de cerca de 50 paginas.

A entrar :

OS ARTISTAS DO CATALOGO DA LIVRARIA DE MUSICA D'EL-REI D. JOÃO IV. Seculos XV—XVII. Precedido de um ensaio historico-critico ácerca do mesmo catalogo. Em 4.º gr., de cerca de 120 pag. É o fasciculo III da *Archeologia artistica*.

Estas obras acham-se á venda :

Em Porto, Coimbra e Lisboa, nas principaes livrarias.
MADRID—D. Antonio Romero.
PARIS—V.ve Aillaud Guillard & C^{ie}
HAMBURGO—Hermann Grüning.



PT Vasconcellos, Joaquim
93 Antonio da Fonseca e
G65V3 O consummado germanista

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 15 25 09 021 4